

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

CRISTINA LOPOMO DEFENDI

**A REDUPLICAÇÃO NO PORTUGUÊS CULTO
FALADO EM SÃO PAULO: POSSÍVEL
GRAMATICALIZAÇÃO?**

São Paulo

2008

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA
PORTUGUESA

CRISTINA LOPOMO DEFENDI

**A REDUPLICAÇÃO NO PORTUGUÊS CULTO
FALADO EM SÃO PAULO: POSSÍVEL
GRAMATICALIZAÇÃO?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Letras.
Orientadora: Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes

São Paulo

2008

D357

Defendi, Cristina Lopomo

A reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização? / Cristina Lopomo Defendi; orientadora: Maria Célia Lima-Hernandes. – São Paulo, 2008. 127 fls.

Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa. Área de concentração: Filologia e Língua Portuguesa) – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, da Universidade de São Paulo.

1. Português do Brasil – Gramática 2. Língua culta I. Título

CDD: 469.798

Banca Examinadora

Membros titulares:

Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes
FFLCH-USP
(Orientadora)

Profa. Dra. Íris Gardino
FFLCH - USP

Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi
Ibilce/Unesp – SJRP

Membros suplentes:

Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho
FFLCH - USP

Prof. Dr. Sebastião Carlos Gonçalves
Ibilce/Unesp – SJRP

Profa. Dra. Vânia Casseb-Galvão
UFG

*Dedico este trabalho ao Ricardo,
por total incentivo e compreensão,
não só sempre,
mas especialmente agora.*

Agradecimentos

À Profa. Dra. Maria Célia Lima-Hernandes, a confiança depositada no trabalho e a orientação sempre presente. Mais que isso, agradeço o exemplo de trabalho dedicado e comprometido e a demonstração prática de que é possível sempre fazer mais e acreditar no que parece impossível.

À Profa. Dra. Íris Gardino, as “notas de rodapé” de ensino paciente e acolhedor. Obrigada pela generosidade e pelo carinho demonstrados, bem como pela acolhida nas aulas do PAE (Programa de Aperfeiçoamento do Ensino), imersas em um prazer docente/discente.

Ao Prof. Dr. Ataliba Teixeira de Castilho, os ensinamentos “multissistêmicos”, o bom humor e o imenso conhecimento partilhado humildemente.

Ao Prof. Dr. Mário Viaro, a interessante abordagem histórica da Língua Portuguesa e a pesquisa minuciosa que me fez descobrir outros potenciais em meu objeto de estudo.

À Profa. Dra. Sanderléia Roberta Longhin-Thomazi, o exame acurado e as observações pontuais e cordiais na qualificação, bem como as recomendações bibliográficas e a presteza em me auxiliar.

Ao grupo de Mudança Gramatical do Português, a força, o companheirismo nas aulas, os congressos partilhados. Meu especial obrigado aos amigos Paulo Henrique de Oliveira Barroso e Lídia Spaziani, sempre

prontos a ajudar. Ao Paulo, agradeço a revisão deste trabalho e à Lídia, todos os socorros em relação à língua inglesa.

Ao Colégio Nossa Senhora Consolata, que prontamente me cedeu uma licença para poder me dedicar aos estudos do mestrado. Às Irmãs, à Coordenação e aos professores que ficaram na torcida pelo sucesso dessa empreitada.

Ao CEFET-SP (Centro Federal Tecnológico de São Paulo), centro de excelência no ensino público, o incentivo à produção acadêmica e a busca da qualidade do corpo docente e discente.

Às amigas Eliana Roda Ferreira, Nanci Romero e Maria Ângela Pedrina Mazin. À Eliana, agradeço a força, as palavras de incentivo, a partilha das angústias acadêmicas e as inspirações poéticas. À Nanci, “fada madrinha”, o fato de me aproximar novamente da USP e estar sempre pronta à pesquisa e à ajuda. À Maria Ângela, a amizade, o apoio e o *abstract*.

À minha irmã Célia e aos meus pais, a torcida, a presença amiga e a viabilização de minhas idas à USP, cuidando dos meus pequenos.

Ao Ricardo, o incondicional apoio em mais esta etapa da minha vida. Aos meus filhos, Bianca e Lucas, a compreensão nos momentos de ausência. À Bianca que, num misto de orgulho e resignação, dizia na escolinha: “Mamãe está na USP, vai demorar a chegar” e ao Lucas sempre pronto a demonstrar na prática a língua em constante evolução.

*De tudo ficaram três coisas:
a certeza de que estamos sempre a começar,
a certeza de que é preciso continuar,
e a certeza de que seremos interrompidos antes de terminar.*

“Encontro marcado” - Fernando Sabino

Resumo

Com esta pesquisa, tenho como objetivo verificar se é possível estabelecer um diálogo entre o processo de gramaticalização e a reduplicação no português culto, aqui representado pelo material de língua falada sincrônica do século XX (seis inquéritos de D2 - Diálogo entre dois informantes – NURC SP – CASTILHO e PRETTI, 1987). Entende-se por reduplicação os processos de repetição morfofonológicas, sintáticas e pragmáticas decorrentes, em parte dos casos, de um esquecimento histórico que exige a seleção de um termo com mesmo valor semântico ou função sintática para suprir as necessidades comunicativas. Os dados de reduplicação selecionados do *corpus* foram organizados segundo quatro padrões funcionais, a saber, REDUPLICAÇÃO por: (i) processamento fônico na palavra; (ii) processamento sintático; (iii) processamento sintático não-regencial; (iv) repetição sintática de orações. Essa organização em quatro padrões funcionais obedeceu tanto às definições utilizadas para reduplicação e redobro encontradas em gramáticas e dicionários especializados (que mencionam desde a repetição de sílabas até a repetição de segmentos maiores) quanto às intuições decorrentes da identificação e da análise de dados encontrados no *corpus*. A gramaticalização pode ser entendida como transformações que ocorrem na língua e que fazem emergir novos elementos na gramática. É processo de base metafórica, dinâmico e histórico. Nesse processamento histórico, ocorre o deslizamento metafórico em que se pode surpreender o uso de um item por outro, percebido sincronicamente. Avalio os seguintes mecanismos atuantes no processo de gramaticalização e depreendidos das estruturas reduplicadas: o *bleaching* (SWEETSER, 1988), a reanálise (HEINE *et al.*, 1991), a analogia (HOPPER e TRAUGOTT, 1993), a iconicidade (MARCUSCHI, 2002) e o aumento de frequência (BYBEE, 2003), bem como procedo à checagem do grau de gramaticalização dos itens analisados, aplicando os parâmetros de Lehmann (1995), os princípios de Hopper (1991) e o *continuum* de abstratização proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer (1991).

Palavras-chave: gramaticalização; reduplicação; mudança gramatical; português culto; língua falada.

Abstract

This research has the objective to verify if it is possible to establish a connection between the process of grammaticalization and reduplication in formal Portuguese language. For this verification it was used synchronous spoken language material from the 20th century (six samples of D2 - Dialogue between two informers - NURC SP - CASTILHO and PRETTI, 1987). Reduplication is understood as the processes of morph-phonologic, syntactic and pragmatic repetition resulting from, in some cases, a historical oblivion that claims for the selection of the same semantic value or syntactic function of a word or a term in order to supply the communicative needs. The data of reduplication selected from the *corpus* had been organized according to four functional patterns, known as: REDUPLICATION by: (i) phonic processing in the word; (II) syntactic processing; (III) non-regencial syntactic processing; (IV) syntactic repetition of statements. This organization in four functional patterns had obeyed the definitions used for reduplication and redoubles found in specialized grammars and dictionaries (in which not only the repetition of syllables but also the repetition of bigger segments are mentioned) as this organization obeyed also the resulting intuitions from the identification and the analysis of the data found in the *corpus*. The grammaticalization can be understood as transformations that occur in the language and make new elements to emerge in grammar. It is a process of dynamic, historical and metaphoric basis. In this historical processing, the metaphoric sliding occurs in which suddenly it is possible to be surprised with the use of one item by another, and it can be synchronously perceived. The following operating mechanisms were evaluated in the process of grammaticalization which were inferred from the reduplicated structures: bleaching (SWEETSER, 1988), reanalysis (HEINE et al., 1991), analogy (HOPPER and TRAUGOTT, 1993), the iconicity (MARCUSCHI, 2002) and the increase of frequency (BYBEE, 2003). It was also checked the degree of grammaticalization of the analyzed items (samples) throughout the application of Lehmann parameters (1995), the principles of Hopper (1991) and the *continuum* of abstratitization proposed by Heine, Claudi and Hünemeyer (1991).

Key-words: grammaticalization; reduplicalization; grammatical change; formal Portuguese; spoken language.

Lista de quadros e esquema

Quadro 1	Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia	p.36
Quadro 2	Formas acentuadas do pronome pessoal – preposição <i>cum</i> + ablativo dos pronomes pessoais e reflexivos	p.45
Quadro 3	Repetição e gramaticalização – um exemplo	p.48
Quadro 4	R do nome e reanálise da função sentencial	p.48
Quadro 5	Correlação de parâmetros da gramaticalização	p.51
Quadro 6	Apontamentos sobre critérios de Bally	p.99
Esquema 1	Modelo de interação verbal de Dik	p.70

Sumário

RESUMO.....	p.09
ABSTRACT.....	p.10
INTRODUÇÃO.....	p.14
Capítulo 1 – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	p.21
1.1 O histórico da gramaticalização	p.21
1.2 Algumas noções importantes para a Gramaticalização.....	p.28
1.2.1 Sincronia e diacronia.....	p.29
1.2.2 Analogia e reanálise.....	p.31
1.2.3 Metáfora e metonímia.....	p.33
1.2.4 Iconicidade.....	p.36
1.3 Gramaticalização, reduplicação e repetição.....	p.38
1.4 Modelos para mensurar a Gramaticalização	p.50
1.4.1 Parâmetros de Lehmann.....	p.51
1.4.2 Princípios de Hopper.....	p.53
1.4.3 Efeitos da gramaticalização como instrumentos de mensuração.....	p.57
Capítulo 2 – REDUPLICAÇÃO E LÍNGUA FALADA.....	p.59
2.1. Retomando os estudos lingüísticos.....	p.59
2.2. O processamento local de informações: a língua falada.....	p.65
Capítulo 3 – REDUPLICAÇÃO NO PORTUGUÊS CULTO FALADO EM SÃO PAULO.....	p.72
3.1. Padrões de reduplicação na língua falada.....	p.72
3.1.1 Reduplicação por processamento fônico na palavra.....	p.73
3.1.2 Reduplicação por processamento sintático regencial.....	p.76
3.1.3 Reduplicação por processamento sintático não regencial.....	p.85
3.1.4 Reduplicação sintática de orações.....	p.96

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.112
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	p.115
BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR.....	p.120
ANEXOS.....	p.122
1 – Pá pá pá – Luís Fernando Veríssimo.....	p.122
2 – O recital – Luís Fernando Veríssimo.....	p.124
3 – “Nada mau, nada mau” – Revista Veja.....	p.126

A Reduplicação no português culto falado em São Paulo: possível gramaticalização?

Introdução

O objeto de estudo deste trabalho são os casos de reduplicação na língua falada urbana culta em São Paulo encontrados em diálogos entre dois informantes que cursaram o ensino superior (Projeto NURC – SP). Entendemos por reduplicação o uso repetido de uma estrutura ou de uma construção de igual estatuto sintático e/ou informacional.

O objetivo deste trabalho é verificar em que medida é possível estabelecer um diálogo entre o processo de gramaticalização e a reduplicação no português culto, aqui representado pelo material de língua falada sincrônica do século XX (seis inquéritos de D2 - Diálogo entre dois informantes – NURC SP¹). O espaço para esse diálogo numa amostra relevante de língua sincrônica mostra-se plausível se tomarmos como base o princípio da persistência (HOPPER, 1991), segundo o qual os usos sincrônicos revelariam traços e propriedades de usos anteriores, e também o princípio do uniformitarismo (LABOV, 1994), segundo o qual fenômenos recorrentes no passado ainda sobrevivem no estágio atual da língua.

¹ “O Projeto de estudo da norma urbana culta, conhecido como Projeto NURC, tem âmbito nacional, e gravações foram realizadas em cinco capitais brasileiras: São Paulo (Projeto NURC/SP), Rio de Janeiro, Porto Alegre, Recife e Salvador. Cada uma dessas cidades gravou aproximadamente 300 horas com falantes cultos (entendidos como tal os de formação universitária completa); brasileiros; nascidos na cidade em que as gravações foram realizadas; filhos de luso-falantes; distribuídos em três faixas etárias (25-35, 36-55, 56 anos em diante); sexo masculino ou feminino; que deixaram seu testemunho oral da fala urbana e dos três tipos de inquérito realizados: elocuições formais, diálogos e entrevistas.” (PRETI, 1993:7)

Dessa forma, procuram-se resgatar, por meio de um trabalho predominantemente sincrônico, as mudanças ocorridas na língua as quais revelariam a necessidade de usar nos dias atuais formas repetidas para apresentar uma mesma informação.

Tendo em vista que, ao se escolher o objeto de pesquisa *REDUPLICAÇÃO*, é natural a emergência de associações com *repetição*, *duplicação* e *redobro*, torna-se imprescindível tomar como ponto de partida a incursão em dicionários a fim de que o recorte temático não suscite qualquer tipo de sobreposição semântica indesejável. Para essa tarefa, lançamos mão da consulta a um dicionário não-especializado (HOUAISS & VILLAR, 2001) e a três dicionários especializados (CÂMARA JR., 1973; DUBOIS *et alii*, 1978; e CRYSTAL, 2000).

Houaiss & Villar (2001) apresentam nas entradas *redobro* e *reduplicação* acepções ligadas à área do estudo da língua, sendo o primeiro referido a um processo gramatical como recurso fônico e léxico de intensificação. De acordo com os autores, esse seria um recurso evidenciado já no século XVI e demonstra-se mais produtivo na variedade brasileira do que na portuguesa. O segundo associa-se à estilística e à retórica por meio de recurso tão somente léxico, podendo ser ampliado para uma frase e, nesse caso, receberia um nome mais genérico de *repetição*. *Duplicação*, por sua vez, não remete a acepções vinculadas a processos ou recursos lingüísticos quaisquer. Para facilitar a visualização, destacamos em negrito o trecho alvo da discussão:

REDOBRO (substantivo masculino) 1. ato ou efeito de dobrar; dobradura, dobramento; 2. duas vezes o dobro; quádruplo; 3. Rubrica: **gramática - processo formal de repetir segmentos fônicos de uma palavra ou mesmo toda a seqüência fônica de vocábulos, para indicar categorias gramaticais ou para obter efeitos expressivos; reduplicação [Abrange exemplos da linguagem infantil (*babá, titia*), hipocorísticos afetivos familiares (*Lulu, Vavá*) e os mais diversos recursos intensificadores (*muito, muito alto; fazer uma coisa devagar, devagar*)]. o redobro da sílaba inicial ou da sílaba tônica é fonte em português de expressividade afetiva: 1) na antropônimo -**

(Bebê, Bebê, Bibi, Bubu, Cacá, Quequé, Quiqui, Cocó, Dadá, Dedê, Didi, Dodô, Dodó, Dudu, Fafá, Fefê, Fifi, Fofó, Fufu, Gagá, Guigui, Gugu, Jãojão, Jojô, Jojó, Juju, Lalá, Lelê, Lelé, Lili, Lolô, Loló, Lulu, Mimi, Mumu, Naná, Nenê, Nenê, Nini, Nonô, Nonó, Nunu, Pepê, Pipi, Popô, Popó, Pupu, Rorrô, Rorró, Rurru, Sassá, Sessê, Sessê, Sissi, Sossô, Sossó, Sussu, Tatá, Tetê, Teté, Titi, Totô, Totó, Tutu, Vavá, Vevê, Vevé, Vivi, Vuvu, Zazá, Zezé, Zizi, Zozô, Zozó, Zuzu - formações essas que se podem referir a pessoas tanto do sexo masculino quanto do feminino; a documentação literária é rica, iniciada no s. XVI e em intensificação desde então, aparentemente mais fecunda no Brasil que em Portugal; 2) paralelamente, o vocabulário comum acusa, em menor intensidade, o mesmo tipo de formação, já para a linguagem infantilizante e infantil, já para eufemismos ligados ao corpo e suas secreções ou excreções, já para afins tabuísticos em geral - *cacá, cocô, quiqui, pipi, popô, pupu, babá, bebê, bebê, bubu, bumbum, dadá, mamã, memé, pumpum, fiofó, gugu, lamelame, naná, papá, papai, dandá, titi, titio, titia, venvém* - quando ocorrem formas muito próximas, por vezes, de onomatopéias ou meros estímulos articulatorios

REDOBRAMENTO (substantivo masculino) 1. ato ou efeito de dobrar; redobradura, redobro; 2. acréscimo de intensidade Etimologia: dobrar + *-mento*; ver *dobr-*

REDUPLICAÇÃO (substantivo feminino) 1. ato ou efeito de reduplicar, de dobrar; redobro, aumento; 2. Rubrica: gramática - m.q. **redobro** 3. Rubrica: estilística, retórica. m.q. **epizeuxe** (substantivo feminino); Rubrica: **estilística, retórica - repetição de uma palavra ou série de palavras, sem outra de permeio, com a finalidade de alcançar determinados efeitos, tais como enfatizar o sentido nela(s) contido, exprimir compaixão, exortação etc.; reduplicação**

REPETIÇÃO (substantivo feminino) ato ou efeito de repetir(-se); 1. reiteração de um ato 2. enunciação das mesmas palavras, das mesmas idéias que já tinham sido enunciadas antes; 2.1 Rubrica: **retórica - figura que consiste na repetição de uma mesma palavra ou frase**; 3. lição suplementar dada a um ou vários alunos; 4. Rubrica: artes gráficas - erro tipográfico que consiste em duplicar palavra(s) ou frase(s); duplicação; 5. Rubrica: música - reprodução de um trecho de música indicada por um sinal próprio na partitura; 6. ato de devolver; restituição; (substantivo de dois gêneros) 7. variedade de rifle ou arma de repetição. Etimologia: lat. *repetitio, ónis* 'repetição, o tornar a dizer; recapitulação; ação de subir até a origem; reclamar'; ver *ped-*; f.hist. 1407 *repeticioos*, c1560 *repetição*

DUPLICAÇÃO (substantivo feminino) 1. ato ou efeito de multiplicar(-se) por dois; dobre, dobro, repetição; 2. Rubrica: artes gráficas. m.q. **repetição** 3. Rubrica: artes gráficas - reprodução gráfica por meio de aparelho duplicador

Os dicionários especializados ratificam essa escolha do rótulo. Câmara Jr. (1973: 307 e 330) argumenta que *redobro* é o mesmo que *reduplicação*, remetendo ao campo morfofônico, com efeito estilístico ou expressivo:

repetição da sílaba radical de um vocábulo, a qual em muitas línguas corresponde a um tipo de morfema, dito reduplicativo. Em português, a reduplicação, ou redobro, aparece com conotação de carinho – nos nomes de parentesco na linguagem infantil (papá ou papai, mamã ou mamãe, titio, etc.) e nos hipocorísticos (Lulu, Zezé). Também serve para a estruturação da onomatopéia.

Em relação à repetição, é feita uma menção ao verbete sobre *pleonasm* sem, contudo, conotar nenhum valor negativo atrelado ao emprego desse recurso, mas, sim, um valor expressivo: “Do pleonasm se distingue a repetição, ou iteração, numa seqüência em que se repete o mesmo vocábulo por motivo de ênfase.” (id. p. 193)

Também para Dubois *et alii* (1978: 503-504), *reduplicação* e *redobro* estão em relação de sinonímia, e esses verbetes apresentam as seguintes características:

Chamamos redobro a repetição de um ou vários elementos (sílabas) de uma palavra ou de uma palavra inteira com fins expressivos, como nos hipocorísticos (Mimi, Nhonhò), nos intensivos (é muito, muito pequeno) etc.

1. Na constituição do perfeito grego, chama-se *redobro silábico* o processo que consiste em repetir, antes de uma raiz que começa por consoante, a consoante inicial, fazendo-a seguir por um *e* (*luein* tem como perfeito *leluka*), e *redobro temporal* o processo que consiste em fazer preceder uma raiz que começa pela vogal *e* (*êgmai*, perfeito de *agomai*, isto é, *e+agomai*).

2. Chama-se também redobro a repetição de uma palavra inteira; assim, as palavras latinas *janjam* e *quis-quis* são reduplicações respectivamente de *jam* e *quis*.

Também é usado o termo reduplicação.

Na mesma direção vão as palavras de Crystal (2000: 221), para quem *reduplicação* remete a um processo de repetição morfológica. A diferença entre este e os demais autores é que não são incluídas como entradas, tampouco como sinônimos, os termos *repetição* e *redobro*:

(...) se refere a um processo de repetição através do qual a forma de um prefixo/sufixo reflete certas características morfológicas da raiz. Este processo pode ser encontrado no grego, onde a consoante inicial da regra é reduplicada em certos contextos gramaticais (formas perfectivas). (...) Em português, o prefixo *-re* e, principalmente, o sufixo *-itar* indicam, de certa maneira, a mesma noção.

Nossa escolha em usar o rótulo *reduplicação* é, de certa forma, abonada também por Gladstone Chaves de Melo, que usa esse termo para tratar tanto da repetição de palavras, quanto da de elementos formativos.

Fenômeno de reforço por reduplicação, tendência geral, pois, das línguas, é fato comum em todas elas. O hebraico intensificava a idéia por esse processo: “santo dos santos”, “rei dos reis”, “cântico dos cânticos”, “santo, santo, santo”, “senhor, senhor, senhor”; o francês diz, por exemplo: “C’était un enfant *très, très joli*”; o latim conhecia um sem-conto de semelhantes processos de reforço, nomeadamente o latim vulgar; nós a cada momento ouvimos em torno: “uma criança *linda, linda*”, “um homem *pobre, pobre*”; os portugueses, na linguagem coloquial, nunca deixam, respondendo a perguntas, de repetir o verbo: “*tem, tem*”, “*mandou, mandou*”, “*busquei, busquei*”. São muitos os vocábulos compostos e derivados em que se encontra pleonasma nos elementos formativos: “comigo” (decompõe-se em *com+eu+com: mecum > mecu- > mego > migo, com-migo*), “fraternal” (= *frater+no+al* – dois sufixos de idêntico valor) etc. etc. Lembre-se, finalmente, que na língua-comum se encontram muitos exemplos de reduplicação de sufixo diminutivo: *portinhola, burriquito, caixatinha, caixotinho, caixotim*. (MELO, 1975:55-56)

Grosso modo, Câmara Jr., Dubois *et alii*, Crystal e Melo inserem o processo ou fenômeno de reduplicação no âmbito da morfofonologia. Existem, contudo, fenômenos decorrentes dos mesmos processos que podem ser discutidos no plano da sintaxe e mesmo da pragmática.

O termo *repetição* parece assumir um valor mais abrangente, podendo ser associado sem maior rigor ao campo estilístico como recurso de ênfase. Mas o que dizer das repetições apresentadas nos exemplos seguintes?

- (1) tenho mas você diz **sair... fora ... sair** normalmente **para a escola** essas coisas? (D2-343: 4)
- (2) tenho se bem que eu acho que eu conheço pouco a cidade né?... por exemplo se eu for **comparar com...** (D2-343:7)
- (3) acho que a **grande dificuldade** é aí... está existindo aí para isso **realmente** para você manter uma equipe... éh trabalhando... para tentar alcançar algum objetivo... duRANte um esPAço de tempo... PRÉ-determinado que poderá ser

flexível ou não... acho que a **dificuldade** está aí... acho que o **grande problema** das pesquisas é esse... **realmente** (D2-62: 880-885)

Para evitar essa associação indesejável entre estilo e repetições de um modo geral, adotamos o termo *reduplicação* como rótulo adequado ao processo de repetição morfofonológica, sintática e pragmática decorrente, em um dos casos, de um esquecimento histórico que exigiria a seleção de um mesmo valor semântico ou função sintática para suprir as necessidades comunicativas. Daí o possível diálogo entre reduplicação e gramaticalização. Em outras palavras, empregamos *reduplicação* como rótulo adequado à ocorrência de formas duplicadas de morfemas (prefixo e preposição), de sílabas, palavras ou idéias manifestadas em orações simples ou complexas.

Seriam eles decorrentes de recursos estilísticos? Não podemos nos esquecer de que o termo *estilístico* tanto poderia remeter à noção proposta já pelos discípulos de Saussure (estilo remeteria ao próprio homem, às suas opções lingüísticas que o denunciariam pela linguagem típica que utiliza), quanto poderia remeter a um modo adotado como padrão para determinada ocasião, como exigência sócio-cultural. Seria a reduplicação uma necessidade estilística ou seria, nos casos ilustrados por nós e pelos autores, um efeito de esquecimento histórico? Haveria uma explicação lógica para esses tipos de estruturas? Ou, alargando mais a nossa perspectiva, os casos de reduplicação no português culto falado seriam explicáveis pelo processo de gramaticalização?

Temos como hipótese que a resposta a essas questões passa pela prévia análise tipológica dos casos de reduplicação. Acreditamos que a reduplicação possa ser explicada, a depender de seus traços, à luz da teoria da gramaticalização.

O encaminhamento metodológico adotado parte da identificação e seleção dos dados, da tipificação dos casos de reduplicação (de morfemas - prefixo e preposição -, de sílabas, de palavras ou de idéias manifestadas em orações simples ou complexas) ocorridos em seis inquéritos do NURC - São Paulo, organizados por Castilho & Preti (1987).

Tomando os dados selecionados, procedemos a uma análise privilegiando em igual medida a morfologia, a sintaxe, a semântica e os efeitos discursivo-pragmáticos. Chegamos, então, a quatro agrupamentos de dados, os quais mesclam, conforme afirmamos, critérios morfo-sintático-semânticos e também discursivos.

Visando responder à pergunta sobre a atuação da gramaticalização nos casos de reduplicação, a cada tipologia descrita aplicaremos alguns dos modelos que são usados para checar o grau de gramaticalização de um item e, em alguns casos, buscamos estabelecer possíveis relações icônicas para o uso reduplicado.

Para dar conta do objetivo delineado, adotamos um encaminhamento para a pesquisa que pode ser recuperado a partir da organização desta dissertação, a saber: no **capítulo 1**, apresentamos as bases teóricas que orientam este trabalho, seguidas dos possíveis pontos de contato entre gramaticalização e reduplicação, e os modelos usados para mensurar o grau de gramaticalização de um item; no **capítulo 2**, discutimos os estudos lingüísticos já realizados sobre o tema e abordamos a questão da língua falada e suas características peculiares; no **capítulo 3**, analisamos os padrões funcionais de reduplicação na língua falada, com respectivos exemplos e análise dos dados; ao final, reunimos sob o título de **Considerações Finais** algumas reflexões sobre o fenômeno em estudo e suas implicações com a gramaticalização.

CAPÍTULO 1

Fundamentação teórica

Neste capítulo, circunscrito à apresentação dos pressupostos teóricos que permitiram a interface entre gramaticalização e o fenômeno da reduplicação no português, partimos da definição de gramaticalização como processo de mudança lingüística e estabelecemos a correlação entre alguns gatilhos dessa mudança, quais sejam, repetição e *bleaching*.

A idéia que subjaz a essa proposta de organização e encaminhamento das discussões permitirá o reconhecimento da atuação de vários subsistemas lingüísticos conspirando para que estruturas “estranhas” e aparentemente “desnecessárias” sejam empregadas em situação de comunicação por falantes paulistanos com alto grau de escolaridade.

1.1 O histórico da Gramaticalização

Podemos entender gramaticalização como transformações que ocorrem na língua e que modificam a sua gramática. É processo dinâmico e histórico de base metafórica. Graças a ele, um item lexical sofre mudanças graduais e contínuas até chegar a um item gramatical. Pode ocorrer, também, de um item gramatical tornar-se mais gramatical ainda. Nesse processo histórico, ocorre o deslizamento metafórico em que se pode surpreender o uso de um item por outro, percebido sincronicamente.

Em primeiro momento, podemos definir gramaticalização “como as alterações de propriedades sintáticas, semânticas e discursivo-pragmáticas de uma unidade lingüística que promovem a alteração de seu estatuto categorial” (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO e CARVALHO, 2007: 17). Essas alterações são translingüísticas, como tiveram oportunidade de demonstrar vários autores que

estudaram diversas línguas e que encontraram universais de mudança recorrentes em todas elas, tais como Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) e Bybee, Perkins & Pagliuca (1984).

A motivação para a gramaticalização estaria baseada nas necessidades comunicativas não-satisfeitas pelas formas existentes, daí um uso inovador para alguma forma antiga. Porém estudos também comprovam a possibilidade de criação, mesmo que haja formas antigas adequadas.

Alguns autores têm-se dedicado ao estudo da gramaticalização, entre eles, Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) e Hopper e Traugott (1993-[2003]), os quais apresentam um histórico bastante detalhado dos termos e fenômenos que se assemelhariam ao que ficou convencionado chamar *gramaticalização* até os estudos mais recentes envolvendo esse rótulo. Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) apresentam a idéia de gramaticalização remontando aos chineses do século X, que afirmaram haver símbolos lingüísticos plenos e vazios e a defesa de Zhou Bo-qi (da dinastia Yuan) sobre os símbolos vazios derivarem dos símbolos plenos (HARBSMEIER, 1979, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMERYER, 1991).

Convém destacar Wilhelm von Humboldt (*apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993) que argumenta a respeito do fato de línguas passarem por um estágio evolucionário em que só as idéias concretas poderiam ser expressas. Segundo ele, no primeiro estágio, as palavras surgiriam do contexto, concretas à situação. No segundo estágio, apareceria a idéia de sintaxe já que as palavras foram se consolidando em determinada ordem, assumindo formas de palavras plenas de conteúdo e palavras esvaziadas. No estágio seguinte, as palavras poderiam unir-se e, com isso, criar pares aglutinativos ou clíticos. Só no último estágio, apareceria a fusão definitiva. Cada um desses estágios poderia ser lido como se referisse à

genealogia das línguas e à correspondente tipologia: isolantes, aglutinantes a flexivas. Porém, essa concepção de gramaticalização vai ser abandonada em decorrência dos avanços dos estudos lingüísticos. Humboldt recebe críticas pelo fato de ter relacionado a linguagem à evolução cultural, argumentando que línguas evoluídas estão presentes em culturas evoluídas, o que pressupõe uma hierarquia em que uma língua seria considerada melhor que outra, (pre)conceito lingüístico que não se sustenta.

Embora a noção de gramaticalização já estivesse sendo apresentada, foi só em 1912 que Antoine Meillet cunhou esse termo para representar a noção de transformações lingüísticas. Vem de Meillet a idéia bastante recorrente de que esse fenômeno trata da passagem de uma palavra autônoma para um item gramatical. Ao mesmo tempo, esse lingüista aponta outras transformações que podem ser abarcadas pela gramaticalização.

No capítulo “L'évolution des formes grammaticales” (1948 [1921]), o autor apresenta dois procedimentos para a constituição de formas gramaticais novas: (i) a inovação analógica; e (ii) a gramaticalização. A inovação analógica consiste na criação de uma forma nova a partir de um modelo já existente na língua, ou seja, adapta-se o novo ou o ainda não conhecido a formas já conhecidas. O exemplo dado pelo autor é a analogia feita pelas crianças com as terminações verbais: “*vous finissez*”, “*vous rendez*”, “*vous lisez*” e, por analogia, “*vous disez*” em vez de “*vous dites*”. Já, a gramaticalização acontece com a atribuição de um papel gramatical a uma palavra em primeiro momento autônoma. O exemplo dado pelo autor é o uso do verbo “*être*”, que de palavra autônoma como em “*je suis celui qui suis*”, passa a um uso menos autônomo como em “*je suis chez moi*”, torna-se elemento gramatical em

“*je suis malade*” e completamente gramatical em “*je suis parti*”, passando a desempenhar papel de auxiliar na composição do passado composto em francês.

Também em Meillet já se apresentam noções bastante importantes para a gramaticalização e que serão primordiais no desenvolvimento deste trabalho: a noção de que a repetição do uso causa enfraquecimento (“*affaiblissement*”) de sentido: “A chaque fois qu’un élément linguistique est employé, sa valeur expressive diminue et la répétition en devient plus aisée²” (MEILLET, 1948 [1921]: 135) e a noção de que a mudança na língua se faz em um contínuo, que não é fato acabado, e sim um processo, uma constante modificação:

Les langues suivent ainsi une sorte de développement en spirale: elles ajoutent des mots accessoires pour obtenir une expression intense; ces mots s’affaiblissent, se dégradent et tombent au niveau de simples outils grammaticaux; on ajoute de nouveaux mots ou des mots différents en vue de l’expression; l’affaiblissement recommence, et ainsi sans fin.³ (MEILLET, 1948 [1921]: 140)

Em 1968, Benveniste retoma os estudos relacionados a esse assunto e, discípulo que foi de Meillet, reapresenta os estudos sobre gramaticalização de verbos plenos que passam a verbos auxiliares e cria o termo “auxiliarização” para designar tal fenômeno.

Desde então, várias são as definições apresentadas para esse fenômeno e também para uma teoria da gramaticalização. Por exemplo, Li & Thompson (*apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993) visam ao entendimento de como os itens lexicais se transformaram em categorias gramaticais. Eles mostraram como a perspectiva diacrônica, ou seja, o estudo de uma língua ao longo do tempo, oferece material

² Trad.: A cada vez que um elemento lingüístico é empregado, seu valor expressivo diminui e a repetição torna-o mais ‘frouxo’, enfraquecido.

³ Trad.: As línguas seguem, portanto, uma espécie de desenvolvimento em espiral: elas reúnem palavras acessórias para obter uma expressão intensa; essas palavras enfraquecem-se, degradam-se e caem ao nível de mero acessório gramatical; agrupam-se novamente palavras a fim de se alcançar determinada expressão; o enfraquecimento recomeça e assim sem fim.

para uma análise das transformações da língua e o quanto o processo de reanálise é importante, uma vez que consolida a mudança e pode desfazer a noção que se tinha de determinada construção lingüística. Na seção 1.2, trabalharemos mais detidamente com as noções de sincronia, diacronia e reanálise.

As pesquisas mais recentes dão maior importância à pragmática. Nesse processo, Givón (1979 *apud* CASTILHO, 1997a) até mesmo afirma que a morfologia de hoje é a sintaxe de ontem e acrescenta: “A sintaxe de hoje é o discurso pragmático de ontem”. Assim, ele elabora a seguinte relação: discurso > sintaxe > morfologia > morfofonêmica > zero. Com isso, “o Funcionalismo givoniano agregou um novo módulo, o do Discurso, considerando-o prioritário em relação à Gramática” (CASTILHO, 1997a: 30).

Para vários autores, as explicações de mudanças não estão na sintaxe nem na semântica, mas sim na cognição, no tipo de pensamento elaborado. Esse é o caso de Sweetser (1988a), que admite que a cognição, com a percepção e o entendimento humanos, é a base para a estrutura da língua humana. Desse modo, a metáfora só é vista como um grande agente de mudanças semânticas porque pensamos metaforicamente. A metáfora faz-se perceptível na relação de sentido entre dois significados. Como exemplo, temos os pares metafóricos visão/conhecimento (Eu *vejo* o quadro. Eu *vi* bem o que você quis dizer) e espaço/tempo (Estava *atrás* da igreja. Isso é de dez anos *atrás*.). Como mudanças semânticas, ainda segundo a autora, teríamos: (i) palavras abstratas derivam de palavras concretas; assim, um vocábulo temporal viria de um espacial (comprovado pela aquisição da linguagem pela criança e pelo desenvolvimento histórico); (ii) em estágios prévios de mudança semântica, a polissemia se manifestaria; e (iii) a ambigüidade pragmática seria uma evidência de que uma mudança está em curso,

pois interpretações dependeriam de elementos derivados de motivações discursivo-pragmáticas.

Bybee (2003a), no artigo “Cognitive process in grammaticalization”, confirma essa idéia: “Many of the very basic mechanisms that constitute the process of grammaticalization are cognitive process that are not necessarily restricted to language”⁴. Quatro processos cognitivos foram discutidos nesse artigo da autora, a saber: (i) a habilidade de automatizar seqüências neuromotoras por meio da repetição; (ii) a habilidade de categorizar os elementos lingüísticos recorrentes; (iii) a tendência de inferir mais do que é realmente dito; e (iv) a tendência a acostumar-se com os estímulos repetidos.

Outro autor que vincula a cognição ao processo de gramaticalização é Castilho (2006), criador de uma teoria em que entende a língua como um sistema complexo e dinâmico – componentes pré-verbais que atuam em simultaneidade. Essa é a base para a Teoria Multissistêmica, que nasce articulada com a pressuposição de a língua ser um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática; esses subsistemas seriam autônomos, sem hierarquia nem derivação entre eles. Há duas motivações para os princípios chamados pelo autor de ativação, desativação e reativação: social e cognitiva. Sua motivação social seria devida à proveniência dos dados ideais para a análise: dados oriundos de situações reais de fala. De forma complementar, sua motivação cognitiva seria devida à subjacência de operações mentais.

Nessa discussão sobre usos inovadores da língua, a abordagem cognitiva apresenta o caráter icônico entre categorias lingüísticas e categorias cognitivas.

⁴ Trad.: Muitos dos mecanismos mais básicos que constituem o processo de gramaticalização são processos cognitivos que não necessariamente são restritos à linguagem.

Entende-se que a língua não é autônoma, e é muito importante levarmos em consideração as motivações cognitivas e de interação social e pragmática. A iconicidade pode ser entendida (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003: 27) como um atributo de similaridade entre um item e outro. Esse tema será alvo de discussão mais detalhada na seção 1.2.4.

Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) defendem que as transformações lingüísticas apresentam percursos universais, ou seja, em várias línguas é possível detectar um mesmo processo de mudanças, como é o caso do verbo de movimento (*ir*) ter adquirido o valor de futuro. Em seus estudos também perceberam que há retenção de significados antigos nos itens analisados, o que só uma visão diacrônica permitiria observar. Esses autores defendem que a progressão gradual de morfemas lexicais em gramaticais seria o paradigma ideal da gramaticalização, uma vez que um vocábulo de maior generalidade semântica é recrutado como item-fonte redundando num processamento de perda de especificidades e de ampliação de contextos de uso.

Podemos citar, também, como aspecto representativo da gramaticalização, o aumento da ocorrência de determinado fenômeno lingüístico, o que evidenciaria a transformação pela qual passa a língua. Convém reforçar que o “novo” pode conviver com o “velho”, e é possível haver formas concorrentes na língua até chegar ao apagamento. Essa noção de apagamento é questionada por alguns autores, dentre eles Sweetser e Castilho, pois afirmam que na língua não há perdas definitivas, se de um lado algo é “apagado”, é porque houve ganho por outro lado.

O que nos parece comum a muitos autores é a noção de abstratização, já que se evidencia facilmente uma mudança de um domínio concreto para um mais abstrato. Bybee, Perkins & Pagliuca (1994) trabalham, entre outros mecanismos,

com a extensão metafórica (concreto > abstrato) e a preservação de algum traço da estrutura original. Já, Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) apresentam um *continuum*, cuja representação das mudanças metafóricas atingiria as seguintes categorias: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade⁵.

Outro ponto importante é a busca por princípios que regem a gramaticalização. Dentre outros autores, Hopper (1991), por exemplo, apresenta cinco princípios, lidos por alguns lingüistas como estágios: *estratificação* (camadas antigas coexistem com as novas), *divergência* (mesmo item, diferentes usos), *especialização* (um item passa a ser de uso obrigatório num determinado contexto), *persistência* (no item novo, persistem traços do antigo) e *decatégorização* (mudança de categoria plena para categoria secundária).

Por fim, esse histórico ora apresentado pode levar a crer que, desde o século X até a contemporaneidade, há um crescendo de pesquisas nessa área de investigação. Isso não é verdade, tanto que Lehmann (*apud* HOPPER & TRAUGOTT, 1993) tratam da amnésia em relação à gramaticalização. A gramaticalização foi esquecida em vários momentos da história e só foi retomada, de modo mais sistemático, na década de 1980. No Brasil, somente a partir da década de 1990, os estudos são retomados.

1.2 Algumas noções importantes para a Gramaticalização

Ao estudar Gramaticalização, muitas noções são recrutadas e merecem um mínimo detalhamento para que se ajuste o entendimento assumido neste trabalho. Aliado a isso, vários são os mecanismos que atuam nas mudanças lingüísticas e que

⁵ A ser explorado na seção 1.2.3.

resultam em modificações na gramática. Estes também merecerão a explicitação de sua definição.

1.2.1 Sincronia e diacronia

Saussure, precursor do Estruturalismo, apresenta várias dicotomias em sua obra póstuma de 1916, elaborada por seus discípulos. Uma dessas dicotomias diz respeito a duas abordagens possíveis quanto ao método de investigação a ser adotado em uma pesquisa: sincronia e diacronia.

Partindo do pressuposto que, em diversas ciências, são feitos estudos levando em conta tanto a história quanto a descrição de um estado, Saussure apresenta a necessidade de se separar ainda mais essas duas abordagens no caso da Lingüística e propõe a divisão em Lingüística Evolutiva (que trate da evolução, do *eixo das sucessões*) e Lingüística Estática (que trate dos estados da língua, do *eixo das simultaneidades*). A essas abordagens dá o nome, respectivamente, de diacronia e sincronia:

É sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções. Do mesmo modo, *sincronia* e *diacronia* designarão respectivamente um estado de língua e uma fase da evolução. (SAUSSURE, 1973: 96)

Segundo Saussure, diferentemente dos neogramáticos que se baseavam na história das línguas e trabalhavam com a comparação evolutiva entre elas, a sincronia tem um valor mais importante e prevalece sobre a diacronia, pois, “para a massa falante, ele [o aspecto sincrônico] constitui a verdadeira e única realidade” (p.106) e afirma que para o lingüista essa também é a regra, pois a abordagem diacrônica só permitiria perceber as modificações da língua.

Para os estudiosos de Gramaticalização, porém, fica evidente que a abordagem sincrônica não se limita a um estudo do “estado estático” da língua, e sim permite perceber também os usos diferentes e, por vezes, divergentes de um item/construção. Desse modo, discordam de Saussure, pois a percepção da *mudança* também é possível na pesquisa sincrônica. Além disso, muitos propõem a reunião das duas formas de abordagem, como segue:

Comparing grammatical categories across languages from only a synchronic perspective is something like comparing an acorn to an oak tree. They appear to have distinct and unrelated properties. Only when we observe these entities across the temporal dimension do we see the relationship between them. Similarly with grammatical categories and construction. New relationships are observable and categories come from and where they are going.⁶ (Bybee, 2003a:151)

we cannot rigidly separate synchronic from diachronic analysis: all of modern sociolinguistics has confirmed the importance of reuniting the two. As with the language and cognition question, the synchrony/diachrony interrelationship has been seen in a more sophisticated framework.⁷ (SWEETSER, 1988a: 9)

É possível notar que alguns autores, a exemplo de Sweetser (1988), valorizam a combinação dos trabalhos sincrônicos e diacrônicos, conferindo-lhes um estatuto metodologicamente mais sofisticado, mais valorizado entre os pesquisadores.

⁶ Trad.: Comparando categorias gramaticais através das línguas somente por uma perspectiva sincrônica é algo como comparar o fruto do carvalho ao carvalho. Parecem ter propriedades distintas e não relacionadas. Somente quando nós observamos estas entidades através da dimensão temporal nós percebemos o relacionamento entre elas. Similarmente, o mesmo acontece com as categorias e as construções gramaticais. Novas relações tornam-se perceptíveis e podemos observar de onde as categorias vêm e para onde vão.

⁷ Trad.: nós não podemos separar rigidamente a análise sincrônica da diacrônica: todos os sociolinguistas modernos confirmam a importância de reunir os dois. Como em relação à questão da língua e da cognição, a interdependência sincrônica/ diacrônica tem sido vista em uma estrutura mais sofisticada.

Neste trabalho, adotaremos a abordagem sincrônica, baseando-nos nos diálogos colhidos nos anos 1970 e faremos breves incursões diacrônicas, principalmente no que se refere ao estudo das reduplicações de morfemas, motivados pela necessidade de perceber se a reduplicação já acontecia até mesmo no latim.

1.2.2 Analogia e reanálise

Segundo Saussure (1973: 187), “Uma forma analógica é uma forma feita à imagem de outra ou de outras, segundo uma regra determinada”. Dessa forma, a analogia consistiria na aplicação de uma “proporção” ou equação tal como $A:B :: C:D$ (cf. HOPPER & TRAUGOTT, 2003). Como exemplo, temos a equação “beber : bebi :: fazer : fazi”, normalmente aplicadas por crianças ao paradigma de regularização verbal, no caso a conjugação dos verbos em “er” (beber / bebi, comer / comi, colher / colhi) também para o verbo irregular “fazer”. Ou seja, a analogia é a extensão de uma regra, a aplicação de um paradigma amplamente conhecido.

Muitas são as intervenções analógicas na criação lingüística conforme se pode perceber nos exemplos retirados de Houaiss e Villar (2001): (i) *friorento* tem *or* por analogia com *calorento*; (ii) na linguagem infantil, temos *ele fazeu* [por analogia com *comeu, correu*]; (iii) a analogia interfere também no processo de formação de neologismos (p.ex., a palavra *aidético* [omitindo-se o *s* que faz parte da sigla] foi criada provavelmente por analogia com *diabético, morfético*).

Com esses exemplos, ilustra-se este comentário de Saussure (1973: 199): “... o efeito mais sensível e mais importante da analogia é o de substituir as antigas formações, irregulares e caducas, por outras mais normais, compostas de elementos vivos”.

A analogia, então, trabalha com a extensão de regras já conhecidas pelo falante. A reanálise, por sua vez, consiste numa mudança de fronteiras de constituintes em uma expressão que faz a parte reanalisada resultar em uma categoria diferente da original, daí operar no eixo sintagmático. Na reanálise, há uma mudança na interpretação.

Muitos estudos trabalham com a importância da reanálise para a gramaticalização de um item. Alguns chegam a afirmar que reanálise e gramaticalização são inseparáveis (HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991: 219, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002); outros afirmam que a reanálise é o mecanismo mais importante da gramaticalização (HOPPER & TRAUGOTT, 1993: 32, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002); e outros, ainda, sugerem até que não há necessariamente envolvimento de um processo no outro (HASPELMATH, 1998: 315, *apud* DETGES & WALTEREIT, 2002).

Para definir reanálise, é preciso considerar que ocorre uma mudança estrutural de uma expressão, sem ocorrer mudanças na manifestação do item. A reanálise está ligada a uma estratégia de interpretação, como se houvesse a mudança de “parênteses” ou “colchetes”, como utilizamos aqui, na compreensão de um item. Como exemplo, recorremos ao estudo de Defendi *et al.*(2008): [correr] [atrás do ônibus]; [correr atrás] [da promoção]. O que aparece nesses exemplos é a mudança de interpretação dos itens, motivada pela reconsideração dos limites estruturais, das fronteiras de constituintes sintagmáticos.

Segundo Detges e Waltereit (2002), a reanálise está centrada na interpretação que o ouvinte faz de um enunciado e a gramaticalização, por sua vez, está centrada no falante e nas técnicas discursivas por ele utilizadas. Para os autores, a reanálise pode ser considerada tendo em vista dois princípios cognitivos:

(i) o princípio da referência (ligado a contato lingüístico, leva em conta a intenção comunicativa extralingüística); e (ii) o princípio da transparência (menos importante, ligado à relação entre forma e significado, semelhante à analogia: “identical functions should be expressed by identical forms and vice versa”⁸). Eles afirmam, também, que na reanálise a relação semântica entre a velha e a nova estrutura é usualmente metonímica, poucas vezes taxionômica e nunca metafórica.

1.2.3 Metáfora e metonímia

Lakoff e Johnson (2002 *apud* MARTELOTTA, 2008: 78) afirmam que metáfora não é só um recurso poético, mas também um mecanismo de papel central que “reflete o modo como pensamos ou experienciamos em nossa vida diária. Ou seja, é de natureza essencial do nosso sistema conceptual compreender e experienciar uma coisa em termos de outra”, de modo semelhante ao procedimento analógico. Os processos metafóricos permitem ao nosso pensamento apreender conceitos abstratos e esses são fundamentais na criação lingüística.

Criar palavras motivadas por processos associativos, usando conceitos concretos e vivenciados para designar conceitos abstratos é o que Werner & Kaplan (1963, *apud* HEINE, CLAUDI & HÜNNEMEYER, 1991; GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007 e MARTELOTTA, 2008) chamaram de *princípio da exploração de velhos meios para novas funções*.

⁸ Trad.: funções idênticas seriam expressas por formas idênticas e vice-versa.

Sempre que se fala em metáfora no contexto da gramaticalização, o exemplo que se torna obrigatório é o *continuum* de mudança lingüística proposto por Heine, Claudi & Hünnemeyer (1991). Conforme os autores, a metáfora é percebida em gramaticalização pela abstratização de significados. Representa-se pela mudança de um item lexical para um item gramatical ou de um item menos gramatical para um mais gramatical, obedecendo a uma escala que vai do mais concreto (itens ligados ao corpo ou partes do corpo) para o mais abstrato, passando por uma escala de abstratização, assim representada: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade.

A título de exemplificação do *continuum* apresentado, lançaremos mão do estudo desenvolvido por Defendi (2006), que apresenta a escala de abstratização empreendida pelo item “atrás” em seu processo de mudança.

Sabe-se, por meio de materiais lexicográficos e etimológicos, que o item “atrás” refere-se primeiramente à parte do corpo (atrás em relação ao rosto de quem fala). Na pesquisa, foram evidenciados outros valores mais abstratos: a noção de espaço (... *pera o norte a Ilha do Hibo que he mayor que nenhua destas que **atras** te ficção⁹*) e de tempo (*E sse for casso que el rey de Callectut vos / dee as arrefeens **atras** apomtadas, ssobre que / avees de ssayr em terra, pêra lhe fallardes¹⁰*). Nesse sentido, percebemos a mudança da palavra com funções mais concretas para um item mais gramatical, no caso, assumindo as relações de espaço e de tempo.

É interessante notar que, com o passar dos séculos, pode haver a total inversão do significado de uma palavra. Ao mesmo tempo, é relevante ressaltar que não se pode defender a substituição de significados e, sim, uma convivência de

⁹ Um manuscrito náutico seiscentista reencontrado. p. 316

¹⁰ Os sete únicos documentos de 1500, conservados em Lisboa, referentes à viagem de Pedro Álvares Cabral. p.36

significados contrários. Ainda sobre o *continuum* de análise, embora não encontrada no *corpus* usado naquele estudo, poderíamos lembrar a palavra “atrasado”, que representa a categoria *qualidade*.

Vale ressaltar, ainda, que esse *continuum* proposto apresenta as seguintes características, a saber: (i) as relações metafóricas ocorrem entre as entidades da escala; (ii) a unidirecionalidade faz-se presente, pois a mudança ocorre sempre do mais concreto e experienciado (corpo humano) para o mais abstrato e vago; (iii) há um caráter translingüístico, ou seja, é um fenômeno inerente às línguas naturais.

A metáfora está para a analogia assim como a metonímia está para a reanálise, sendo esta última reconhecidamente um dos processos mais importantes na gramaticalização de um item. A metonímia depende de relações de contigüidade e tem motivação pragmática, com a reinterpretação de um item por outro induzida pelo contexto.

Traugott & König (1991, *apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO e CARVALHO, 2007: 47) apresentam três tipos de contigüidades inerentes aos processos metonímicos: (i) a “contigüidade na experiência sociofísica ou cultural”, como a associação de comportamento com certa pessoa ou classe de pessoa; (ii) a “contigüidade na expressão” e (iii) “a sinédoque ou contigüidade na relação parte pelo todo”.

[Metonymic change] involves specifying one meaning in terms of another that is present, even if only covertly, in the context. It is largely correlated with shifts to meanings situated in the subjective belief state or attitude toward the situation, including the linguistic one. ¹¹(HOPPER & TRAU GOTT, 2003: 93)

¹¹ Trad.: [A mudança metonímica] envolve especificar um significado por outro termo que está presente, mesmo que não esteja aparente, no contexto. É largamente correlacionada com mudanças de significados situados no estado subjetivo de crença ou de atitude em direção à situação, incluindo o lingüístico.

São as relações metonímicas que induzem a incorporação de informações por um termo contíguo, gerando a elisão e, muitas vezes, o rompimento das fronteiras de constituintes, que serão reanalisadas.

A título de resumo, o quadro a seguir apresenta as principais diferenças entre a atuação metafórica e a atuação metonímica:

METÁFORA	METONÍMIA
Opera no eixo paradigmático	Opera no eixo sintagmático
Opera na inter-relação de domínios conceptuais	Opera na inter-relação sintática dos constituintes
Opera por analogia	Opera por reanálise (abdução)
Envolve implicaturas convencionais	Envolve implicaturas conversacionais

Quadro 1: Principais diferenças entre a atuação da metáfora e da metonímia (*apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO e CARVALHO, 2007: 49)

1.2.4 Iconicidade

A iconicidade é entendida como a correlação existente entre forma e sentido por ela expresso e, por isso, contradiz a hipótese de arbitrariedade proposta por Saussure. O que podemos afirmar, no entanto, é que se a escolha de um significante para se aliar a um significado é arbitrária, muitas outras relações não o são. Um exemplo classicamente citado de relação icônica é o da narrativa, que (na maioria das vezes) adota a seqüência dos fatos ocorridos na realidade como modelo para a organização das informações no texto. Dessa forma, a iconicidade se manifestaria também na estrutura da frase ou do texto.

O filósofo Pierce (1940, *apud* MARTELOTTA, 2003; NEVES, 2004) estabeleceu dois tipos de iconicidade: a imagética e a diagramática. A primeira refere-se à relação de espelhamento entre o item e seu referente. Essa imagem espelhada corresponderia a pinturas e esculturas. Já a diagramática corresponderia a um arranjo icônico de signos, sem necessária semelhança entre forma e função.

São três os subprincípios mais abordados de iconicidade, a saber:

(i) *Subprincípio da quantidade*: quanto maior a quantidade de informação, maior a quantidade de forma. Em Martelotta (2008: 83) aparece o seguinte exemplo: “Quando eu era pequena... eu ficava brincando com aquele disquinho que era... aí eu amarrei... fiquei **rodando... rodando... rodando...** aí fiquei tonta”. Segundo o autor, esse exemplo demonstra a relação entre a quantidade de tempo (da ação) e a quantidade de material lingüístico (repetição do verbo). Assim, reflete uma relação entre motivação de sentido e a forma utilizada.

(ii) *Subprincípio da integração* (proximidade ou distância): conteúdos mais próximos cognitivamente estarão mais integrados na codificação. Exemplos disso são: (a) a tendência de manter os modificadores restritivos perto de seu núcleo nominal (cf. MARTELOTTA, 2008: 83), (b) duas construções quase-sinônimas com diferença em distância lingüística também serão diferentes quanto à distância conceptual (cf. CROFT, 1990, *apud* NEVES 2004: 107) e (c) a distância lingüística no interior da palavra corresponde ao grau em que a semântica do afixo afeta a palavra (cf. BYBEE, 1985, *apud* NEVES 2004:83)

(iii) *Subprincípio da ordenação linear*: a ordem de importância dos enunciados é respeitada na enunciação e/ou a seqüência cronológica das ações descritas é obedecida no momento de recontar a realidade. Como exemplo, ao recontar como foi o dia de trabalho, seguimos normalmente a seqüência real dos acontecimentos.

Tendo em vista a produtividade da iconicidade nos fatos lingüísticos, empregamos seu conceito básico para avaliar alguns tipos de reduplicação, como demonstraremos no capítulo 3.

1.3 Gramaticalização, repetição e reduplicação

Concluído esse breve histórico e a definição dos termos atrelados à Gramaticalização, vamos nos ater a um possível elo entre gramaticalização e nosso objeto de estudo, a *REDUPLICAÇÃO*. A reduplicação, por ser a repetição de duas porções informativas de igual conteúdo sintático, semântico e/ou até mesmo fonológico, faz aumentar a freqüência de uso de determinado item e isso pode trazer como conseqüência a sua gramaticalização.

Muitos são os estudos realizados em torno do tema “repetição”. Destacarei na seção 2.2 os trabalhos de Koch (2003) e Marcuschi (2002) que, de forma bastante ampla, estudaram essa questão e faço aqui uma breve apresentação dos trabalhos de Haiman (1994) e de Boyland (1996), uma vez que são mais específicos no que tange à relação entre repetição e gramaticalização. Cumpre destacar, também, o trabalho básico em relação à freqüência de uso, Bybee (2003b), em que há um reconhecimento do papel essencial que a repetição tem na gramaticalização de palavras ou de morfemas quando esses se tornam uma unidade de processo, ou seja, um mesmo *token*, pelo seu aumento freqüencial, denunciaria um conjunto variado de *types*. Em outro artigo, Bybee (s/d) associa a freqüência derivada do processo de gramaticalização a seus efeitos cognitivos:

Grammaticalization is always accompanied by a sharp increase in frequency of use of the construction undergoing change. The frequency increase is both a result of the process and a contributor to it, as repetition has certain effects on neuromotor and cognitive representations.¹² (p.9)

Bybee (2003b) inicia seu artigo apresentando a ligação entre freqüência e gramaticalização:

Frequency is not just a result of grammaticization, it is also a primary contributor to the process, an active force in instigating the changes that occur in grammaticization.¹³ (BYBEE, 2003b:1)

Como defende a autora, a freqüência não é efeito, mas gatilho da mudança por gramaticalização. Dessa forma, um item que tem sua freqüência de uso aumentada garantiria uma maior possibilidade de ser gramaticalizado, ou seja, sofrer mudanças semânticas, sintáticas e até mesmo fonológicas. Ou, nas palavras da autora, uma construção com um item lexical com alta freqüência teria mais chances de se tornar gramaticalizada. (grifo nosso)

A importância da repetição na gramaticalização já foi motivo de estudos de outros autores como Haiman¹⁴ (1994, *apud* BYBEE, id.), que discute as relações entre o fenômeno de ritualização e o processo de gramaticalização e também de Boyland (1996, *apud* BYBEE, id.) que examina os efeitos da repetição na representação cognitiva das construções gramaticalizadas. Esse último autor indica que as seqüências de alta freqüência são processadas como uma única unidade e,

¹² Trad.: A gramaticalização é sempre acompanhada de um forte aumento na freqüência de uso da construção que se submete à mudança. O aumento da freqüência é tanto um resultado do processo quanto um contribuinte para ele, assim como a repetição tem determinados efeitos em representações neuromotoras e cognitiva.

¹³ Trad.: A freqüência não é apenas um resultado da gramaticalização, é igualmente um contribuinte preliminar ao processo, uma força ativa que incita as mudanças que ocorrem na gramaticalização.

¹⁴ Convém lembrar, entretanto, que Meillet (1912-1921-1948) já havia apresentado algumas dessas idéias: que a constituição de formas gramaticais se faz por degradação progressiva de palavras antes autônomas, por meio do apagamento da pronúncia e do apagamento da significação concreta e dos valores expressivos de palavras e de grupos de palavras.

dessa forma, são reorganizadas de maneira a reduzir e sobrepor as partes repetidas.

Haiman (1994 *apud* Bybee 2003b) considera o processo de gramaticalização como ritualização, apresentando os seguintes aspectos desse fenômeno que resultam da repetição: *habituação* - esgota um objeto ou uma prática cultural não só de sua força como também muitas vezes de seu significado original; *automatização* de uma seqüência de unidades, e a reanálise da seqüência como um processo único com as unidades previamente separadas perdendo seu significado individual; *redução da forma* - enfraquecimento das partes individuais que se compactam em uma unidade autônoma; e *emancipação* - uma função mais instrumental dá origem a uma função mais simbólica inferida do contexto no qual ela ocorre.

Utilizando-se dos aspectos acima levantados, Bybee (2003b) argumenta que as repetições freqüentes desempenham papel importante nas seguintes mudanças que ocorrem na gramaticalização:

1. Por conta da habituação, a freqüência conduz a um enfraquecimento da força semântica.
2. A alta freqüência de uso favorece a redução fonológica e a fusão de construções gramaticalizadas.
3. Com a freqüência aumentada, há o enfraquecimento de sentido dos componentes individuais e a chance de ocorrer a autonomia de uma dada construção, bem como a junção das várias partes em um novo item (ex.: a redução que ocorreu com a expressão "I'am going to" > *gonna*, por exemplo).
4. A construção é empregada em um novo contexto com nova força pragmática.
5. Traços morfossintáticos atinentes permanecem pela autonomia conferida ao item.

Nesse estudo, como temos visto, a freqüência ganha uma importância muito grande, e a autora apresenta as duas formas de quantificar essa freqüência: a freqüência *type* (ou seja, quantifica-se o tipo de ocorrência, como, por exemplo, a quantidade de uso do passado simples e do passado composto) e a freqüência *token* (número de vezes em que um item ocorre independentemente de sua função).

O que se quer demonstrar é que a própria repetição diminui a força de uma palavra, de uma frase ou de uma construção. Os exemplos são bem conhecidos: após o uso repetido de um item, é necessário adicionar algo (às vezes, o próprio prefixo *re-*, iterativo), mas, com a repetição a força expressiva esvanece-se. Na gramaticalização, a generalização, ou *bleaching* do significado de uma construção, é causada pela freqüência, mas contribui também a freqüência adicional, já que uma construção generalizada pode ser usada em mais contextos, o que causará um aumento ainda maior da freqüência de uso.

No processo de gramaticalização, ocorre, como já foi afirmado, um aumento da generalização de um item. No *continuum* de mudança lingüística, a tendência é que o item gramaticalizado avance para graus maiores de generalização e abstratização, bem como aumente a freqüência de uso:

bleaching or generalization, the process by which specific features of meaning are lost, with an associated increase in the contexts in which the gram may be appropriately used¹⁵ (BYBEE, 2003b :10).

¹⁵ Trad.: *bleaching* (descoramento) ou generalização, o processo pelo qual características específicas do significado são perdidas, com um aumento associado nos contextos nos quais o *gram* pode ser usado apropriadamente.

O *bleaching* é causado pela habituação, já que um estímulo perde seu impacto se ocorrer com muita frequência, como já explicitado. Esse ponto será importante para entendermos, por exemplo, a REDUPLICAÇÃO de prefixo-preposição que ocorre, a título de exemplificação, com o verbo *depende de*. Veremos isso detalhadamente na seção sobre reduplicação por processamento sintático regencial, na seção 3.1.2.

Bybee (2003b) finaliza o artigo rerepresentando os efeitos da repetição: a mudança semântica e fonológica, principalmente no que concerne à redução e à retenção de características morfossintáticas. Parece contraditório que a repetição cause inovação em um domínio e conservação em outro, porém o que se comprova, de um lado, é que a estrutura morfológica das palavras e as propriedades sintáticas das construções são preservadas pela repetição, por serem ‘entrincheiradas’, funcionando como unidades inteiras. Por outro lado, palavras e construções sofrem um desgaste fonético, sendo modificadas e, geralmente, reduzidas.

Por fim, deve-se entender repetição como inerente ao processo de gramaticalização, mas também atentar ao *que* é repetido (grifo da própria autora), já que esse conteúdo requer percepção sobre o assunto e sobre o modo como são estruturadas as comunicações.

Outro estudo interessante que aborda a questão de *bleaching* é de Sweetser (1988b). Nesse estudo, ela trabalha com as mudanças semânticas e trata principalmente dos desbotamentos semânticos dos itens, daí a grande polêmica instaurada no bojo da gramaticalização. Com exemplos que vão desde o verbo *to go* usado para indicar futuro até fenômenos estudados por outros autores, no caso a posposição *em* na família *Bodic* (GENETTI, 1986), duas formas de uso do

comparativo (GREENBERG, 1983 e CHILDS, p.c.) e a palavra *again* (TRAUGOTT, 1982), a autora apresenta as mudanças semânticas e as noções que as perpassam, como a abstratização, a metáfora e a unidirecionalidade do processo.

Essas idéias são discutidas levando-se em conta que:

1. as transferências de significados na mudança semântica histórica, incluindo gramaticalização, mostram preservação de estrutura da imagem esquemática;
2. então, as inferências com as quais são caracterizadas topologicamente, por causa da estrutura da imagem esquemática, são inferências projetadas ao longo das mudanças semânticas;
3. isso deve significar que um esquema é abstrato do sentido lexical mais novo, tanto é que um esquema pode ser potencialmente mais geral do que um esvaziamento de significado lexical;
4. mas se o esquema é mapeado de algum novo domínio específico, então aumenta um novo sentido particular;
5. em gramaticalização, a transferência é para a abstratização, domínio topológico (por mais que o domínio do significado gramatical possa estar envolvido), então há menos esvaziamento de significado. O significado de um novo domínio é apenas adicionado.

Vemos, então, que Sweetser introduz o termo *bleaching*, mas considera que não haja só apagamento de sentidos no caso das mudanças semânticas até chegar ao nível gramatical. Os exemplos usados por ela procuram demonstrar que, no caso das mudanças operadas metaforicamente, não há só apagamento propriamente dito, já que alguns traços dos domínios-fonte são mantidos, mesmo que não sejam percebidos pelos falantes da língua.

It is certainly true that grammaticalization may result in semantic (and phonological) shifts which completely separate the grammatical morpheme from its lexical source [...]. But this is to a lesser degree true of any meaning-change: speakers certainly do not carry in their heads the semantic history of lexical morphemes, any more than they do so for grammatical ones. The phonological erosion which is often involved in grammaticalization may speed the process of dissociation between lexical and grammatical uses of morpheme; but it is perfectly possible for lexical senses of a morpheme to become dissociated from each other as well. This possibility does not vitiate the claim that there are motivated connections between adjacent stages of any semantic history, or the claim that grammatical meaning is real meaning. (SWEETSER, 1988b: 401)¹⁶

Essa idéia apresentada pela autora de que os morfemas gramaticais não são vazios de significados ou, antes, não foram esvaziados no decorrer do processo de gramaticalização, é muito importante para a seção que tratará da REDUPLICAÇÃO de morfemas, como evidenciaremos adiante. É na perspectiva de que as visões de Bybee e de Sweetser sobre *bleaching* são complementares que nos apoiaremos para o uso desse termo.

Seguindo a lógica de que, mesmo com a noção implícita, há a necessidade de repeti-la, temos o caso da preposição *cum* que se juntou como enclítica ao ablativo dos pronomes pessoais e reflexivos. Segue-se o quadro proposto por Williams (1975), que ilustra a perda de sentido inerente em cada parte da expressão. O uso freqüente do termo fez com que se perdesse o sentido propiciado pela preposição *cum*, tanto é assim que houve a necessidade, mais tarde, de reintroduzir

¹⁶ Trad.: É verdadeiramente certo que a gramaticalização pode resultar nas mudanças semânticas (e fonológicas) que separam completamente o morfema gramatical de sua fonte lexical [...]. Mas isso não é totalmente verdadeiro na mudança de significado: os falantes certamente não carregam dentro de suas cabeças a história semântica de morfemas lexicais, não mais do que eles carregam as (mudanças históricas) gramaticais. A erosão fonológica com a qual está freqüentemente envolvida a gramaticalização pode apressar o processo de dissociação entre usos lexicais e gramaticais do morfema; mas é perfeitamente possível para sentidos lexicais de um morfema tornar-se separado um do outro. Essa possibilidade não invalida a reivindicação de que há conexões motivadas entre estágios adjacentes de qualquer história semântica, ou a reivindicação de que o significado gramatical é significado real.

a mesma preposição, com sentido igual ao perdido anteriormente. Observemos o quadro de pronomes em diacronia:

Latim clássico <i>Mēcum</i> <i>Tēcum</i> <i>Sēcum</i>	Português arcaico <i>Mego, começo, migo, comigo</i> <i>Tego, contego, tigo, contigo</i> <i>Sego, conseço, sigo, consigo</i>	Português moderno <i>Comigo</i> <i>Contigo</i> <i>Consigo</i>	
Latim clássico <i>Nōbīscum</i> <i>uōbīscum</i>	Latim vulgar <i>Noscum</i> <i>Uoscum</i>	Português arcaico <i>Nosco</i> <i>bosco</i>	Português moderno <i>Conosco</i> <i>Convosco</i>

Quadro 2: Formas acentuadas do pronome pessoal – preposição *cum* + ablativo dos pronomes pessoais e reflexivos (WILLIAMS, 1975: 150)

Na medida em que a significação das sílabas *-go* e *-co* se perdia, a preposição era de novo adjungida a essas formas, já então como proclítica. As novas combinações se conformavam à ordem regular do pronome e da preposição em português.

Sobre as motivações que acarretam mudanças na língua, faz-se conveniente a seguinte ilustração que apresentou Romero (2005: 13) baseada na teoria multissistêmica proposta por Castilho:

Acompanhando a evolução da palavra *comigo* vemos que o processo inicial de mudança seguiu essa ordem [a saber: alteração sintática>alteração morfológica>alteração fonológica], pois foi o uso de *cum* posposto que gerou *mecum* (sintaxe), fazendo com que fosse percebido como parte integrante da palavra (morfologia). Essa nova forma sofreu um processo de fonologização que deu origem a *migo*. Porém, a mudança dessa forma para a atual *comigo* não começa pela sintaxe, pois foi a alteração semântica (motivada pela fonética) que fez surgir a necessidade de acrescentar *com*. Vale lembrar que em cantigas como *Ai, flores do verde pino*, de D. Dinis (1261 – 1336), coexistem as formas *comigo* e *vosco*, indicando que a mudança ocorreu inicialmente com *migo*, porque já não se podia perceber a forma *com*, como em *vosco*.

Com isso, ao comentarmos a redundância do ponto de vista diacrônico, é importante salientar que não só o falante atual não reconhece a presença repetida

da conjunção *com*, mas também o usuário da língua do século XIII. Convém salientar, então, que a repetição ocorrida nesses pronomes citados só pode ser considerada redundância sob o ponto de vista diacrônico, já que o falante atual só reconhece a preposição *com* em uma das codificações seqüenciadas.

A gramaticalização explica esse fenômeno com o mecanismo atuante do *bleaching*, ou seja, nos casos sob análise, os morfemas sofreram tal esvaziamento semântico tornando necessária a repetição de outro item de igual valor para garantir o efeito comunicativo necessário. Fenômeno similar ocorreu no inglês com a codificação de tempo futuro. É o que argumenta Bybee (2003b:35):

The same process applies to grammaticizing phrases--they gradually grow increasingly independent of their composite morphemes and other instances of the same construction. Thus the phrase *(be) going to* is becoming less and less associated with the individual morphemes, *go*, *ing* and *to*, until a point may well come when speakers are surprised to find out that what its etymological source is.

Por fim, imbrica-se o *bleaching*, cunhado por Sweetser (1990, *apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB, 2007), com a idéia da projeção metafórica, que vai de um domínio-fonte para um domínio-meta. Nessa projeção, novos significados são incorporados, o que descartaria a idéia de simples perda semântica.

Podemos, portanto, explicar as motivações para esse tipo de mudança por meio dos efeitos do processo de gramaticalização, que prevê um desbotamento sincrônico muito provavelmente por causa de sua recorrência.

¹⁷ Trad.: O mesmo processo aplica-se à gramaticalização de frases – elas crescem gradualmente independente dos morfemas que as compõem e outras instâncias da mesma construção. Assim a frase *(be) going to* está tornando-se cada vez menos associada com os morfemas individuais *go*, *ing* e *to*, até que se chegue a um momento no qual os falantes ficarão surpreendidos ao descobrir qual foi realmente a fonte etimológica.

Ao elegermos a reduplicação como objeto de estudo, outro termo bastante próximo implica-se, como já foi ressaltado anteriormente, a repetição. Muitos são os estudos que têm por temática a repetição e, por ora, centralizamos as discussões em um deles.

Castilho (1997b) propõe um interessante estudo sobre a relação entre repetição e gramaticalização e avalia que a repetição de expressões lingüísticas decorre de pelo menos dois mecanismos discursivos presentes na conversação: sistema de turnos e sistema de correção (autocorreção e heterocorreção).

O foco do estudo recai sobre a recorrência de verbo (V) e nome (N), embora quaisquer itens lexicais sejam passíveis de repetição (R). O autor toma a sentença como recorte máximo de observação e providencia uma transcrição bi-axial (M – segmento matriz e R – segmento repetido) dos dados de língua falada.

Com a análise, percebeu que há vários tipos de R: R contígua, R não-contígua, R idêntica, R alteradora, sendo que a R idêntica se caracteriza por ter material lingüístico igual, estruturado da mesma forma e desempenhando a mesma função, enquanto, na R alteradora, o segmento repetido adiciona, subtrai, substitui ou recategoriza sintaticamente o segmento matriz. Outro fato mencionado é que a R ocorre preferencialmente no *dictum* (o que é dito), deixando de lado o *modus* (o modo como é dito / avaliação feita pelo usuário da língua).

Esse tipo de R gramatical é reconhecido como um dos processos de gramaticalização, o da sintaticização, em N e em V, já que a R recategoriza a classe de V, alterando enunciados como V pleno e como V auxiliar; funciona no apagamento de constituintes, operando da esquerda para a direita, e na adição de constituintes, invertendo essa orientação; fornece indícios de translação da significação concreta para a abstrata; o V repetido desencadeia uma predicação de

primeiro grau (da esquerda para a direita) e uma predicação de segundo grau (em que se inverte essa orientação); a mudança de função decorre da reanálise de sintagmas, desencadeada por sua repetição; há um ritmo unidirecional e contínuo que vai das estruturas menos ligadas (como as construções de tópico) até as mais ligadas (como os argumentos). A título de exemplificação, observemos (cf CASTILHO, id.):

(4)

M	peixe	
R1	peixe	aqui no Rio Grande do Sul
R2 eu tenho impressão que se come	peixe	exclusivamente na Semana Santa.

Quadro 3 – Repetição e gramaticalização – um exemplo (CASTILHO, 1997b:310)

(5)

Olha		
M	trem	
R1 eu sou fã	de trem	
R2 eu acho	trem	assim...
R3 eu escolheria	o trem	
R4	no trem	eu acho que há o repouso integral
R5	o trem	não tem mobilidade
R6	o trem	é mais estável
R7	o trem	tem a vantagem sobre o avião
R8 eu vou tomar	o trem	
R9 uma viagem	por trem	sempre pousou

Quadro 4 – R do nome e reanálise da função sentencial (CASTILHO, 1997b:321)

Em (4), a construção de tópico “peixe” assumiu a categoria de argumento interno do verbo “comer”. Em (5), a construção de tópico “trem” vai sendo recategorizada à medida que se repete: adjunto¹⁸ em R1, objeto direto em R2 e em R3, de novo adjunto em R4, sujeito em R5, R6 e R7, de novo objeto direto em R8 e

¹⁸ Salienta-se que se pode admitir a classificação do termo em análise como sendo complemento nominal. Sendo a palavra “fã” um adjetivo que traduz sentimento, sem determinante, poderíamos comutar a expressão analisada “Sou fã de trem” por “Sou fanática por trem”. Teríamos, então, a análise do termo “de trem” como complemento nominal.

adjunto em R9. Ou seja, temos aí a ilustração tanto da reanálise quanto das estruturas mais ou menos ligadas.

Neste estudo, Castilho aborda o tema da repetição / gramaticalização segundo sua teoria multissistêmica postulando a língua como um sistema complexo e dinâmico, regido por princípios sociocognitivos, que articulam tanto os processos quanto os produtos lingüísticos (CASTILHO, 1998). Esses princípios seriam os mesmos que regem a conversação.

É pressuposto da Teoria Multissistêmica proposta pelo autor que a língua é um conjunto de categorias agrupadas em quatro subsistemas: Léxico, Discurso, Semântica e Gramática. Esses subsistemas são autônomos, sem hierarquia nem derivação entre eles.

Retomando noções já apresentadas anteriormente, os princípios sociocognitivos são os de ativação, desativação e reativação. São considerados sociais por sua análise basear-se em situações reais de fala, e cognitivos por operarem com categorias mentais. A ativação consiste na eleição de palavras necessárias para a verbalização de um evento; a desativação refere-se ao abandono de uma palavra e de suas propriedades, o que gera um silêncio no planejamento verbal ou a fala do que não é esperado; a reativação (ou correção) é o recrutamento de palavras e propriedades já previamente ativadas. Esses princípios, ainda segundo Castilho, ocorrem simultaneamente e são os gerenciadores dos subsistemas lingüísticos já mencionados.

Castilho, nesse trabalho citado “Para uma sintaxe da repetição – língua falada e gramaticalização”, atém-se à repetição de palavras, a itens lexicais repetidos. Nosso desafio será, trabalhando com dados que mantêm semelhanças com os de Castilho, apresentar as implicações existentes na repetição e, para ser mais exatos,

nas reduplicações de porções informativas também maiores, como no caso das orações complexas. Para tanto, porém, não trabalharemos com a teoria Multissistêmica como faz Castilho.

Como pudemos notar, a *repetição* e a *reduplicação* têm pontos em comum. Ambas apresentam diversos tipos funcionais de ocorrência, sendo alguns até mesmo iguais, como veremos mais adiante no caso das reduplicações retificadoras, e ambas propiciam o desencadeamento de recategorizações e mudanças na estrutura da língua.

1.4 Modelos para mensurar a Gramaticalização

Em se tratando de Gramaticalização, uma pergunta sempre presente diz respeito aos critérios empregados para estabelecer se um item está em processo de mudança gramatical, se esse processo já foi terminado ou, até mesmo, se a mudança empreendida pelo item pode mesmo ser considerada gramaticalização.

Há autores que consideram gramaticalização como o resultado de uma mudança gramatical específica, mas a maioria tem assumido que gramaticalização é o processo *ad aeternum* empreendido por palavras, expressões e construções em direção a uma abstratização funcional. Além do *continuum* proposto por Heine, Claudi & Hünemeyer (1991) sobre a abstratização baseada em categorias cognitivas, vamos nos centrar na apresentação das propostas de Lehmann (*apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007 e HOPPER, 1991) e também na proposta de Hopper (1991), as quais auxiliam a determinação do estatuto gramatical de determinado item.

1.4.1 Parâmetros de Lehmann

Lehmann (1995 [1982], *apud* GONÇALVES e CARVALHO, 2007:70) trata da gramaticalização de itens que de lexicais tornam-se gramaticais e de gramaticais tornam-se mais gramaticais ainda. Para aferir os efeitos da gramaticalização, com base nos eixos paradigmático e sintagmático, propõe seis parâmetros mensuradores do grau de autonomia de um item. O critério de autonomia diz respeito à gramaticalização, uma vez que quanto mais autônomo um item, menos gramaticalizado é e quanto mais dependente, mais gramaticalizado.

A seguir, reproduzimos o que resume a proposta de Lehmann, ao combinar os aspectos *peso*, *coesão* e *variabilidade* com os eixos paradigmático (os três primeiros) e sintagmático (os três últimos).

Parâmetros	GR incipiente	Processo	GR avançada
Integridade (<i>peso</i>)	Item possivelmente polissilábico, com muitos traços semânticos.	Atrição	Item geralmente monossilábico, com poucos traços semânticos
Paradigmaticidade (<i>coesão</i>)	Participação “frouxa” do item em um campo semântico	Paradigmatização	Item integra paradigma pequeno, altamente integrado
Variabilidade paradigmática (<i>variabilidade</i>)	Escolha livre dos itens, segundo as intenções comunicativas	Obrigatoriedade	Escolhas sistematicamente restritas, uso obrigatório
Escopo (<i>peso</i>)	Relação do item com constituintes de complexidade arbitrária	Condensação	Item modifica a palavra ou raiz
Conexidade (<i>coesão</i>)	Justaposição do item independentemente	Coalescência (união)	Item é afixo ou traço morfológico
Variabilidade sintagmática (<i>variabilidade</i>)	Liberdade de movimento do item	Fixação	O item ocupa uma posição fixa

Quadro 5: Correlação de parâmetros da gramaticalização (GONÇALVES e CARVALHO, 2007: 71)

Para ser autônomo, um item deve possuir certo peso no paradigma e no sintagma de que participa (*integridade vs. escopo*), propriedade que o diferencia dos membros de sua classe e lhe dá certa proeminência. Paradigmática e sintagmaticamente, essa autonomia diminui à medida que o item contrai certas relações de coesão (*paradigmaticidade vs. conexidade*) com outros signos, e aumenta quanto maior sua variabilidade, mobilidade ou alternabilidade com outros itens (*variabilidade paradigmática vs. variabilidade sintagmática*). (GONÇALVES e CARVALHO, 2007:70)

Assim, como se pode depreender, o que o quadro sugere é que sejam aplicados esses critérios para aferir o grau de gramaticalização de um item. Vejamos novamente cada um deles:

(i) Integridade – tamanho substancial de um item. Para esse critério, contribuem as noções de atrição fonológica e *bleaching* semântico, uma vez que a alta frequência de uso faz com que haja um desgaste fônico e até mesmo uma perda semântica.

(ii) Paradigmaticidade – grau de coesão em um paradigma, relaciona-se a “classes abertas”¹⁹, as das formas nocionais, e “classes fechadas”, as das formas gramaticais.

(iii) Variabilidade paradigmática – possibilidade de escolha de um signo dentro de um paradigma, sendo possível até a escolha pelo “zero”. É nesse momento que uma forma pode passar a competir com outra, tornando-se a preferida em um dado contexto. Nesse caso, uma incursão sociolingüística seria eficiente na explicação dessas escolhas.

(iv) Escopo – quanto mais gramaticalizado um item, menor é seu escopo. Um item gramaticalizado passa a relacionar-se com uma palavra ou com um radical.

¹⁹ Sabemos, contudo, que as classes não podem ser dicotomicamente segmentadas em abertas e fechadas, mas vamos entender essa oposição em termos de graus. Não se pode esquecer também que a proposta de Lehmann é destinada a avaliar o grau de gramaticalização de itens ou construções em processo já avançado de mudança gramatical.

- (v) Conexidade – coesão de um item com outro, aplicando-se mais à morfologização, portanto a um estágio mais avançado de mudança.
- (vi) Variabilidade sintagmática – tendência à ordem fixa dos constituintes, em alto grau de gramaticalização.

1.4.2 Princípios de Hopper

Hopper (1991) introduz a necessidade de criar parâmetros concretos para mensurar a gramaticalização que não fossem mais as comparações entre as línguas e para isso lança a pergunta: “...are there any ‘intra-language’ principles by which we can identify instances of constructions that might be said to be caught up in grammaticization?”²⁰ (p. 20) Ele afirma que os parâmetros sugeridos por Lehmann (1995) são de alguma forma uma introdução possível na tentativa de responder à pergunta feita, razão pela qual procede a uma retomada deles:

- (i) Paradigmatização – a tendência de as formas gramaticalizadas serem organizadas em paradigmas.
- (ii) Obrigatoriedade – a tendência de a forma opcional tornar-se obrigatória.
- (iii) Condensação – a redução das formas
- (iv) Coalescência – a tendência de aglutinação das formas adjacentes.
- (v) Fixação – a ordem, antes livre, torna-se fixa.

²⁰ Trad.: há alguns princípios intra linguagem pelo qual nós podemos identificar exemplos de construções que se diz que foram originados na gramaticalização?

A presença concomitante de algumas dessas características denunciaria a gramaticalização, porém em estágio já avançado. É nessa brecha identificada na proposta de Lehmann que Hopper assenta sua proposta. A justificativa, portanto, seria a possibilidade de se reconhecer esses indícios de gramaticalização nos processos ainda incipientes.

Questionando, então, os parâmetros de Lehmann, nasce a proposta de Hopper (1991). Cinco princípios serviriam para auxiliar a identificação de um item que está em processo, ainda inicial, de gramaticalização. São eles:

- (i) Estratificação: dentro de um domínio funcional, novas camadas emergem continuamente, sem necessariamente descartar as velhas. Elas podem coexistir e até interagir com as novas camadas.
- (ii) Divergência (chamado por Heine e Reh de *split* – divisão): quando uma forma lexical se gramaticaliza em clítico ou afixo, a forma original pode continuar como elemento autônomo ou sofrer novas mudanças. Isso explica a possibilidade de haver duas ou várias formas a partir de uma etimologia comum.
- (iii) Especialização: uma forma gramatical pode tornar-se especializada em determinado contexto, o que seria perceptível pelo aumento de frequência de um item em detrimento de outros possíveis no contexto.
- (iv) Persistência: quando uma forma torna-se gramaticalizada, persistem traços originais de sua forma lexical.
- (v) Decategorização (para Hopper, de-categorização): formas gramaticalizadas tendem a perder ou neutralizar as marcas morfológicas e sintáticas de categorias plenas e assumem características de categorias secundárias, tais como adjetivos, participípios, preposições, etc. É também possível assumir funções discursivas.

Para exemplificar cada um desses princípios, Hopper usa vários estudos, entre eles o de modos e tempos verbais em Inglês, incluindo o da construção do futuro temporal desenvolvido por Bybee & Pagliuca (1986), o de línguas africanas, o de verbos no indo-ariano e também o da construção da negação no Francês.

Como o caso da formação da construção negativa em francês é um exemplo bastante recorrente na literatura sobre gramaticalização, merece destaque aqui também²¹. Hopper (1991) utiliza esse exemplo para ilustrar os princípios da *divergência* e da *especialização*, mas vamos apresentá-lo aqui demonstrando sua origem e relacionando-o com todos os princípios propostos pelo autor.

Historicamente, a partícula original de negação no francês era o *ne* e nomes como *pas* (“passo”) serviam como ênfase da negação. Esses nomes, empregados para enfatizar a negação, variavam de acordo com o valor do verbo, sendo possível também a presença de partículas como *point*, *mie*, *gote*, *amende*, *areste*, *beloce*, *eschalope*²². A partir do século XVI, porém, só eram usados *pas*, *point*, *mie* e *goutte* (gota).

Nesse tipo de dupla negação, a partícula *pas* era usada com verbos de movimento e a partícula *mie* era usada com verbos como “dar” e “comer”. A construção “*ne* + verbo” vem do Latim e, no francês antigo, o uso do segundo elemento na negação não era ainda compulsório²³.

²¹ Lembremo-nos que já o estudo de Meillet relatava essa mudança histórica.

²² Trad.: Ponto, migalha, gota, pena ou amêndoa, espinha de peixe, ameixa, vagem de ervilha, respectivamente.

²³ Cf. consta no site <http://www.utexas.edu/cola/centers/lrc/eieol/ofrol-0-X.html> sobre *Old French*.

Como exemplo, temos os seguintes trechos²⁴, retirados do “Roman d’Alexandre”, texto do século XII em que há duplas negações, mas sem a partícula estar em conformidade com o tipo de verbo, como foi explicitado anteriormente:

(6) Ne deserz ne mal pas, tant seüst loing foïr.

(7) Mes ne soit mie avers, s'aneur veut essaucier.

(8) Durement s'entrefierent, qu'il n'i a point d'amor.

Com o passar do tempo, o uso se foi especializando até chegar à única possibilidade de uso do *pas*, não mais enfático, mas simplesmente como marca de negação, de uso geral e obrigatório. Ainda assim, coexiste também o sentido de “passo” para *pas*. No francês moderno, *pas* suplantou as outras variantes e tornou-se a única partícula não-enfática de negação, podendo, inclusive, ser usada sozinha, sem o *ne*, na modalidade de língua falada e alguns casos de língua escrita.

Esse exemplo serve, então, para ilustrar os princípios: (i) de estratificação, uma vez que uma função correlaciona-se a vários itens, (ii) de divergência (*pas* com várias camadas de significado, todas coexistindo sincronicamente), (iii) de especialização, já que de todas as possibilidades de ênfase negativa o *pas* especializou-se como a aceita, (iv) de persistência, o mais apagado de todos, mas é ainda possível pensar na idéia original de “não dou um passo” para demonstrar a estratégia de ênfase usada em princípio com verbos de movimento e (v) de decategorização, já que de nome *pas* passa para clítico de negação.

²⁴ Trad: (6) Não desejes nenhum mal, enquanto estiveres a fugir para longe.

(7) Mas não seja de forma alguma contrário, se o viandante quiser (quer) destemperar.

(8) Dura e mutuamente desconfiam que não há nenhum amor.

O Prof. Dr. Bruno Fregni Bassetto gentilmente realizou a tradução e acrescenta que os “períodos indicam forte presença do provençal”.

Com esses princípios, Hopper contribui para a percepção de que um item que está em processo ainda incipiente de mudança já pode, numa análise mais detida, denunciar essa mesma mudança.

1.4.3 Efeitos da gramaticalização como instrumentos de mensuração

Diversos são os autores que tentaram demonstrar de que forma é possível perceber e mensurar a gramaticalização de um item. Nesse momento, apresentaremos outros critérios que servirão, como os demais, para avaliar se o objeto desta investigação, a reduplicação, em cada um dos grupos tipologicamente identificados, passa por gramaticalização e, em caso afirmativo, em que grau se encontra.

Para Lichtenberk (1991: 38, *apud* NEVES, 2004: 127), há três conseqüências prototípicas decorrentes do processo de gramaticalização: (i) emergência de uma nova categoria gramatical; (ii) perda de uma categoria existente e (iii) mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical. Essas três conseqüências são explicadas como concomitantes e historicamente ligadas. Podem, também, auxiliar na detecção do processo e também na avaliação do grau de gramaticalização. É importante salientar, entretanto, que conforme Sweetser e Castilho, também acreditamos que quando há perdas por um lado, há ganhos por outro.

Para Lehmann (1991: 493, *apud* NEVES, 2004:128), a gramaticalização é vista como uma variação que afeta, necessariamente, a gramática, ou seja, o item gramaticalizado sujeita-se a regras gramaticais próprias. Tem-se os seguintes

efeitos, então, segundo o autor: (i) passagem de um elemento menos gramatical (inicialmente lexical) para um elemento mais gramatical; (ii) perda de substância tanto fonológica como semântica, sendo que as relações de seleção se afrouxam; e (iii) diminuição da liberdade de manipulação do elemento; ele se integra num paradigma, torna-se mais obrigatório em certas construções e ocupa uma posição (em última análise, morfológica) fixa. Na verdade, esses efeitos já foram sugeridos e explicitados em outras obras do autor, como as citadas na seção dedicada a Lehmann.

Para este trabalho, vamos nos ater a analisar cada um dos tipos de reduplicação usando os modelos de Lehmann e de Hopper, bem como o *continuum* de abstratização proposto por Heine, Claudi e Hünemeyer.

CAPÍTULO 2

Reduplicação e língua falada

Neste capítulo, delimitamos o objeto de investigação tanto sob o ponto de vista de sua conceituação quanto sob o ponto de vista dos recortes estabelecidos por outros lingüistas que se preocuparam com a questão.

Apresentamos informações sobre os trabalhos que motivaram o início desta pesquisa, quais sejam, Moraes de Castilho (2005) e Franck (1986) e, depois, incluímos informações sobre outros estudos descritivos que nos podem auxiliar na organização de uma tipologia da reduplicação e também na identificação de critérios relevantes para a descrição pormenorizada, incluída no conteúdo do capítulo 3.

Desse modo, este capítulo configura-se como uma revisão do tema e embasamento para a situação de uso: língua falada.

2.1 Retomando os estudos lingüísticos

Foram dois os textos motivadores deste trabalho: Moraes de Castilho (2005) e Franck (1986). Na verdade, eles serviram de inspiração para que o tema de estudo fosse escolhido, delimitado e organizado. Optamos por apresentar primeiro o texto produzido mais recentemente e, dele, passamos a resenhar o mais antigo. A justificativa para essa ordenação atípica diz respeito à complexidade da unidade alvo de reduplicação. Explicamos: é pressuposto da gramaticalização que itens lexicais são menos gramaticalizados do que orações, razão pela qual optamos pela inversão da ordem de apresentação desses trabalhos.

Moraes de Castilho²⁵, em sua tese de doutoramento “O processo de redobramento sintático no português medieval – a formação das perífrases com estar”, tem como objetivos: estudar e descrever sintaticamente o comportamento do verbo *estar* locativo; destacar a importância do redobramento sintático pronominal na gramática do português medieval (PM); e mostrar o papel do pronome locativo *hi* em construções com redobramento e na formação das perífrases estar + gerúndio e infinitivo preposicionado. Nosso particular interesse nesse estudo é a referência ao redobramento sintático, caracterizado como ocorrência de duas categorias ligadas pelo processo de correferencialidade.

A autora, limitando-se ao redobramento de pronomes, observa que o redobro se instaura na manifestação de um pronome fraco (um clítico acusativo, dativo ou locativo), de um pronome pessoal (*e/le* no Português Brasileiro - PB), ou de um pronome não-realizado foneticamente. O outro pronome corresponde a um constituinte redobrado, ou seja, a um sintagma preposicionado (SP), a um sintagma nominal (SN) ou a um pronome pessoal forte do tipo ELE, também existente no PB. São apresentados como redobramento sintático a duplicação do clítico e do possessivo; duplicação de pronomes circunstanciais e de advérbio de negação; complementizador recursivo (que...que/se...se); deslocamento à esquerda do pronome forte; e quantificadores (quantos...todos). Ilustram os casos identificados pela autora os seguintes exemplos coletados e comentados por ela:

- (9) [XIII SG 325:8][...] *e entom aguilharom mais de X a Paramades e matorom-lhe o cavalo e chagarom-no a el de muitas chagas.* [clítico acusativo como redobro de um SN/SP]
- (10) [XIII DSG 9:35] *E o monge Libertino outrossi deitou-se ante os pees de seu abade e disse-lhi que aquele mal que el recebera non fora per **sa crueza do***

²⁵ A autora emprega, em sua tese de doutoramento, os termos “redobro” e “redobramento”, razão pela qual também incluímos esses dois termos.

abade, mais fora per **sa culpa del mesmo**. [o possessivo *seu* como redobro de um SP]

- (11) [XVI BD 21:2] [...] *que nom há i alguũ que leixar casas e irmãos ou padre ou madre ou herdades, que nom receba cem-tanto **agora em este tempo**, e depois haverá vida perdurável*. [duplicação do SP circunstancial de tempo]
- (12) [XIII CSM1 193:12] *Enton cuidei logo como me partisse / daquesta terra que **neun non** me visse, / [...]* [duplicação da negação]
- (13) [XV CA200 47:3] *Ora pregunto **se** depois desto **se** non cõfesarse **se** tornam ael aquellas pecados de que ia he perdoado*.
- (14) [XV VS 47:29] *E o angeo rrespondeo aguardemos e veerás a cabo de pouco foy a casa tam escura e **quantos** estavã em ella **todos** (se) tornarom tristes*.

Moraes de Castilho argumenta, então, que o redobrimento poderá ocorrer tanto no nível submorfológico, com a repetição de uma vogal ou de uma consoante, quanto no nível morfológico, com a repetição de uma sílaba²⁶ ou de uma palavra.

Embora concorde que a ênfase possa explicar o redobro, a autora argumenta que o redobro pode ocasionar mudança tipológica das línguas ou mudanças em alguns setores da língua. Após um levantamento de como é visto o redobrimento sintático em gramáticas tradicionais, a autora chega à conclusão de que “o redobrimento é visto como um fato marginal à gramática, um fato de estilo – ou de discurso”(p.35), associado às figuras de estilo: pleonasma, anacoluto ou hipérbato.

A língua se auto-regula, procurando em sua gramática algum constituinte que possa voltar a produzir o efeito semântico perdido, surgindo então o redobro. (Moraes de Castilho, 2005: 32)

Somente agora é que ele [o redobrimento] tem sido visto como algo interessante e, portanto, digno de ser estudado. De todo modo, tanto os gramáticos, como mais recentemente os lingüistas, parecem não ter notado que propriedades sintáticas comuns interligam os fatos mencionados acima [os vários tipos de redobrimento]. Não perceberam que se trata de fenômenos integrados num processo único que altera a tipologia de uma língua, ficando com os olhos voltados apenas para um dos pequenos efeitos gerados pela simplificação de um longo processo de redobrimento, ou seja, se ativeram tão somente ao efeito semântico de ênfase. (idem, p.39)

²⁶ Conforme consta no capítulo 1, seção 1.1 Conceito de redobrimento sintático

Assim, o redobro, se vinculado à sintaxe na gramática normativa, presta-se a evidenciar a fuga às regras do bom uso da língua, algo muito próximo ao que normatividade rotularia de erro. Já nas gramáticas históricas, ainda segundo a autora, sequer há o registro do fato, muito embora os romanistas já o tivessem feito. Não somente historicamente, contudo, pode-se verificar a manifestação do fenômeno. É o que mostra Franck (1986).

A autora, em seu artigo “Sentenças em turnos conversacionais: um caso de double-bind sintático”, prioriza unidades mais complexas como alvo de análise, típicas de situação de fala. Desse modo, colabora para o início da discussão sobre a importância de se ter como objeto de estudo a língua falada. Ela quer, ainda, marcar a grande diferença que há entre língua escrita, produzida e preservada, e produção espontânea, improvisada e interativa, típica da fala. Para tanto, apresenta as estruturas sintáticas a que denominou *double-bind*.

O termo, utilizado comumente na psiquiatria, faz referência a *duplo vínculo*, e passou a fazer referência lingüística ao duplo vínculo sintático. São estruturas do tipo (A / B / C) em que a parte intermediária (B) está sintaticamente relacionada tanto com a parte anterior (A) quanto com a parte posterior (C), porém com uma de cada vez. Não há sinais de correções, hesitações ou mudança de assunto por parte do locutor, configurando-se seqüências que exigem do interlocutor uma mudança da análise da interpretação e do entendimento à medida que a sentença prossegue. O essencial é que o ouvinte tem de modificar a análise do elemento B à medida que a sentença prossegue.

Há dois tipos de sentença com estrutura *double-bind*: as chamadas *cabeça de Janus*²⁷, em que A e C são elementos diferentes; e as chamadas *construções especulares*, construções simétricas em que A e C são literal ou semanticamente idênticos. Observem-se os exemplos seguintes:

(15) Isto ocorreu / no ano 1907 / eu nasci

(16) Eles também sempre rastejam / em nosso quarto de dormir / vêm eles pela soleira

(17) mas existe / assim a animal ambulância / vem pegá-lo.

(18) Eu digo / primeiro / digo eu absolutamente nada

Em (15), (16) e (17), temos exemplos de estruturas cabeça de Janus, em que A e C são elementos diferentes. Em (15) e (16), B conserva o significado e/ou a categoria sintática, diversamente do que ocorre com (17), em que B muda de categoria sintática: em relação a A, é adjunto adverbial e em relação a C, é sujeito. Já, em (18), tem-se um exemplo de construção especular, cuja simetria permite afirmar que A e C são literalmente idênticos.

A autora defende que o que parece ser erro ou defeito da língua natural pode revelar-se, na verdade, como soluções elegantes para múltiplas complexidades e exigências contraditórias a que o locutor deve satisfazer no contexto específico da enunciação.

Franck apresentou como justificativa para o uso do *double-bind* sua relevância na organização conversacional, posto que revela uma estratégia

²⁷ Faz referência a Janus, divindade situada nos pórticos das cidades da Antigüidade. A cabeça de Janus é constituída por duas faces opostas, que associam, numa só unidade, a dualidade do velho e do jovem, do feio e do belo, e, mais essencialmente, do masculino e do feminino. Se nos pórticos Janus cuida não somente do interior da cidade como daquilo que lhe é exterior, em janeiro, ele olha tanto para o ano que se encerra como para o ano que se insinua. (Cf. JORGE, Marco Antonio Coutinho. *As quatros dimensões do despertar: sonho, fantasia, delírio, ilusão..* Disponível em: www.convergenciafreudlacan.org, acessado em 17 de abril de 2007).

conversacional de manutenção de turno e que confere coerência discursiva de maneira econômica por fornecer duas informações ao mesmo tempo.

A título de ilustração, reproduzimos um trecho de Koch (2003), em cujo estudo que diz respeito à construção de sentido do texto é apresentado exatamente esse trabalho de Franck sobre *double-bind*.

Doc. Vocês acham então que o noticiário em TV tem melhorado bastante

[
Tem pode melhorar mais nesse ponto o o:: **telejornal nosso** pode aprimorar bastante... eu acho... bastante (NURC-SP – D2 333: 988-992)

Interessante é notar que, no exemplo anterior, tem-se um caso de “double-bind” sintático (cf. FRANCK, 1986): o tema *o o:: telejornal nosso*, posposto ao rema, torna-se, por sua vez, o tema (não-marcado) do rema seguinte *pode aprimorar bastante*. (KOCH, 2003: 114-115)

Franck explica o uso desse procedimento de dupla vinculação como sendo uma estratégia do discurso. O que nos parece é que poderíamos tentar explicá-lo como uma demonstração da estratégia sócio-cognitiva da estruturação do discurso. Afinal, esse é um procedimento sintático, com implicações no discurso e, provavelmente, com motivações sócio-cognitivas. Argumentos são vários sobre essa possibilidade, como o de Croft (1990):

a estrutura da língua reflete de algum modo a estrutura da experiência, ou seja, a estrutura do mundo, incluindo (na maior parte das visões funcionalistas) a perspectiva imposta sobre o mundo pelo falante. (*apud* NEVES, 2004)

Assim, a estrutura sintática da língua, no caso o uso do *double-bind*, deve refletir de algum modo a estrutura da experiência. Seria possível verificar, portanto, essa marcação icônica por meio da estruturação sintática. Nessa direção vão os argumentos de Neves (2004:99):

Pode-se dizer, no geral, que, num modelo cognitivista da gramática se supõe que a estruturação das categorias lingüísticas se faz dentro dos mesmos princípios que orientam a estruturação de todas as categorias humanas, por exemplo, as perceptuais. Supõe-se, pois, que a teoria gramatical deve ser capaz de dar conta das relações entre as categorias lingüísticas e as categorias cognitivas, considerando-se uma relação icônica entre os sistemas.

Interessados no tema apresentado por Franck, especialmente porque se insere no universo de repetições estruturais, incluímos o *double-bind* sintático como parte da tarefa descritiva desta dissertação de mestrado, que prioriza o estudo das reduplicações na língua falada culta em São Paulo.

Tendo em vista, contudo, que a autora sedimenta suas explicações no funcionamento e hierarquização da língua falada, procederemos a uma incursão em trabalhos que lidam com o processamento de informações em situação de fala, tal como faz Marcuschi (2002), que trata da espontaneidade e do planejamento *on-line*, característicos da língua falada.

2.2 O Processamento local das informações: a língua falada

Nesta seção, serão apresentados brevemente alguns estudos que focalizaram a língua falada e suas características e iniciamos com um levantamento de alguns autores que se dedicaram ao trabalho de analisar de que forma se dá a colocação dos constituintes na frase e com que motivação isso ocorreria. Para Chafe, (1987, 1988, *apud* NEVES, 2004: 35) o fluxo de informação numa situação comunicativa apresenta-se organizado linearmente com vistas a atingir a compreensão do interlocutor:

determina a ordenação linear dos sintagmas nominais na frase, que se faz na seqüência que o falante considera adequada para obter a atenção do ouvinte, mas alterações da ordem podem atuar no sentido de controlar o fluxo de atenção.

Dialogando com Chafe, podemos afirmar que esta investigação sobre a reduplicação deve atentar para o encadeamento sintático, já que é ele que permite observar o fluxo informativo em processamento. Devemos avaliar se o estatuto informacional das partes repetidas será relevante para a compreensão desse mesmo processamento.

Du Bois (1987, 1993a, 1993b, *apud* NEVES, 2004: 37), discutindo a questão, vai falar em 'estrutura argumental preferida'. Com isso, o autor pretende afirmar que, quando configura sintaticamente uma seqüência informativa, o falante está estabelecendo uma inter-relação entre a dimensão gramatical e a dimensão pragmática. Dessa forma, a aparentemente simples opção por um ou outro tipo oracional remete a toda uma complexa motivação guiada pelo objetivo discursivo. O seqüenciamento entre informações velhas e novas pode dizer muito a respeito da gramaticalização nas línguas, pois uma informação compartilhada poderia ser elidida, já que é pressuposta, mas, em muitos casos, não é o que ocorre. Cremos que um dos gatilhos para a repetição em alguns casos seja exatamente o que Sweetser (1988b) chamou de *bleaching* ou aquilo que rotulamos anteriormente de esquecimento histórico.

Próximo desse encaminhamento chegou Koch (2000) quando analisou as estratégias de tematização e rematização, ou seja, o deslocamento de tema e rema no português falado no Brasil. Em seu estudo, a autora mostrou que lidar com a língua em seu processamento sintático falado requer mais do que a descrição estática da delimitação tema-rema (cf. DANEŠ, 1967). É necessário reconhecer que

“a ordem dos constituintes que seria de se esperar por razões de ordem sintática é freqüentemente infringida por razões de ordem funcional”. (KOCH, 2000:128) Suas conclusões vão justamente no sentido de que as estratégias estudadas têm papel relevante na construção do texto, da coerência textual e, conseqüentemente, no sentido interpretado pelo interlocutor.

Em sintonia com Koch, estão os argumentos de Marcuschi (2002) a respeito da repetição na língua falada, a qual integra o conjunto de estratégias de formulação textual. O autor apresenta as seguintes funções para a repetição: contribuir para a organização discursiva e para a monitoração da coerência textual; favorecer a coesão, a geração de seqüências mais compreensíveis e dar continuidade à organização tópica; e auxiliar nas atividades interativas.

O autor sustenta que a repetição faz parte do planejamento lingüístico *on-line*, do texto relativamente não-planejado típico da língua falada²⁸. O estudo pauta-se na perspectiva textual-interativa, razão pela qual define a repetição como seqüência que expressa informação nova. Repetir as mesmas palavras num evento comunicativo não equivale a dizer a mesma coisa.

No bojo da análise da conversação, a repetição equivale à produção de segmentos discursivos idênticos ou semelhantes duas ou mais vezes no âmbito de um mesmo evento comunicativo, havendo dois tipos de repetição: auto-repetições e heterorrepetições. São vários os segmentos lingüísticos repetitivos: i) repetições fonológicas (alteração, alongamento, entoação, etc.); ii) repetições de morfemas (prefixos, sufixos, etc.); iii) repetições de itens lexicais (geralmente N e V); iv)

²⁸ Acreditamos que, como a maioria dos estudiosos da sociolingüística interacional defende, o melhor seria falar em “planejada localmente” ao invés de “não-planejada”.

repetições de construções subordinacionais (SN, SV, SPrep., SAdj, SAdv); e v) repetições de orações.

As repetições oracionais são utilizadas para promover o envolvimento e para contra-argumentar, ou seja, têm função argumentativa e interativa. No nível textual, são funções da repetição a coesividade, garantindo seqüenciação, referenciação, correção, expansão, parentetização e enquadramento. No nível discursivo, a repetição gera compreensão (intensificação, esclarecimento), continuidade tópica (amarração, introdução, reintrodução, delimitação), garante a argumentatividade (reafirmação, contraste, contestação) bem como a interatividade (monitoração da tomada de turno, ratificação do papel de ouvinte, incorporação).

Entre as várias conclusões deste estudo, estão estas duas: a repetição tem nas funções de coesividade e condução do tópico sua presença mais freqüente e sistemática. Já as funções de argumentatividade e interação têm uma presença mais variada. Com isto, a repetição constitui-se numa estratégia valiosa para o processamento textual-interativo, seja na contribuição para o processamento informacional, seja na preservação da funcionalidade comunicativa. Com esses resultados, pode-se dizer que o texto falado (seja na forma dialogada ou monologada, espontânea ou solicitada), de fato, progride e se constitui localmente, ou seja, on-line. Não é planejado globalmente, refletindo assim condições de produção ligadas ao tempo real. (MARCUSCHI, 2002: 136)

O estudo de Marcuschi é o que apresenta dados que mais se aproximam daqueles encontrados durante a elaboração desta dissertação, porém o autor centra a análise na abordagem da formulação textual e na estratégia da coesão. Nossa intenção é, a partir dos dados, relacioná-los com as motivações sintáticas e de mudança lingüística usando os pressupostos da gramaticalização e estabelecer possíveis relações icônicas para o emprego da reduplicação.

Outro autor que se dedicou ao estudo do texto falado foi Hilgert (1993 e 1996), concentrando-se na paráfrase, um dos recursos de reformulação que consiste

em reformular o “enunciado anterior, mantendo com este uma relação de equivalência semântica” (Hilgert, 1993: 111). Principalmente no diálogo entre dois informantes, texto característico de uma das formas de inquérito do NURC, o falante precisa fazer com que seu enunciado seja compreendido pelo ouvinte e, ao mesmo tempo em que planeja o texto, também o formula. “É precisamente esta preocupação simultânea com o ‘dizer’ e com o ‘que dizer’ que vai deixar evidente, no texto falado, uma série de marcas responsáveis pela caracterização específica de sua formulação” (p.107). Uma característica marcante desse tipo de texto é a grande incidência de descontinuidades, ou seja, uma interrupção do fluxo formulativo, marcada, entre várias possibilidades, por hesitação, repetição, alongamento, interrupção, correção. Desses trabalhos do autor, valemo-nos, principalmente, da idéia apresentada sobre repetição (no nosso caso vista como reduplicação) como sendo um caso-limite de paráfrase, na medida em que mantém com o enunciado de origem um grau máximo da equivalência semântica.

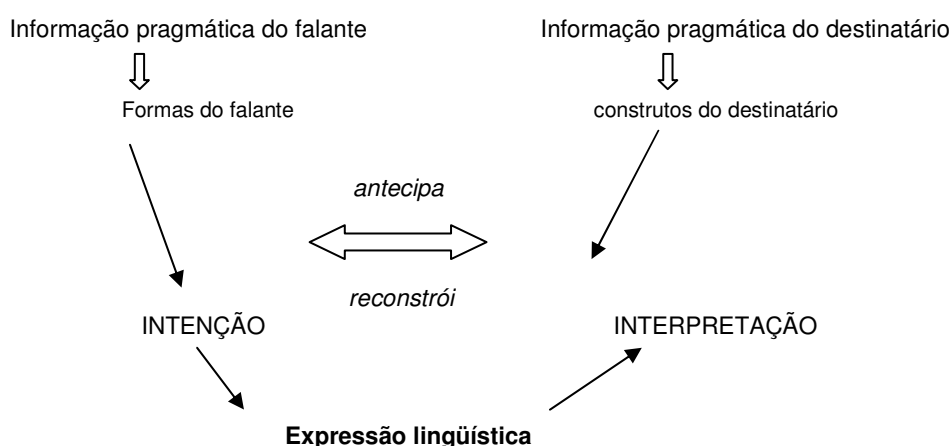
Ainda sobre língua falada, torna-se importante ilustrar brevemente como se dá a interação verbal entre os falantes segundo Dik (1997). A gramática funcional procura descrever e explicar as línguas naturais, tendo em vista a adequação pragmática e psicológica.

Considera-se pragmaticamente adequada a interação verbal com propósito comunicativo e psicologicamente adequado o processo mental de interpretação e produção de expressões lingüísticas. Ou seja, a gramática funcional preocupa-se com o modelo integrado de um uso natural da linguagem, manifestado pelo discurso.

No modelo de interação verbal, o falante tem suas intenções comunicativas parcialmente codificadas na expressão lingüística, sendo mais ou menos explícitas. A informação pragmática contém a hipótese do conhecimento do ouvinte e uma

antecipação de como ele interpretará a expressão lingüística tendo em vista as informações pragmáticas inferidas pelo falante. O interlocutor, por sua vez, terá a tarefa de tentar reconstruir a intenção do falante em sua interpretação final, sendo ajudado por sua própria informação pragmática que, por sua vez, baseia-se na hipótese da informação pragmática do falante. Essa informação pragmática é construída pela informação geral, pela informação situacional e pela informação contextual.

Esse modelo criado por Dik e representado aqui a partir de Lima-Hernandes desenha bem que a bagagem do interlocutor entra na composição da interação verbal.



Esquema 1 – Modelo de interação verbal de Dik (1989, apud LIMA-HERNANDES, 2005: 20)

É preciso notar que mais do que a oposição falante-ouvinte, há interlocutores que assumem, de modo dinâmico, os papéis de falante e de ouvinte. Mesmo quando no papel de ouvinte, há uma atividade de monitoramento e transmissão de informações pragmáticas ao que detém o turno lingüístico. Não há a passividade. Ambos atuam o tempo todo, interagem por voz e por transmissão de informação pragmática e de pistas para propiciar inferências.

Neste capítulo, discutimos o recorte temático e os estudos já relacionados ao tema. Durante o processo de revisão de estudos, percebemos que lidar somente com um tipo de segmento repetido não seria suficiente para compreender o processamento da informação, especialmente porque estruturas mais complexas como o *double-bind* poderiam camuflar o estatuto informativo.

Com essa preocupação, lançamos mão de Chafe, Du Bois, Koch, Marcuschi e Hilgert, autores cujos trabalhos favoreceriam a compreensão dos fenômenos de alteração de ordem ou repetição de elementos no nível da fala. Estabelecendo um diálogo com as idéias de Chafe e de Du Bois, notamos o quão importantes eram para procedermos ao trabalho de análise no capítulo 3, especialmente no que se referem às seqüências dos elementos e de suas motivações. Já as idéias de Koch, de Marcuschi e de Hilgert revelaram-se importantes para a discussão sobre as motivações sintáticas e de mudança lingüística que subjazem à estrutura tema-rema e às repetições.

Em relação às contribuições ideológicas de Dik, estas deram sustentação ao modelo de interação verbal colaborativo de que precisávamos: nesse modelo, é dada relevância à partilha e ao envolvimento, permitindo elocubrar a respeito das motivações de porções reduplicadas: a antecipação e a reconstrução da expressão lingüística dos falantes. Seguindo com a pesquisa, no próximo capítulo, apresentaremos os dados de reduplicação ocorridos em situação de fala e procederemos às análises levando em conta tanto a ordem dos elementos repetidos quanto as motivações para esse uso.

CAPÍTULO 3

Reduplicação no Português Culto falado em São Paulo

Neste capítulo, apresentamos, a partir da tarefa de rastreamento em entrevistas gravadas com falantes cultos, originárias do Projeto NURC-SP, a organização dos padrões funcionais da reduplicação no português em São Paulo.

Mostramos que, a partir de critérios funcionais, pode-se estabelecer uma tipologia da *reduplicação*, o que permitirá reorganizar os dados e favorecer o diálogo com a teoria da gramaticalização.

3.1 Padrões de reduplicação na língua falada

A reduplicação serve a muitas funções e assume configurações diversas.

Sapir (1971:82) já se manifestara a esse respeito reconhecendo algumas dessas funções:

Nada mais natural do que a importância da reduplicação, ou seja, em outros termos, a repetição total ou parcial do radical. O processo é geralmente empregado, com transparente simbolismo, para indicar certos conceitos como distribuição, pluralidade, repetição, atividade habitual, aumento de tamanho, acréscimo de intensidade, continuidade.

Para dar conta de toda essa diversidade, organizamos os dados de reduplicação, selecionados do *corpus*, segundo quatro padrões funcionais²⁹, a saber: (i) Reduplicação por processamento fônico na palavra; (ii) Reduplicação por processamento sintático regencial; (iii) Reduplicação por processamento sintático não-regencial; e (iv) Reduplicação sintática de orações.

²⁹ Em algumas das tipologias, o padrão funcional alia-se a configurações estruturais.

Essa organização em quatro padrões funcionais obedeceu tanto às definições utilizadas para reduplicação e redobro (que incluem desde a repetição de sílabas até a repetição de segmentos maiores) quanto os dados encontrados no *corpus* que ratificam as diferentes possibilidades de repetições, sejam elas fonológicas, morfológicas, semânticas ou mesmo sintáticas.

3.1.1 Reduplicação 1 – Reduplicação por processamento fônico na palavra

Integram esse conjunto reduplicações configuradas como a repetição de um segmento fônico, ou seja, que integre a palavra compondo com essa e o item reduplicado um todo significativo não ultrapassando a complexidade estrutural de um vocábulo mórfico.

Bechara (2005:371), a esse respeito, desenvolve alguns tópicos relativos à repetição e, no verbete relativo à *reduplicação*, consta: “também chamada *duplicação silábica*, consiste na repetição de vogal ou consoante, acompanhada quase sempre de alternância vocálica, para formar uma palavra imitativa(...). Este é o processo geralmente usado para formar as onomatopéias.”

A onomatopéia é representante da motivação fonética, ou seja, existe uma relação entre a palavra e seu significado, já que a “estrutura sonora apresenta uma semelhança ou uma harmonia em relação ao sentido que ela expressa” (Martelotta, 2008: 75). Dessa forma, ela está calcada na iconicidade.

Segundo Ullmann (1964), há dois tipos de onomatopéia, a primária e a secundária. A forma primária é a imitação do som pelo som, sendo uma experiência acústica que é imitada pela estrutura fonética da palavra. Já na forma secundária, o

som evoca um movimento ou uma qualidade física ou moral. Ainda segundo o autor, outro aspecto que merece destaque é a ocorrência da alternância vocálica nos padrões onomatopaicos e, por vezes, também a alternância das consoantes iniciais.

No *corpus* sob análise, houve um caso bastante interessante de reduplicação silábica, típica da definição apresentada por Bechara e por Sandmann (1988), qual seja, a expressão “blá blá blá” (D2-343: 417, 704 e 1561).

(19) conforme o caminho que ele faz ele.... passaria em cima de PRÉdio... tanto que houve aquela... **blá blá blá** aí de:... desapropria ali o colégio:... ah:: não (D2-343:417)

Em sua obra, Sandmann distingue dois tipos de reduplicações: a repetição da sílaba vazia de significado e a repetição de duas palavras. Em primeiro momento, parece-nos que “blá blá blá” faz parte do primeiro tipo, com a repetição de uma sílaba vazia de significado.

É conveniente notar que é uma expressão já registrada em Houaiss & Villar (2001), que a datam de 1945 e apresentam a etimologia associada a duas explicações: por onomatopéia imitativa e por influência do verbo francês *blaguer* 'dizer coisas ridículas ou mentiras'. Mesmo que provenha do francês, a palavra não foi repetida integralmente, embora permaneça o sentido de “conversa sem conteúdo”.

Outro exemplo dessa natureza ocorreu no *corpus* sob análise com a repetição de “pá pá”, que tanto pode ser uma repetição onomatopaica quanto um reforço típico da gíria:

(20) você vê o homem do tempo... você ouve aí o homem do tempo... **pá pá**... fala isso aquilo (D2-62: 94)

A respeito da gíria, é bastante eloqüente uma crônica de Luís Fernando Veríssimo³⁰, na qual ele explora o vocábulo “pá pá pá” e as considerações sobre o seu possível significado feitas pela personagem americana, estrangeira, para qual a língua portuguesa representava um mistério. Em determinado momento, ela diz: “Quando brasileiro começa a contar história, sempre entra o ‘pá, pá, pá’.” Para explicar tal uso, o brasileiro, personagem com que a americana conversa, diz: “Funciona como reticências.” “É uma expressão utilitária. Substitui várias palavras (...) por apenas três.”

Em outra crônica de Veríssimo³¹, também aparece o “pá pá”, agora para representar o som que a tuba faria, acompanhando um quarteto de cordas: “eu faço *um-pá-pá*.” “Mozart não tem *um-pá-pá*.” Representa, ainda, o fato inevitável: “Vocês todos serão interrogados. Um a um, pá-pá.”

Outra forma recorrente de reduplicação é o uso típico da linguagem infantil, em que palavras são reduzidas a sua sílaba inicial com repetição, como em nomes próprios: ‘Bibi’, ‘Lelê’ e ‘Titi’ ou até mesmo palavras tabu ‘xixi’, ‘cocô’, ‘caca’, ‘pipi’. Porém, exemplos dessa natureza não foram encontrados no *corpus* em análise.

É importante considerar, também, a relação existente entre reduplicação e intensificação, explorada principalmente nos próximos padrões funcionais, mas aqui também demonstrada com a experiência relatada por Gladstone Chaves de Melo (1975:61) em relação à reduplicação silábica:

Para documentar o valor intensificativo da idéia, que tem a reduplicação silábica, aponto um fato observado na linguagem incipiente de um filhinho meu, de 22 meses. Já havia em casa uma pequena, mais moça que ele, - a *nenê*. Aparece por essa época um

³⁰ “Pá pá pá”, de Luís Fernando Veríssimo, que se encontra nos anexos.

³¹ “O recital”, de Luís Fernando Veríssimo, que se encontra nos anexos.

terceiro, que foi imediatamente batizado de *nenenê*. Donde se vê que, para o garoto, *nenê* = pequeno.

Para esse padrão funcional, a aplicação dos modelos para mensurar a gramaticalização de um item permite constatar que a reduplicação de um segmento fônico não se configura como um caso de gramaticalização, conforme o exposto a seguir:

- a) Não há o percurso de abstratização proposto por Heine, Claudi & Hünnmeyer, até porque não se pode dizer que os exemplos desse tipo de reduplicação extraídos do *corpus* partam da noção de pessoa, ou parte do corpo, para outras categorias cognitivas.
- b) Usando os princípios propostos por Hopper, só podemos afirmar que tanto em “blá blá blá” quanto em “pá pá” não há a criação de um termo que seja mais gramatical; pelo contrário, parece-nos que essas onomatopéias servem só como marcas próprias utilizadas no nível discursivo.
- c) Quanto aos parâmetros propostos por Lehmann, vemos que os itens analisados fazem parte de um paradigma aberto, com variabilidade tanto paradigmática quanto sintagmática, sem marcas de conexão e que têm por escopo um item não gramatical, mas discursivo.

3.1.2 Reduplicação 2 – Reduplicação por processamento sintático regencial

Integram esse conjunto de dados casos de reduplicações configuradas como exigências sintáticas de cunho regencial. Invariavelmente, o item a ser repetido

apresentará o estatuto de prefixo-radical, sendo que o prefixo é repetido sob forma de preposição.

A esse respeito, Bechara (2005: 569) afirma que o conhecimento das tendências históricas de uma língua é imprescindível para o reconhecimento de que fatos desse tipo são muito freqüentes:

Repetição de prefixo e preposição - Sem atentar para a tradição do idioma e de suas raízes latinas, alguns autores (por ex., Cândido Figueiredo) condenam a concorrência de prefixo com preposição em usos como *concorrer com*, *deduzir de*, *incluir em*, *aderir a*, *concordar com*, *coincidir com*, etc.

Com base na afirmação de Bechara, podemos depreender o quão complexo é para o falante comum perceber essa repetição³². O lingüista, contudo, deve estar atento a essas tendências e evitar o que chamamos de “esquecimento histórico”. Em qualquer recorte de variedade lingüística é possível identificar muitos casos de reduplicação. Sendo assim, a reduplicação não pode ser explicável pela falta de conhecimento da gramática da língua ou, se focalizarmos o falante, pela escolarização do falante. É um fenômeno que decorre de um processamento histórico não-perceptível aos falantes não-letrados e também aos falantes cultos, como já tivemos oportunidade de ilustrar com o caso dos pronomes *comigo*, *contigo*, *conosco*, *convosco*.

No *corpus* analisado, houve a ocorrência das seguintes palavras que apresentam identidade entre prefixo e preposição: ‘*coadunar com*’ (D2-62: 393), ‘*comparar com*’ (D2-255: 265; D2-343: 7, 16, 223, 267, 268, 1648), ‘*continuar com*’ (D2-343: 226; D2-62: 324, 325), ‘*contribuindo com*’ (D2-343: 578), ‘*contato com*’ (D2-

³² A esse respeito, é bastante ilustrativa a seguinte passagem: “COM: Antes de vogal e de *l, m, n, e r*, perde o elemento nasal (m): *coevo, colaborar, comigo, conexão, correspondência*. Ainda hoje há quem na leitura e até na escrita procure reconstituir a forma antiga: *cômigo, conrrespondência*. É o instinto etimológico em ação. Trabalho inútil: perdeu-se já a consciência do prefixo, e as palavras são tidas como simples, de uma só unidade.” (LAPA, 1945: 107)

343: 839), ‘dentro de’ (D2-62:405, 465, 707, 953), ‘depende de’ (D2: 343: 900, 907, 940, 954; D2-62: 302), ‘envolvido em’ (D2-343: 918), ‘desenvolvimento de’ (D2-62: 159), ‘implantar em’ (D2-255: 583).

Para a análise desse tipo de reduplicação, procedeu-se ao levantamento do significado e da etimologia da palavra, bem como a análise do prefixo/preposição. Para tanto, recorreu-se a dicionários etimológicos, de latim e de língua portuguesa e, quando não encontrado nessas fontes, a lingüistas especializados no assunto.

Convém ressaltar que muitas das preposições do português originaram-se de advérbios³³, mas é relevante saber que essa não é a classe de palavras exclusiva desse tipo de recategorização³⁴.

Seguem-se, então, os achados de reduplicação nas amostras de fala culta de São Paulo. Para fins de organização dessa apresentação, iniciamos com a etimologia da preposição que comporá essa reduplicação e, depois, logo na seqüência, apresentamos a etimologia dos itens que a incorporaram historicamente.

a) reduplicação com a preposição COM:

Com

indo-europeu: **kom* – ‘com, em companhia de, junto a, ao lado de’
Sentidos: a) companhia; b) convergência, afluência, movimento para o mesmo lugar; c) reunião, junção; d) simultaneidade, contemporaneidade; e) concordância, acordo, harmonia, conformidade; f) acabamento, plenitude, inteireza; g) intensidade, h) movimento unilateral. (ROMANELLI, 1964)
Este prefixo não devia ter grande vitalidade no latim vulgar. Falta no romeno, exceto em algumas palavras cristalizadas. Frequentemente compostos genuinamente romances são simples formas petrificadas, como em **cominitiare*. A maior parte das formações românicas posteriores reproduzem compostos latinos e, evidentemente se deve à língua culta a nova produtividade do prefixo. (MAURER JR., 1951)

³³ Talvez por isso seja possível aos estudiosos do indo-europeu, dentre os quais se cita Maurer Jr., afirmar que não havia casos de preposição ou de prefixos nessa língua, ao contrário do que ocorria com os advérbios.

³⁴ Lima-Hernandes (2005), por exemplo, mostrou que a preposição exemplificativa *tipo* deriva de categoria etimológica nominal: substantivo > conjunção > preposição.

A preposição *cum* (não é atestada como advérbio) surge, também, sob forma do prefixo *com-* e remonta ao indo-europeu **kom* “de todos os lados <para perto de>” que aparece em ítalo-céltico, germânico, védico e eslavo.(...) *Cum*, como preposição, desenvolveu o sentido comitativo, perdendo quase completamente a idéia locativa que trazia. (VIARO, 2004:225)

Coadunar

Adunar – v ‘reunir, agrupar’, ‘submeter, subordinar’ XVI. Do latim, *adunāre* / adunação XVI. Do latim *adūnātio –ōnis* / coadunação XVII / coadunar 1813 (CUNHA, 1987).

Do latim, *adunāre*, mesmo sentido, documentado tardiamente; por via culta. Séc. XVI (MACHADO, 1967)

lat. *coadúno,as,ávi,átum,áre* 'ajuntar, reunir', de *adunāre* 'reunir, juntar'; *un(i) unio,ónis* 'unidade; união', lat.imp. *unio,is,ívi* ou *ii,ítum,íre* 'unir, reunir' (it. *unire*, fr.ant. *onir*, fr. provç. cat. esp. port. *unir*), *adúno,as,ávi, átum,áre* 'reunir, unir' (romn. *aduna*, it. *adunare*, fr.ant. *äuner*, provç. *azunar*, cat.esp.port. *auar*)- (HOUAISS & VILLAR, 2002)

Comparar

v. do lat. *compārare*, “acasalar, emparelhar, juntar para a luta, opor como antagonista; *fig.*: aparelhar, acasalar, pôr no mesmo pé, no mesmo plano, assimilar; comparar; mostrar por comparação” (MACHADO, 1967)

‘cotejar, confrontar’, ‘igualar, equiparar’, séc. XIV (CUNHA, 1987)

par(i) antepositivo, do v.lat. *paro,as,ávi,átum,áre*, intensivo durativo de *pario,is,pepèri,partum,ère*, segundo Ernout e Meillet, propriamente 'esforçar-se para obter', donde 'obter, alcançar, adquirir com dinheiro, comprar'; (HOUAISS & VILLAR, 2002)

paro, as, are – tornar igual, igualar, comparar, acomodar (FARIA, 1991)

Da idéia partitiva temos ainda a de *comparação*, que se pode entrever tanto em prefixos como em preposições (ex.:comparar) (VIARO, 1994: 241)

Contato contacto

/ s. do lat. *contāctu-*, “contacto, toque; contacto contagioso, contágio”. Séc. XVII

Sm ‘ato de exercer o sentido do tato’, ‘estado ou situação dos corpos que se tocam’, ‘ext. relação de freqüência, de proximidade’ (MACHADO, 1967)

tact- antepositivo, do v.lat. *tango,is,tetigi,tactum,tangère* 'tocar (sentido físico e moral, transitivo e absoluto)'; antigo, usual, clássico, conservado parcialmente nas línguas român., com sentidos técnicos; a coação port. de base culta inclui:contactus (HOUAISS & VILLAR, 2002)

Continuar

v. do lat. *continūare*, “fazer seguir imediatamente, assegurar uma continuidade, juntar de maneira que forme um todo sem interrupção; fazer durar sem descontinuidade; durar, persistir”. Séc. XIV (MACHADO, 1967)

ten- antepositivo, do v.lat. *tenè,es,tenù,i,tentum,tenère* 'ter', da mesma raiz **ten-* de *tendère*; v. *continuo,as,ávi,átum,áre* 'continuar; seguir-se imediatamente', *continuatio,ónis* 'continuação; continuidade', *continuatívus,a,um* 'copulativo, que indica continuação, conseqüência', *continuitas,átis* 'continuidade' (HOUAISS & VILLAR, 2002)

teneo, es,ere,tenui, tentem – entre outras acepções, estar imóvel, manter; durar, persistir (FARIA, 1991)

OBS: Constrói-se com acusativo, com acusativo e ablativo acompanhado de *cum* e com acusativo e dativo. (FARIA, 1991)

Contribuir

v. do lat. *contribŭere*, “apresentar a sua parte em comum, juntar o seu quinhão; acrescentar de maneira que se confunda; juntar (anexar) de maneira que incorpore; dispor, arranjar, classificar”; por via culta. Séc. XVII (MACHADO, 1967)
‘colaborar, cooperar’, do lat. *Com-tribŭere* (CUNHA, 1987)
trib-antepositivo, do lat. *tribus,us* ‘tribo, divisão do povo romano’, correspondente à *phulê* grega, com derivados como *tributarius,a,um* ‘relativo a tribo’, *tribŭlis,e* ‘que é da mesma tribo, que pertence à última classe de cidadãos’; verbos com os prevérbios *at-* (< *ad-*), *con-*, *dis-*, *in-* e *re-*; essa cognação é representada em port. por cultismos, a partir do sXIV, e suas derivações vern. (HOUAISS & VILLAR, 2002)

A idéia de proximidade [do *com*] pode aparecer reforçando verbos de pensamento e doação, sobretudo quando houver confluências de forças ou de outros fatores quaisquer. (VIARO, 1994: 230)

b) reduplicação com a preposição DE:

De

De remonta ao ablativo ítalo-céltico **ded* “de cima <para baixo>”; *de* tornar-se-á a preposição de afastamento por excelência nas línguas românicas, encabeçando combinações e locuções prepositivas que substituirão *ab* e *ex*. (VIARO, 1994:67)
indo-europeu: **de*, **do*, partícula dítica, de uso prepositivo e pospositivo
Sentido: a) movimento de cima para baixo, descida, queda; b) afastamento, separação; c) diminuição, redução; d) privação, negação; e) afastamento, consumação; f) intensidade; g) sentido zero (esvaziamento de conteúdo semântico). (ROMANELLI, 1964)

Dentro

Adv. ‘do lado interior, interior’ XIII. Do latim *de+intrō* (CUNHA, 1987)
Adv. Do latim *de ĩntro*, bastante representado nas línguas românicas. Em 1186 “*Cum lanzas et scutos de sua porta a dentro*”, *Leges*, p.455 (*apud* MACHADO, 1967)
contr. da prep. lat. *de* ‘de’ + adv. lat. *intro* ‘para dentro’; f.hist. 1186 *dentro*, sXIII *dentro*, sXV *demtrro*, sXV *detro* (HOUAISS & VILLAR, 2002)

Intro – pref. deriv. do lat. *Intrō* ‘(movimento) para dentro, para o meio’, que já se documenta no próprio latim (*intrōdŭcere*, *intrōmĕttĕre*) e que, em português, ora manteve a mesma forma (introduzir, intrometer), ora evoluiu para as formas romanceadas, antigas e populares: *entre-* (*entrometer*), *antre-* (*antrometer*) e *antro-* (*antrometer*) confundindo-se, com freqüência, com o prefixo *inter*. (CUNHA, 1987)

Do ablativo de *inter* tiramos o advérbio e prefixo *in-tr-o* e o advérbio e preposição *in-tr-a*. A forma *intro* sobreviveu nas línguas românicas, sobretudo sob a combinação *de intro*: port. *Dentro*

Depender

v. do lat. *dependĕre*, “estar suspenso, pender de; fig. Depender de, ligar-se a, derivar de”, séc. XIV (MACHADO, 1967)

pend- antepositivo, do v.lat. *pendó, is, pependi, pensum, pendère* (3ª conj. lat.) e *pendèo, es, pependi, pensum, pendére* (2ª), o primeiro como 'suspender, pesar' e o segundo como 'ser suspenso', distinção que se esbate no vulg., com o trânsito de *pendère* > *pendére* = *pendére* (HOUAISS & VILLAR, 2002)

Desenvolver / desenvolvimento	<p><i>desenvolver</i> + <i>-mento</i> des- + <i>envolver</i>; ver <i>vol-</i>; sXIV <i>desenvolver</i>, f. hist. sXIV <i>desenuoluer</i>, sXV <i>desemuolluer</i> (HOUAISS & VILLAR, 2002) v. do lat. <i>involvĕre</i> – “fazer rolar até baixo, fazer cair a rolar; enrolar, envolver”. Séc. XIV (MACHADO, 1967) <i>Volver</i> – ‘mudar de posição ou direção de’, ‘voltar, revolver’ séc. XIII (CUNHA, 1987) <i>Volv</i> - antepositivo, de uma raiz indo-européia <i>*wel-/welw-</i> 'rolar, rodar', com correspondentes já no sânsc., já no gr., já no lat., já no germ., já nas línguas modernas de cultura; encontramos em port. um número muitíssimo expressivo de voc. derivados dessa raiz, advindos: I) do gr.: <i>élutron, ou</i> 'invólucro, estojo, bainha (de espada); II) do lat.: 1) do v.lat. <i>volvo, is, volvi, volútum, ère</i> 'rolar, revirar, rodar; enrolar; folhear; empurrar rolando. (HOUAISS & VILLAR, 2002)</p>
--------------------------------------	---

c) reduplicação com a preposição EM:

In	<p>ie. <i>*em</i> (variante <i>*n, *eni, *ni, *nei, *ndhi</i>) 'em' Sentido: a) movimento em, sobre, superposição; b) movimento para dentro, penetração; c) movimento em direção a, para junto de, aproximação; d) movimento em direção a, com idéia acessória de hostilidade, agressão; e) ingresso, entrada em um novo estado; f) movimento para trás, renovação; g) sentido zero (ROMANELLI, 1964) A forma <i>ẽ</i> é a romanização, no Ocidente, de <i>in</i> advérbio-preposição latina com sentido diretivo. (SAID ALI, 2001) É popular e geral na România, indicando lugar e depois passagem a um estado. Frequentemente empregado para formar parassintéticos. (MAURER JR., 1951)</p>
Envolver	<i>involvĕre / involvĕre</i> - idem ao anterior “desenvolver”
Implantar	<p>Planta – sf. 'ser vivo do reino vegetal', '(Anat.) parte do pé que assenta no chão' XIV. Do latim <i>planta ae</i>. Implantação 1873 / implantar 1844 (CUNHA, 1987) im- + <i>plantar</i>; <i>plant-</i> antepositivo, do v.lat. <i>planto, as, ávi, átum, áre</i> 'plantar, semear'; f.hist. 1601 <i>implantada</i>, 1790 <i>implantar</i></p>

Dessa pesquisa, notamos a sobreposição de dois itens com mesmo sentido e, em alguns casos, até mesmo uma sobreposição semântica com a base lexical. Pela pista formal, depreendemos que: *coadunar* equivale a *reunir* – noção apresentada duplamente, através do prefixo *com* e da noção do verbo *adunar*; *comparar* remete a

tornar igual de forma simultânea, vir de todas as direções para igualar; *contato* estabelece convergência do toque, simultaneidade do toque; *continuar* equivale a estar em conformidade com a situação de imobilidade, daí sentido de permanência; *contribuir* estabelece valor de companhia, convergência para a tribo, daí a possibilidade de inferir que o indivíduo apresenta sua parte para o grupo; *dentro* remete ao movimento para o espaço interior e, por extensão, para o íntimo, para o âmago; *depende* significa ação de pender de cima para baixo, daí a relação de subordinação / dependência; *envolver* remete à ação de rolar em direção ao espaço interno, daí o sentido figurado ‘entranhar-se’; e *implantar* apresenta a noção primeira de movimento ao penetrar a terra para plantar, propiciando a metáfora com a idéia básica de fixar. No que se refere ao verbo *desenvolver*, sua relevância semântica agrega a etimologia do verbo *envolver*, já apresentada, acrescida do prefixo *des-*, podendo ser interpretado como “desenrolar”, desfazer o envolvimento anterior. A esse respeito, a instalação “Beco das palavras”³⁵, do Museu de Língua Portuguesa, apresenta que “deve ser por isso que os países em desenvolvimento tentam desenrolar seus problemas”.³⁶

Saber se essa reduplicação já ocorria no latim é uma questão importante para entender a trajetória na língua portuguesa. Em Saraiva (2000), encontramos que *comparāre* já aparece em um dos exemplos com a repetição: *Comparare meum senium cum dolore tuo* (‘Unir a minha mágoa a tua dor’). Porém, todos os demais exemplos não apresentam a repetição, tal como exemplificamos a seguir, com o uso de preposição diversa, no caso, *ad*: *Comparare aliquem alicui*. (‘Comparar uma pessoa a outra’).

³⁵ Essa seção do Museu da Língua Portuguesa contou com a participação do Prof. Mário Viaro, autor consultado durante a pesquisa.

³⁶ Conforme consta do jogo interativo de formação de palavras do Museu da Língua Portuguesa, informação confirmada por e-mail.

O mesmo aconteceu com o verbo *contribuere* que apresentou o uso da preposição *cum* em somente um exemplo: *Contribuere cum Oscensibuo* (reunir – um povo – aos Oscenses). O verbo *dependere* apresentou um exemplo com a preposição *ex*: *Dependere ex humeris* (Cair, descer dos ombros - um vestido). Já os verbos *involvere*, *continere*, *coadunare* e *contingere* (*contactus*) não aparecem preposicionados em nenhum exemplo.

Uma possibilidade de entendimento da repetição de morfemas seria lembrarmos que o latim vulgar é uma língua muito repetitiva, pleonástica. Afinal, por ser língua prioritariamente oral, são necessárias a repetição e a redundância para haver comunicação e continuidade das informações. Daí, então, a identidade prefixo-preposição. Porém, esta pesquisa não demonstrou esse fato com todas as palavras analisadas. Se em alguns verbos a repetição já ocorria, em outros só mais tarde houve tal necessidade de reiteração. Os pontos de contato entre prefixo e preposição explicariam tanto a necessidade de recuperar um dado em desuso, por isso repeti-lo, quanto a escolha da mesma partícula para estabelecer relações em uma língua analítica como o português. Em relação a isso, diz Said Ali (2001, § 1088):

Há pontos de contato entre os advérbios e as preposições, e sabe-se que as preposições latinas foram primitivamente advérbios. Mas ao passo que a função destes é ajuntar-se a verbo, adjetivo ou também a advérbio e modificá-los, desempenham as preposições papel análogo ao dos sufixos dos antigos casos oblíquos. Usam-se antepostas a substantivos e pronomes (e também ao infinitivo como forma nominal) para lhes acrescentar noções de lugar, instrumento, meio, posse, etc., e este resultado se obtém mais completamente e com mais clareza do que era possível com os poucos casos oblíquos da declinação latina.

Tentamos, aqui, reconstruir as raízes latinas dessas palavras, demonstrar como foram criadas, identificar os morfemas envolvidos nesse processo e,

principalmente, dar evidências de que a gramaticalização vai se processando diacronicamente, mas, em sincronia, os falantes não têm consciência de que isso esteja ocorrendo. Ilustra essa consideração a seguinte passagem de Rodrigues Lapa (1945:17): “Quando falamos ou escrevemos, nada nos importa o sentido passado dos vocábulos, a sua história; só apreendemos da palavra aquilo que é atual.”

Procedemos, agora, à aplicação dos modelos para mensurar a gramaticalização do padrão funcional analisado:

a) Pela etimologia apresentada, vê-se claramente a abstratização sofrida pelos itens analisados. A mudança de sentido empreendida pelos itens é feita por procedimentos metafóricos, passando de situações concretas a conceitos abstratos, embora não possa ser ilustrado com o *continuum* proposto por Heine, Claudi & Hünne Meyer (1991).

b) Pelos princípios de Hopper, podemos afirmar que houve a ocorrência de estratificação (desde o latim, várias formas de se usar o verbo, por exemplo); de divergência (uma mesma preposição pode assumir sentidos diferentes); especialização (verificada principalmente pela escolha da preposição igual ao prefixo que ocorre na palavra); persistência (pela etimologia, percebem-se traços que permanecem do sentido original); e decategorização (passagem para um item mais gramatical, no caso a preposição).

c) Pelos parâmetros de Lehmann, os casos de ocorrência da reduplicação prefixo-preposição podem ser vistos como fazendo parte de um paradigma pequeno, fechado, com poucas opções de escolha, antes disso,

com uso obrigatório da reduplicação. O item tem como escopo a palavra ou raiz, tem alta conexão e torna-se um elemento com posição fixa.

Ou seja, nesta tipologia estudada, foi possível demonstrar ser esse um caso claro de mudança gramatical por ser possível mensurar o alto grau de gramaticalização dos itens analisados (prefixo-preposição).

3.1.3 Reduplicação 3 – reduplicação por processamento sintático não-regencial

Integram esse conjunto de dados os casos de reduplicações de sentido, expressos por idéias semelhantes ou por palavras repetidas.

Embora o pleonasma esteja mais ligado ao campo da expressividade, a análise da etimologia da palavra e de seus compostos elucidam, de certa forma, como o pleonasma foi criado. Por exemplo, em “sair fora” (D2-343: 4), temos o verbo **sair** com etimologia latina *salire* (segundo Machado, “saltar, pular; palpitar, vibrar, bater - coração, pulso; sair”, que, portanto, se encarregou de substituir parcialmente *exire*. Séc. XIII; segundo Cunha, ‘passar do interior para o exterior’, ‘afastar-se, partir, largar’). Ou seja, a noção de passar do interior para o exterior, de dentro para fora, faz com que a repetição da idéia “sair fora” não seja aceita pela gramática normativa e seja apontada como erro.

Outro caso interessante de repetição de idéias é a ocorrência de “ser retroativa... atuar sobre o que já existe” (D2-343: 95). A palavra *retroativo* (adj.), segundo Machado, vem do francês *retroactif* (1813). *Retro* é um elemento de composição culta que traduz as idéias de “atrás, para trás”; do latim, *retro* – do adv. *Retrō* “por detrás, atrás (com ou sem a idéia de movimento). Esse elemento, de

acordo com Cunha, já se documenta no próprio latim, em vocábulos como retroceder e, em muitos outros introduzidos, na linguagem científica internacional, a partir do séc. XIX. Neste caso, o prefixo já traz a noção que o falante quis reiterar.

Caso semelhante acontece em “recomeça tudo de novo” (D2-343: 392). De acordo com Said Ali, o prefixo *re-* une-se a verbos e tem valor adverbial de “outra vez”, “de novo”. Segundo Cunha, *começar* vem do latim vulgar, *comñiitãre*, ‘iniciar, principiar’ e o prefixo latino *re* (*red* antes de vogais) se documenta em numerosíssimos vocábulos portugueses, com as noções básicas de: (i) ‘volta, retorno, regresso’; (ii) ‘repetição, reiteração’; e (iii) ‘oposição’. Já no latim passa a idéia de “de novo”. Pode-se ocorrer, também, de levarmos em conta o prefixo *re-* da forma vista por Crystal (2000) citada anteriormente. Nesse caso, é de se perguntar se teríamos aí um caso de “triplicação” – três informações iguais.

Outras vezes, a reduplicação ocorre com o próprio radical sendo repetido, como no exemplo que segue: “porque é uma tarefa assim... muito séria o de encaminhá-la... para o ... caminho certo” (D2-360: 222). Neste caso, temos o conteúdo semântico presente no radical *caminh* sendo repetido tanto no verbo *encaminhar* quanto no nome *caminho*.

Evocamos novamente Dubois *et alii* (1978) com uma das definições de *redobro*³⁷ como sendo a repetição de uma palavra inteira com fins expressivos³⁸: “Chama-se também redobro a repetição de uma palavra inteira”. No *corpus* apareceram várias repetições de palavras ou expressões como recurso de ênfase.

³⁷ Como já visto, “reduplicação” e “redobro” são muitas vezes usados indistintamente pelos autores, por isso usamos a noção de redobro nesse momento.

³⁸ É oportuno registrar que, em determinado momento da pesquisa, pareceu-nos que estes casos (tipologia 3 e 4) estavam atrelados à discursivização. Porém, embora a motivação para esse tipo de uso reduplicado seja discursiva, o termo “discursivização” (cf. MARTELOTTA *et alii*, 1996) está preso à criação de marcadores discursivos.

Nos exemplos apresentados a seguir, temos três formas distintas de ocorrência da reduplicação (com elementos iguais sendo repetidos, com acréscimo de algum item ao segundo elemento repetido ou com palavras diferentes sendo repetidas, porém com conteúdo semântico igual), a saber:

a. em espelho formal, em ênfase comunicativa

- (21) ali perto da Praça da Sé da Praça da Sé tudo esburacado por causa do metrô né?... achei horrível... **feio feio feio**... (D2-343:28)
- (22) Sabe **chega imigrante chega imigrante chega imigran::te** e **crece e cresce e cresce** e... e:: ao mesmo tempo houve o crescimento das... digamos das vias (D2-343:455)
- (23) Num esquema mais antigo... você... não tem uma coisa... **no fundo no fundo** você sabe sair... caça... e:: não morre de fome(D2-343:947)
- (24) Você deve conhecer uma experiência que fizeram com ratos de amontoar rato em:: em gaiolas pequenas e deixar **reproduzir reproduzir** (D2-343:1512)
- (25) Agora é guerra fria **et cetera et cetera** (D2-343:1563) / **et cetera et cetera** (D2-360: 394, 1555)
- (26) eu acho que ele falava **tanto tanto tanto** e eu o admirava muito (D2-360: 1519)
- (27) pensei em fazer Diplomacia **sempre sempre sempre** mas:: depois.. (D2-360: 1524)
- (28) **realmente não tive realmente não tive**... porque:: até alguns anos atrás (D2-62: 349)
- (29) L2 então futuramente haverá FALta de clínicos gerais né?
L1 **possível é possível** (D2-62: 723)
- (30) realmente **muito muito muito** ruim (D2-62: 1612)
- (31) é de **TAL TAL TAL** empresa (D2-360: 1031)
- (32) ligar o:: receptor e **ficar vendo... ficar vendo**... e:: aí eu prestei atenção naquela tela pequena (D2-333: 16)
- (33) é **horrível horrível** ... e:: fi/ eu ficava desesperada(D2-333: 357)

Nos exemplos acima, a reduplicação cumpre um papel de intensificadora da informação apresentada. Seria o caso típico que associa a repetição à ênfase. Atente-se, ainda, que a repetição de advérbios é muito freqüente, reforçando então a idéia de intensificação. Para Marcuschi (2002: 123) esse caso “obedece a uma espécie de *princípio da iconicidade*, segundo o qual a um maior volume de linguagem idêntica em posição idêntica corresponde um maior volume de informação”.

Vejamos esta passagem de Rodrigues Lapa a respeito da reduplicação de nomes:

Também a repetição do nome produz um efeito de intensidade em que a linguagem familiar conhece perfeitamente e a literatura aproveita. Veja-se este passo: “No barranco iam-se acumulando caixotes, sacos e *barris, barris, barris*, porque a cachaça era morfina para a vida triste do seringueiro”. A repetição do nome é um processo estilístico que serve para exprimir, com alvoroço do sentimento, a quantidade ilimitada. O redobro da palavra é sinal de energia psíquica e encontra-se sobretudo nas línguas primitivas. Se quisermos reforçar a impressão que em nós causam uns olhos negros, não temos mais que repetir o adjetivo: “Depois, fitaram-se em mim uns olhos *negros, negros*”. Como vemos, a repetição do nome não só dá intensidade à representação, mas ainda a envolve em certo mistério e perturbação afetiva. (LAPA, 1945: 152-153)

Neste momento, faz-se oportuno considerar o que foi dito sobre línguas primitivas. Considera-se que a fala das crianças ou as línguas primitivas fariam um uso da repetição de palavras por falta de conhecimento de outras estruturas mais complexas para chegar ao mesmo fim. Assim, como exemplo, teríamos na ocorrência (21) a possibilidade da troca de “feio feio feio” por “feííssimo”.

Outro exemplo seria o vocábulo “Butantã” (que não apareceu no *corpus*) e significa “terra dura dura” e que, por ser língua primitiva, não faria a substituição por “duríssima”. Porém, não nos convence tal afirmação, pois as ocorrências

selecionadas no *corpus* referem-se a falantes adultos e cultos, teoricamente conhecedores de formas mais complexas da língua à disposição para o uso. O que realmente ocorreu, parece-nos, não foi o desconhecimento do falante, mas sim a necessidade de ênfase, de intensificação expressiva que só seria conseguida pela repetição do termo escolhido pelo falante.

Ainda em relação aos exemplos acima, convém verificar a validade da informação dada por Fowler e Housum (1987, *apud* BYBEE, 2003b). Esses autores afirmam que a repetição pela segunda vez da mesma palavra em um mesmo discurso é significativamente mais curta do que a primeira expressão. O falante pode ser menos explícito sobre a articulação da mesma palavra se ela já tiver sido usada anteriormente, porque será mais fácil para o ouvinte alcançar seu sentido se ele já tiver sido ativado. Além disso, os autores indicam que a redução pode realmente ser um sinal ao ouvinte de que a palavra que está sendo usada é a mesma que a usada anteriormente ao invés de uma palavra nova e diferente. Seguindo esse raciocínio, aquelas palavras ou frases que estão repetidamente usadas no mesmo discurso teriam predisposição a ser encurtadas mais freqüentemente do que palavras e frases de baixa freqüência. Essa idéia, na verdade, diz respeito a palavras de alta freqüência na língua falada (exemplo clássico do pronome *vossa mercê*>*vosmecê*/*vossuncê*>*você*>*cê*). Em todo caso, o que se percebe da repetição de palavras no mesmo enunciado é, ao contrário do encurtamento ou da articulação menos explícita, a articulação enfática, em que em todas as ocorrências a palavra é pronunciada ou igualmente ou até com mais intensidade. Das duas uma: ou os dados não confirmaram que o estatuto informacional seja relevante nesse tipo de ocorrência da reduplicação ou o estatuto informacional não deve lidar com

componentes puramente formais. Talvez um prosodema seja capaz de revestir de novidade uma informação já conhecida.

No *corpus* analisado, houve a ocorrência da repetição da forma verbal “corre-corre”. Não o tratamos como espelho formal, porém, por ser uma estrutura formulaica, já cristalizada na língua portuguesa:

(34) então é um **corre-corre** realmente... não é? ... agora eu assumi também... uma:: secretaria de APM... lá do colégio das crianças. (D2 360:165)

Alves (2002:71), ao falar dos processos de formação de palavras, faz um capítulo específico sobre processos não tão produtivos e cita, dentre outros, a reduplicação. Segundo a autora, é um processo que se refere “a um recurso morfológico em que uma mesma base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo item léxico, geralmente pitoresco, por causa do inusitado procedimento de formação” (p.70). Semelhante ao exemplo (34), ela apresenta o seguinte dado:

Trança-trança, unidade léxica que se distribui entre os substantivos, tem como origem a repetição de uma base verbal denotativa de ‘andar para diversos lados’. A repetição dessa base, em função substantival, implica uma “sucessão de viagens”:

(1) “O *trança-trança* pelo bloco asiático está a mil no início da era. Heisel Shervadnaze, o homem das extremas de Gorba, esteve lá há poucos dias. (F, 21-02-89: E-10, c.1) (Alves, 2002: 71)

b. parcialmente espelhado, intensificado semanticamente:

(35) era era tudo **improviSAdo**... tudo **horriavelmente improvisado**... e hoje não hoje é um nível já você vê todas... (D2-333: 361) – contexto: comparação dos programas de televisão de antigamente e os da época da entrevista em que a TV havia atingido um nível profissional

- (36) é... ES/essas **esses progressos**... houve isso houve **muito progresso** (D2-333: 379)
- (37) era **um marginal** bem NO::sso **aquele marginal pobre triste com as peculiaridades nossas do submundo nosso** (D2-333: 636)

Nos exemplos (35) a (37), temos uma espécie de gradação em que há uma informação relativamente nova sendo apresentada quando da recorrência do item. Nesse caso, a reduplicação tem como motivação trazer uma informação a mais que não seria depreendida somente pela repetição do item. Isso se dá com o uso de advérbios que modificam o item repetido (35) e (36) ou com a breve caracterização que tipifica o marginal citado (37). Outro ponto deste último exemplo que merece destaque é a recorrência do pronome possessivo (“nosso”, “nossas”, “nosso”), funcionando como foco, em que a caracterização só serve para o “nosso marginal”, “com as peculiaridades nossas”, “do submundo nosso”. Ou seja, tanto temos a intensificação “**marginal bem** nosso **aquele marginal**” quanto a dos pronomes possessivos.

c. não-espelhado, em relações semânticas sinonímicas:

- (38) um **mau tempo**:: um **tempo chuvoso**:: ou mesmo um **tempo frio** (D2-62:11)
- (39) Hoje a televisão... com aquela sua telinha mágica... que leva a **figura** que leva o:: ... a a a **iMAgem**... contando as histórias para as mais diversas regiões do país né? (D2-333: 950)
- (40) o marido dela o **embaixador era poeta**... é é era um embaixador poeta **um embaixador intelectual**... e::: tinha muitos:: livros diversos publicados em francês porque ela era do Canadá francês (D2-333: 225)
- (41) **IPT... Instituto de Pesquisas Tecnológicas** (D2-62: 873)

- (42) construções (inteiras) de **concreto** armado... **cimento** armado né?... e outros países já usam o quê? estrutura de ferro quer dizer:: rapidez na construção (D2-62: 1135)
- (43) quer dizer o rádio de pilha representou a quebra de um isolamento do homem do campo que NUNca teria CONdição de ouVIR:: faLAR:: de **outras coisas... de outros lugares... de outras pessoas** entende? Através do rádio de pilha... ele pôde se ligar ao resto do mundo saber que existem **outros lugares outras pessoas que existe um governo que existem atos do governo** (D2-255: 714)
- (44) O correio tem sido para mim um fatos... ahn de divulGAR **determinadas circulares... determinadas mensagens...** os meus parentes vivem em ambientes alcançáveis facilmente pelo telefone... então aquela **correspondência domiciliAR** aquela **correspondência sentimental** não se desenvolve com grande intensidade (D2-255: 785) e (D2-255: 789)
- (45) E realmente o que identifica os profissionais que:: conosco trabalham... é esse mesmo espírito **coMUM** ... esse mesmo ponto de vista **iGUAL...** sobre a forma de encaRAR os diferentes aspectos da vida entre os quais o próprio comércio (D2-255: 1354)
- (46) desempenhar um **papel junto à juventude...** um **papel de formaÇÃO...** um **papel junto... à escola** e um **papel** assim muito responsável **perante a sociedade** (D2-255: 1371)
- (47) Se eu não sentisse na competição urbana... as limitações àquelas qualidades que através de um ambiente **mais simples... mais rude mais grotesco...** a gente pode realmente alcançar (D2-255: 1470)
- (48) Que é o que está nos mostrando a sociedade contemporânea com **essas guerras...** com **essas lutas...** e com uma cidade como São Paulo (D2-255: 1533)
- (49) então ou ligam **para a casa...** da pessoa **para a residência** ... normalmente a maioria das vezes fazem isso (D2-360: 1064)
- (50) Mas olha a propósito da língua **da terra jovem** e da **terra antiga da terra de origem** que no caso seria Portugal ... eu:: ... há muitos anos que eu já estava acho que começando a minha carreira de jornalista (D2-333: 218)
- (51) E não se pode mesmo... analisá-lo fora do contexto brasileiro... então quando se pede à TV... **a altura o nível...** de uma televisão eu/ europeia...digo "meu Deus mas por que só a televisão tem que ter esta altura... (D2-333: 305)
- (52) inclusive no próprio ramo da **computação** né?... **processamento de da::dos** e tudo isso é... o advento dos **computadores** eles estão aí (D2-62: 1040)

eu ficar o tempo to/ **tempo todo** fora de casa... **tempo integral** fora de

- (53) casa realmente dá muito ... problema com eles (D2-360: 480)
- (54) preferi uma **carreira profissionalizante**... um **colegial profissionalizante** para que eu tivesse chance de já trabalhar assim... que formar não é? (D2-360: 1570)
- (55) ela é PAga ela é sustenTAda pelo **anúncio**... pelo **comercial** ... e:: na maior parte das vezes o comércio está interessado em atingir o maior número... de espectadores poSSÍveis...(D2-255: 595)

Antes de partirmos para as análises dos exemplos, convém comentar a problemática em relação à existência de sinônimos:

Se entendermos por sinônimas as palavras que têm sentido semelhante, parecido, é evidente que existem sinônimos. Agora, se considerarmos, como fazia supor a gramática antiga, que sinônimos são as palavras que têm o mesmo sentido, em breve nos convenceremos de que isso é impossível. Podem uma mesma idéia, um mesmo ato, um mesmo objeto ter nomes diferentes; esses nomes não são, não podem ser exatamente equivalentes, como não são equivalentes as folhas da mesma árvore. (LAPA, 1945: 21)

Assumimos, então, que o termo sinônimo aqui utilizado diz respeito a nuances de significação que fazem parte de palavras que designam naturezas muito próximas umas das outras. Não são palavras que substituem perfeitamente outra, mas que remetem ao mesmo campo semântico daquela que está substituindo ou reforçando.

Se se dispõe de mais de uma palavra para a expressão de uma mesma idéia, o escritor escolherá aquela que se adapte melhor ao contexto: a que forneça a quantidade necessária de emoção e ênfase, a que se acomode mais harmoniosamente à estrutura fonética da oração, e que esteja mais apropriada ao tom geral do conjunto. (ULLMANN, 1964: 313).

Se nesse primeiro momento Ullmann se ateuve à escolha estilística de uma palavra entre vários sinônimos, em seguida o autor apresenta a possibilidade de ocorrer a “colocação” de sinônimos (estando em estrito contato uns com os outros).

Com esse uso, apresentou algumas possibilidades: (i) fornecer meio para dar vazão a emoções fortes; (ii) tornar o significado mais claro e mais enfático; (iii) produzir um efeito de contraste (sério ou humorístico); e (iv) corrigir ou substituir uma palavra por outra mais apropriada.

Os exemplos (38) a (55) apresentam o que Ullmann denominou de possibilidade de tornar o significado mais claro e mais enfático, apresentando-se duas vezes a mesma idéia com o uso de palavras diferentes. Assim, temos em alguns casos uma especificação da primeira idéia apresentada e, em outros, uma possibilidade de simplesmente segurar o turno. Esse procedimento é típico, também, de um planejamento *online*, em que as escolhas são feitas no mesmo momento da expressão. Na ocorrência (47), poderíamos pensar, também, em produção de efeito de contraste e, até mesmo, uma gradação conseguida pela escolha dos sinônimos “simples, rude, grotesco”.

Um fato interessante a notar é a grande ocorrência desse tipo de construção no inquérito n.º 255 por parte do falante L1. É constante o uso que esse falante faz do recurso de reduplicar as informações fornecidas utilizando-se, para isso, de palavras sinônimas. Temos, então, a presença das seguintes palavras que funcionam, no contexto, como sinônimos: circulares – mensagens; correspondência domiciliar-correspondência sentimental; comum-igual, simples-rude-grotesco; guerras-lutas. Salienta-se, também, que o falante é do sexo masculino³⁹, 37 anos, casado, professor, paulistano, pais paulistanos. Poder-se-ia pensar que o fato de ser professor e utilizar constantemente o recurso didático da repetição, utilizando formas

³⁹ “Locuções como big big man [‘homenzarrão’] ou Let it cool till it’s thick thick [‘deixe esfriar até ficar bem consistente’] são muito mais comuns, especialmente **na fala das mulheres** e crianças do que o fariam supor os nossos compêndios de linguagem.”(grifo nosso) (SAPIR, 1971: 82). Não nos parece que haja essa distinção de sexo no uso de reduplicação, embora não tenha sido esse o objetivo desse trabalho.

diferentes de dizer a mesma coisa, pode ser determinante na característica estilística desse falante.

Após todos esses exemplos, convém aprofundarmos a iconicidade já apresentada anteriormente: segundo Haiman (1985, *apud* GONÇALVES, LIMA-HERNANDES & CASSEB-GALVÃO, 2007) a motivação seria um dos princípios da iconicidade diagramática (que apresenta uma correspondência simbólica entre conceito e signo). “Por motivação, podemos entender a correspondência entre a relação das partes numa estrutura lingüística e a relação das partes na estrutura do que está sendo significado.” (GONÇALVES, LIMA-HERNANDES, CASSEB-GALVÃO e CARVALHO, 2007: 52). Dessa forma, nos exemplos acima apresentados, tivemos a correspondência entre a relação das partes numa estrutura lingüística (a escolha pela repetição de palavras) e a relação com o que se pretendeu significar. Nesse caso, o aumento de vezes do uso da palavra correspondeu a uma maior quantidade de intenção comunicativa.

Ao apresentar a noção de iconicidade, Neves (2004: 112) problematiza o conceito, recorrendo a Croft (1990) o qual analisa a competição que ocorre na língua entre economia e iconicidade. Um exemplo disso seria a competição entre motivação econômico-paradigmática para restringir o vocabulário, e a motivação icônica para dispor-se de uma palavra distinta para cada conceito distinto. Decorre daí a explicação para que a sinonímia não possa existir, uma vez que contrariaria a noção de economia lingüística e de iconicidade. Em todo caso, podemos ver, pelos exemplos apresentados, que houve a utilização dos sinônimos para, de maneira icônica, passar um número maior de informações ou para manter o seu turno conversacional.

Ao analisar os exemplos agrupados nesse padrão funcional, percebe-se que eles não se prestam a ser aplicados aos modelos de gramaticalização, uma vez que não se integram ao campo gramatical. Nossa opção de manter essa tipologia foi para apresentar a variação possível de usos para um mesmo procedimento, no caso, o da reduplicação.

3.1.4 Reduplicação 4 – reduplicação sintática de orações

A repetição manifesta-se também com estruturas maiores, como é o caso da combinação de orações. No arcabouço da gramaticalização, vários estudos se preocuparam com a combinação de orações, sem, contudo, tratar da reduplicação manifestada no período.

No modelo clássico da combinação de orações por gramaticalização, é pressuposto que as orações se articulam em graus diferentes de dependência e de encaixamento, resultando daí as noções de parataxe, hipotaxe e subordinação.

A parataxe caracteriza-se pela relativa independência e integração mínima entre as orações, o que equivaleria às orações coordenadas e justapostas da gramática tradicional. A hipotaxe tem uma interdependência relativa e um grau intermediário de integração, correspondendo às orações adverbiais e às orações adjetivas explicativas. Já a subordinação (ou orações encaixadas, as chamadas *embedding*) tem total dependência e integração máxima entre as orações, correspondendo às orações subordinadas substantivas e às adjetivas restritivas.

Segundo Dik (1978; 1980; 1989a;1997; *apud* NEVES, 2006), as orações hipotáticas (adverbiais) funcionam como satélites, termos que não são argumentos

do predicado, mas trazem informações adicionais em qualquer das camadas de organização dos enunciados: na predicação, na proposição, no ato de fala.

Embora altamente sensíveis às determinações do discurso, tais orações-satélites são termos opcionais, e, por isso mesmo, particularmente ligados a escolhas do falante, na sua busca natural do melhor cumprimento de funções no seu enunciado. Essa é, afinal, uma zona com amplo espaço de manipulação do falante na construção de seu enunciado, ficando evidente o baixo nível de restrições que o sistema impõe a variações construcionais. (NEVES, 2006: 233-234)

As relações de encaixamento não fazem parte do enunciado do ato de fala já que constituem a estrutura do sintagma e da frase. O encaixamento, dessa forma, remete a orações em relação de constituência (cf. NEVES, 2006: 228)

Outro estudo bastante interessante sobre combinação de orações foi empreendido por Longhin-Thomazi (2004), em um artigo que reapresenta e discute os critérios de Bally (1965[1944]) para esse tema. Bally considera a oração como sendo constituída por tema (ponto de partida) e propósito (informação mais importante; em geral, nova). Assim, não faz a distinção sintática sujeito-predicado, e sim trabalha com outra bipartição, tendo cada um dos membros importância comunicativa. Essa bipartição é apresentada com duas estruturas possíveis: (i) monorrema – tema subentendido e propósito expresso e (ii) dirrema – tema e propósito expressos. À junção de dois monorremas corresponderia a um dirrema.

Com base nos diferentes graus de entrelaçamento entre tema e propósito, “Bally propõe três tipos de enunciação que têm a propriedade comum de ligar dois segmentos e a propriedade diferencial de dar a essa ligação uma rigidez crescente: Coordenação, Segmentação e Soldadura.” (p.324) Vamos agora explicitar minimamente cada uma:

Coordenação: dois segmentos, com uma pausa considerável entre eles e estabelecimento de relação lógica, mesmo que implícita, entre os membros. O segundo elemento sempre retoma o primeiro.

No tópico sobre coordenação, é feito o seguinte comentário:

as construções de repetição e de enumeração também são consideradas formas de coordenação. A repetição, segundo o autor, pode envolver desde interjeições (*Você obedece, senão pá, pá, pá*) e orações monorremáticas (*Saia! Saia!*), até sentenças completas (*venha rápido, venha rápido!*). A enumeração, por seu turno, agrupa diferentes elementos em torno de uma categoria comum como, por exemplo, *os homens, as mulheres, as crianças, todos foram massacrados*. (LONGHIN-THOMAZI, 2004: 327)

Com essas considerações, poderíamos afirmar que, para Bally, as tipologias de reduplicação aqui analisadas seriam vistas como coordenações por seu aspecto semântico.

Segmentação: condensação parcial de duas enunciações coordenadas, com uma pausa breve entre elas, marcadas por uma interdependência. Um dos elementos pode-se apresentar sob forma de vocativo, expressão adverbial deslocada e frase parentética ou intercalada.

Para Bally, a segmentação dá conta de explicar a origem e o desenvolvimento de certas conjunções. O exemplo oferecido por Longhin-Thomazi (2004) é a da conjunção *porém*, que etimologicamente provém de *porende* que é um advérbio que equivale a *por isso*. Um traço que ainda persiste na conjunção é a mobilidade com que aparece em uma construção, típica do advérbio.

Soldadura: unificação completa de duas orações em um único ato de enunciação, sem distinção clara entre tema e propósito. Para se tentar essa

distinção, é possível fazer uso de alguns procedimentos, entre eles o uso da clivagem.

Segundo Bally (1965), “existe um parentesco muito estreito entre as três formas de combinação e que um tipo oracional pode ser facilmente convertido em outro”. (p.336) Isso se dá, principalmente, porque ele privilegia o tratamento semântico-pragmático e faz uso de alguns princípios da língua falada, como entoação e marcação de pausas. Isso implica a possibilidade de mudança de classificação ao se alterar algum dos aspectos expostos como, por exemplo, a pausa. Segundo Longhin-Thomazi (2004), Sweetser (1991) afirma que há diferentes domínios de interpretação conforme os diferentes usos, corroborando o proposto por Bally (1965) de que, dependendo do domínio de interpretação, pode-se passar de um tipo de oração a outro.

Por fim, passemos às constatações da autora à luz dos critérios de Bally, explicitadas na seguinte tabela:

Gramática tradicional	Bally		
	Coordenação	Segmentação	Soldadura
Oração subordinada adjetiva explicativa	X		
Oração subordinada adjetiva restritiva			X
Orações coordenadas sindéticas e assindéticas	X		
Orações subordinadas substantivas (exceto apositiva)			X
Oração subordinada substantiva apositiva		X	
Orações subordinadas adverbiais			X
Orações subordinadas adverbiais deslocadas		X	

Quadro 6 – Apontamentos sobre critérios de Bally (*apud* LONGHIN-THOMAZI, 2004)

Para a autora, os critérios de Bally para classificação das orações poderiam ser organizados em quatro itens: (i) dependência semântica (fraca na coordenação, relativa na segmentação e completa na soldadura); (ii) tema – propósito (estrutural na coordenação e na segmentação, contextual na soldadura); (iii) segmentos

entoacionais (dois na coordenação e na segmentação, só um na soldadura); e (iv) referenciação (presente só na coordenação).

O interesse dessa abordagem em detrimento da forma tradicional, conforme afirma Longhin-Thomazi(2004), ponto com o qual concordamos, é o maior número de critérios que não levam em conta só a dependência sintática e o fato de abarcarem as orações simples e complexas, fazendo uso de categorias contínuas que apresentam diferentes graus de combinação dos segmentos.

Antes de iniciarmos a análise dos dados de reduplicação de orações, vamos ressaltar o estudo sobre paráfrase empreendido por Hilgert (1996)⁴⁰. “A paráfrase (P) é um enunciado lingüístico que, na seqüência do texto, reformula um enunciado anterior, chamado de enunciado-origem ou matriz (M), com o qual mantém, em grau maior ou menor, uma relação de equivalência semântica” (HILGERT, 1996: 132). Para o autor, as paráfrases atuam nos níveis semântico e funcional. No nível semântico, provoca um deslocamento de sentido, em geral especificando ou generalizando. No aspecto formal, essas reformulações léxico-sintáticas poderiam ser classificadas como expansão, condensação ou paralelismo parafrásticos. O *corpus* da pesquisa empreendida pelo autor foi composto por três inquéritos do NURC - SP e, em 96% dos casos analisados, a paráfrase é de natureza remática, por isso situa-se no predicado da oração. No nível funcional, ele enumera três tipos: (i) paráfrases expandidas, com funções definidora, de explicitação e de exemplificação; (ii) condensação parafrástica, com funções de resumo e de denominação; e (iii) paráfrases paralelas, cuja função é especificar, adequando, para isso, o vocabulário.

⁴⁰ Tomamos conhecimento desse estudo como sugestão do Prof. Antônio Luís da Silva após a apresentação deste trabalho no II Epog em 2007. Percebemos que muitas dos nomes associados às tipologias usadas neste trabalho já apareciam em Hilgert (1993 e 1996).

Para esta parte da análise, selecionamos dados em que as informações reduplicadas (repetidas) fossem apresentadas por orações. Procedemos a um levantamento das funções de sentido dessa reduplicação, aliadas às configurações de estatuto sintático, como veremos a seguir.

a) **especificação** – reúne um conjunto de dados em que uma oração principal é seguida por outra(s) oração(ões) que respeita(m) à seguinte configuração: [geral > específico], como demonstrado a seguir. Nos exemplos, é usada uma barra dupla para separar o geral do mais específico:

- (56) tem saído ultimamente... de carro? (D2-343:3)
Tenho mas você diz sair... fora...//sair normalmente para a escola essas coisas
- (57) aí eu reparei que quando eu vou pra:: estrada // vou para o interior de moto... eu pego mais vento e não chora nada (D2-343:171)
- (58) eles ganham menos... //eles ganham:: um terço do que ganha um um eletrotécnico um engenheiro eletrotécnico (D2-62: 994)
- (59) ele não tem aquela preocupação que NÓS brasileiros temos... //brasileiro tem aquela preocupação de ter a casa própria dele (D2-62: 1162)
- (60) o americano não liga para isso [ter a casa própria em tempo curto] o americano ele não quer saber... // ele sabe que ele vai pagar trinta anos e:: seria como um aluguel (D2-62: 1167)
- (61) parece que existe... leis aí... éh::... // leis em termos de fiscalizar essas escolas de Medicina porque (ter) uma escola de Medicina tem que ter... naturalmente um um hospital... // tem que estar ligada a um hospital para poder atender::... atender as::... exigências do curso do curso de Medicina (D2-62: 652)
- (62) ele se prenderá dois anos na firma...// eles obrigam a maioria das firmas obrigam isso ele se apre/ ele se prende num contrato de DOIS anos terminando o curso... ele deverá permanecer na firma... (D2-62: 934)

(63) eu não tenho nenhuma tarde para mim porque a gente acumula // quem trabalha fora acumula as coisas da ca::as... e o trabalho feito fora (D2-360: 114)

Uma pergunta pertinente em relação a essa reduplicação de orações é se todos os tipos de orações (paratáticas, hipotáticas ou encaixadas) serviriam para ser repetidas. Nos exemplos anteriormente apresentados deixa claro que sim, já que em (56) temos a presença de duas orações encaixadas a uma só oração matriz, enquanto em (57) e (63) temos duas hipotáticas ligadas a uma só oração matriz, apresentando em (57) a idéia de temporalidade e em (63) a idéia de causalidade. Até mesmo houve a ocorrência em (58) de repetição da oração matriz, ficando duas orações ligadas a uma só hipotática comparativa. Assim sendo, em primeiro momento é possível afirmar que qualquer tipo de oração presta-se à reduplicação.

Outras interpretações poderiam ser feitas quanto à tipologia dessas orações. O dado (60), por exemplo, oferece dúvidas quanto à sua prototípica função de especificar, pois também admite uma interpretação funcional de reduplicação eqüitativa entre a seqüência “não liga para isso” e “não querer saber”. Já o exemplo (62) também permite a interpretação de adendo. Essa multiplicidade de sentidos é inerente à linguagem e demonstra o quanto é viva a língua.

b) **correção / retificação** – Segundo Hilgert (1993: 111) “por meio da correção, o falante anula, total ou parcialmente, a formulação anterior.” Nos dados a seguir, a segunda porção informacional é repetida com ligeira diferença sendo um tipo de repetição com função retificadora, em que a repetição estrutural está a serviço da correção do dado anterior:

- (64) acho que a economia é mais forte do que a lei... ainda...
É meio incontrolável né? E acho que::... acho que esse negócio **se repete ou acaba se repetindo** em qualquer cidade que... atinge um certo tamanho (D2-343:103)
- (65) isso realmente **atrapalha um pouco... aliás eu diria que atra/atrapalha até bastante** (D2-62: 15)
- (66) sempre encontraram apoio da direção **sem nenhuma restrição... pelo contrário... até ajudando... estimulando...** essa coisa toda (D2-255: 1390)
- (67) cresceu muito depois da guerra... imigração... e::... e do Norte sobretudo do norte... então aí **mudou mudaram-se os hábitos mudou... aquela::** eu por exemplo (D2-396:625)
- (68) a fase **que atravessamos que atravessou** o cinema nacional... a fase **que nós atravessamos** né? (D2-62: 1499)
- (69) esta realização quando... **é alcançada é eventualmente alcançada** apenas no plano financeiro... ou naturalmente no plano cultural que é um dos meios de alcançar o plano financeiro (D2-255: 1429)
- (70) uma autora teatral jovem **que eu não conheço que eu não conhecia e fiquei conhecendo pessoalmente** (D2-333: 880)

Nesses exemplos temos duas configurações a serviço da correção. Uma diz respeito à reduplicação paratática, em que se somam ou se alternam orações com a função retificadora. Outra é uma espécie de correção envolvendo categorias gramaticais, em que o verbo/oração é repetido, mas com uma nova propriedade gramatical de marcação de número ou de pessoa, como nos casos (67) e (68). Dessa forma, esse tipo de reduplicação que chamamos de correção atenta justamente a esse propósito: retificar a informação dada, até mesmo pelo mecanismo da autocorreção que é bastante própria da língua falada, que tem seu planejamento sendo feito no mesmo momento da realização.

Chamamos a atenção para o exemplo (66), que apresenta a expressão “pelo contrário” que reforça essa idéia de correção no trecho, num planejamento *on line* da conversação. O mesmo acontece no exemplo (65) com o uso da palavra “aliás”.

c) **adendo** - duas ou mais orações ligam-se a uma, apresentando informações circunstanciais. Note-se que há um acréscimo à informação dada pelo núcleo oracional, ampliando-se detalhes circunstanciais. Nos exemplos, é usada uma barra dupla para separar a primeira informação das outras circunstanciais:

- (71) quando a... começa a ficar muito ruim a coisa...//começa a haver uma gritaria geral e aí sim se toma uma atitude.... mais forte né? (D2-343:137)
- (72) o problema do Sílvio Santos é um problema muito difícil de se SEN-ten-ciar sobre ele como aliás é difícil de sentenciar sobre tudo... e ele especificamente porque ... tem que se ter ali a medida do homem...// a medida do::: do industrial – que ele já é industrial em grande escala – // a medida do comerciante... a do homem de negócios... e do profissional de TV... e do empresário de TV... //sobre esse aspecto do empresário de TV... todas as pessoas que trabalham com o Sílvio Santos os artista e tudo... todas essas pessoas testemunham que ele é um:: um dos... melhores empresários do mundo... que ele paga na hora paga muito bem... e é muito bom é um:: sob (qualquer) ponto de vista... (D2-333: 1069)
- (73) muito comum... cassa... agora as outras classes mais modestas usavam CHIta era muito mais comum eram chita //...as::... opeRArias::... vestiam-se muito mais modestamente evidentemente... usavam chita e até até no calçado era diferente (D2-396:115)
- (74) Portugal exportava para o Brasil duas coisas... bacalhau... e macambé...// macambé era a guarda cívica... guarda cívica não é guarda civil... guarda cívica::... era um batalhão... mandante com força pública mas::... todo ele (ele é) o:: serviço dele era::... vigilância nas ruas (e certos serviços)... praticamente... era uma polícia de vigilância... que tinha outra polícia que era uma polícia só... a polícia militar... então o guarda cívico quase todos eles era/eram eram::... eram::... portugueses... QUase Todos eram portugueses... raro o brasileiro... depois então foi suprimida a guarda cívica... e Washington criou a::... guarda civil... essa guarda civil que existiu até há pouco tempo... foi feita exclusivamente para recepções e teatros... (D2-396:318)

- (75) tirou o prêmio... da P.C.A. ... de melhor atriz...// tirou o prêmio da P.C.A. de melhor atriz de televisão (D2-333: 849)
- (76) bom esses artistas deviam de cursar... a a Escola de Arte Dramática...// a maioria dos bons artistas que nós temos hoje na televisão cursou escola de arte dramática (D2-333: 146)
- (77) saber que existem outros lugares outras pessoas // que existe um governo que existem atos do governo (D2-255: 716)
- (78) acho de (suma) importância é que se faça hoje um jornalismo... (com) todas as suas formas...// que se faça um jornalismo VERTical (D2-333: 1005)

Novamente, alertamos para a possibilidade de outra interpretação, como nos exemplos (75) e (77), que admitem a função adicional de especificação.

d) **enumeração** – neste tipo de reduplicação, temos uma espécie de lista, uma seqüência de orações equivalentes, em que o paralelismo sintático se faz representado.

- (79) e o que que você acha dessa polui/poluição que tanto falam... **(i)** que vão controlar **(ii)** vão fazer isso **(iii)** vão criar a área metropolitana (D2-62: 177)
- (80) Eles tem cinco horas de aula sobre determinado tema então é **(i)** preparar o tema **(ii)** é discutir o tema **(iii)** levantar os problemas (D2-62: 434)
- (81) Porque a tendência é acabar o curso... e muito dificilmente um vai sair **(i)** para a pesquisa... **(ii)** para estudar **(iii)** para defender uma tese (D2-62: 805)
- (82) geralmente existem os grandes nomes... **(i)** ou é criminal **(ii)** ou é isso **(iii)** é aquilo existem os grandes nomes então aqueles são os... você tendo condições (D2-62: 1220)
- (83) tem uma filosofia na vida que ele vai... **(i)** quer atingir determinada meta **(ii)** quer pesquisar **(iii)** quer estudar isso ou aquilo (D2-62: 1555)
- (84) não posso deixar de reconhecer **(i)** que:: a cidade neurotiza...**(ii)** que a cidade

irrita... (iii) que a cidade é desumana... (iv) que a cidade realmente... ahn... procura nos roubar aqueles que seriam os valores assim de uma certa espiritualidade (D2-255: 1463)

Nesses exemplos apresentados, percebe-se a grande frequência das construções correlativas, com o uso dos elementos *que, para*⁴¹, *quer, ou* de maneira recorrente. É com esses elementos coesivos que a “lista” se faz presente e possível. Já que todos os membros da repetição têm o mesmo estatuto, apresenta-se uma relação paratática entre esses membros.

e) **reforço** – neste caso, temos a repetição evidentemente ‘pleonástica’, em que as porções informacionais não acrescentam realmente informações novas e sim, simplesmente, parafraseiam a informação dada. Temos a seguinte configuração: [x = y (ou, até mesmo = z)]

Palavra com mesmo radical:

- (85) ele vai naquela linha e isso **rePOU**sa... eu acho isso **repouSANTe** (D2-255: 250)
- (86) uma viagem de trem para mim sempre **repousa** sempre foi **repousante** (D2-255: 256)
- (87) **estudei** bem fiz um **estudo** certinho para ver qual era o melhor e foi determinado... foi visto que aquela era melhor (D2-360: 396)
- (88) a pessoa diz se **está interessada** ou **não está interessada**... ou diz... o **interesse** dela ou dele é a partir.... de uma faixa tal... (D2-360: 1084)

Nesse caso, temos a reduplicação a serviço prototípico da ênfase. Poderia acontecer de a dupla informativa ser composta por $V \rightarrow N$ ou então $N \rightarrow V$. Nos

⁴¹ Sobre a estrutura “para + infinitivo”, ver SARTIN (2008). Nesse estudo, a autora aborda, também, alguns casos de estruturas duplicadas.

exemplos em análise, porém, só tivemos casos de V → N, como se percebe em (85) e (86) ‘repousa → repousante’ e em (87) ‘estudei → estudo’. Mesmo em (88), temos a perífrase ‘está ou não está interessada → interesse’.

Palavra diferente:

- (89) ela é **PAga** ela é **sustenTAda** pelo anúncio... pelo comercial (D2-255: 595)
- (90) porque não há condições da das pessoas **desenvolverem** isso... certo? **aperfeiçoarem... modificarem** não há... sei lá (D2-62: 1623)
- (91) o grande instrumento de colocar as pessoas assim num nível de participação de tudo que **ocorre** de tudo que **acontece** (D2-255: 1003)
- (92) justamente para aBRIR o **apetite** do aluno... para aBRIR a **vontade** do aluno para realmente aquele que viria a ser o texto (D2-255: 1216)
- (93) sem nenhuma restrição... pelo contrário... até **ajudando... estimulando...** essa coisa toda (D2-255: 1390)
- (94) precisa praticar esporte precisa... **precisa é necessário é fun::/ é fundamental** o esporte né? (D2-360: 1345)
- (95) se bem que os produtores já **viram** já **perceberam** (D2-333: 169)
- (96) Eu acho que aí se eu tivesse tentado teria conseguido mas realmente **faltou ânimo faltou interesse** ((risos)) (D2-360: 1557)

Nesses exemplos, a reduplicação se fez presente por intermédio de palavras com semelhança semântica e vemos a repetição tanto de verbos equivalentes quanto de nomes equivalentes. Um caso interessante é o (94) em que as escolhas equivalentes foram colocadas a ponto de gerar uma gradação crescente entre elas, ou seja, ‘precisa > é necessário > é fundamental. Usamos o sinal de maior (>) nesse momento não para significar derivação, mas sim para demonstrar a gradação crescente já comentada.

Somente para ilustrar se esse tipo de reduplicação é exclusivo da Língua Portuguesa (já temos como hipótese que não), lançamos mão de exemplos e

comentários presentes em *Sintaxis Española: nevos y viejos enfoques*, de Antonio Narbona Jiménez (1989). Nessa obra, o autor reúne diversos estudos sobre a sintaxe do espanhol, baseado, principalmente, em dados do dialeto da Andaluzia e, metodologicamente, mesclando sincronia com diacronia. Questiona, ainda, os estudos lingüísticos centrados na língua culta, escrita e literária, tendo como recorte a oração, não percebendo que as orações devem ser vistas como “piezas integradoras de textos o discursos reales, únicos que transmiten y comunican verdaderos mensajes”⁴² (JIMÉNEZ, 1989: 8) Vamos nos ater aqui ao capítulo “Problemas de sintaxis andaluza”, em que é tratada a fala espontânea cotidiana. Tal qual o autor, é importante salientar que o adjetivo *andaluza* não tem caráter exclusivo, nem excludente, servindo apenas para caracterizar o material de análise que, como veremos, demonstra pontos que podem ser percebidos em outros dialetos ou línguas.

No capítulo citado, o autor discorre sobre as características da língua falada, entre elas algumas se assemelham ao visto nesta tipologia de reduplicação aqui abordada, a saber:

- i) a ausência de uma rígida estrutura sintática permite sucessivas “precisiones”, incluindo auto-correções (“Yo, mi categoría és maestro albañil, vamos, empresario, una pequeña empresa constructura”⁴³ p. 180 e “Yo qué sé, las tres reglas, más no, las tres reglas, sumar, restar, multiplicar, bueno, tres no, cuatro, sumar, restar, multiplicar y dividir, y ya está, hasta ahí llegabas”⁴⁴. p. 181).

⁴² Peças integradoras de textos ou discursos reais, únicos, que transmitem e comunicam verdadeiras mensagens.

⁴³ Eu, minha condição é mestre de obras, ou melhor, empresário, (tenho) uma pequena construtora.

⁴⁴ Eu que sei as três regras, mais não, as três regras, somar, subtrair, multiplicar, bem, três não, quatro, somar, subtrair, multiplicar e dividir, e já está, até aí chegadas.

ii) a flexibilidade sintática permite o uso de recursos de insistência redundante (“me acuerdo estupendamente: y era chico-chico⁴⁵”. “Aquello estaba precioso-precioso⁴⁶”. “Lo he dejado seco, seco.⁴⁷” p. 181), até mesmo com inversão seqüencial (¡También eso cansa, eso cansa también mucho!⁴⁸ p. 182).

Durante a coleta de dados nos diálogos selecionados, encontramos casos que se assemelham aos expostos por Jiménez, tais como os três próximos exemplos, que vêm com a mesma numeração em que já ocorreu neste trabalho:

(61) ele se prenderá dois anos na firma...// eles obrigam a maioria das firmas obrigam isso ele se apre/ ele se prende num contrato de DOIS anos terminando o curso... ele deverá permanecer na firma... (D2-62: 934)

Ao que ele denominou “sucesivas precisiones”, chamamos neste trabalho de “especificação”, abordada no item a.

(67) a fase o cinema nacional... a fase **que nós atravessamos** né? (D2-62: 1499)

Neste exemplo, como já comentado, temos a autocorreção feita, aqui abordada como correção e retificação no item b.

(85) uma viagem de trem para mim sempre **repousa** sempre foi **repousante** (D2-255: 256)

A insistência redundante, segundo Jiménez, foi percebida como reforço (item e).

Embora com nomes diferentes, percebemos que o mesmo procedimento sintático, visando aos mesmos sentidos, foi utilizado tanto na língua espanhola quanto na língua portuguesa falada no Brasil. Estudos mais exaustivos devem demonstrar que essa é uma ocorrência comum a todas as línguas.

⁴⁵ Me recordo totalmente: e era pequeno-pequeno

⁴⁶ Aquilo estava precioso-precioso.

⁴⁷ É deixado seco-seco

⁴⁸ Também isso cansa, isso cansa também muito!

Como mais um exemplo de reduplicação na língua falada, vamos comentar o texto jornalístico publicado na Revista Veja⁴⁹, o qual foi usado para ilustrar uma das conseqüências da crise nos Estados Unidos, reportando a uma entrevista com o novo pobre americano. O jornalista citou as palavras usadas pelo entrevistado e, o que chama a atenção, é justamente o uso constante de reduplicações. O próprio título dado ao *box* da reportagem é: “Nada mau, nada mau”, uma das falas do entrevistado para analisar a sua situação e também usada para avaliar a quantia que ganha com o seu serviço de coleta de latas e garrafas e a venda para reciclagem. Outra fala do entrevistado, “É um absurdo, é um absurdo”, é usada para protestar contra o fato de não ter sido aceito no programa de distribuição de vales-alimentação, demonstrando a incapacidade argumentativa para expor sua insatisfação em relação aos critérios usados para fazer parte desse programa. É como se ele falasse por clichês.

A reduplicação desse tipo é mais característica na língua falada, já que a língua escrita pode ser planejada e corrigida, ocorrendo apagamentos sempre que forem necessários para que se consiga um “bom texto”, econômico, claro e conciso. E é justamente por isso que chama mais a atenção a ocorrência dessas reduplicações nessa reportagem.

A intencionalidade do jornalista é percebida na escolha do título “Nada mau, nada mau”, induzindo a uma comparação implícita com a situação dos pobres brasileiros e criando um tom irônico, já que a história de vida do entrevistado não comporta totalmente a avaliação positiva que ele faz.

⁴⁹ O texto integral encontra-se nos anexos.

Tal como o exposto no exemplo da Revista Veja, o exemplo (98) sai do plano sintático e invade o plano textual, típico da abordagem textual-interativa de Marcuschi.

(99) a novela puxa o disco porque parece que na vendagem dos discos eles são muito... requisitados esses discos de novelas né? (D2-333: 531)

À luz dos estudos desenvolvidos por esse autor, podemos analisar o fragmento anterior como sendo uma reduplicação a serviço da argumentação, mas percebendo que esse recurso só propiciou uma circularidade textual, uma vez que a causa dos discos com temas de novela serem muito vendidos não é apresentada: novela puxa disco – por quê? – são muito requisitados discos de novela. Ou seja, a reduplicação, nesse caso, esteve a serviço da argumentação.

A tipologia 4 abarca exemplos que são mais textuais que gramaticais, razão pela qual não é possível aplicar os modelos de gramaticalização.

Considerações finais

O objetivo deste trabalho foi analisar casos de reduplicação de porções informativas, apresentadas em forma de sílabas, morfemas, palavras e orações, estabelecendo uma possível relação entre esse procedimento e os processos de gramaticalização.

Numa abordagem sincrônica, pudemos verificar a possibilidade de relacionar gramaticalização com reduplicação nos casos em que esta está a serviço de formas gramaticais, sendo necessária para estabelecer funções já explicitadas anteriormente na palavra. Nos demais casos de reduplicação, em que a função discursivo-pragmática faz-se mais presente, não foi possível estabelecer a relação com os processos de gramaticalização.

Desse modo, voltamos às perguntas feitas anteriormente: Seria a reduplicação uma necessidade estilística ou seria, nos casos ilustrados por nós e pelos autores, um efeito de esquecimento histórico? Haveria uma explicação lógica para esses tipos de estruturas? Ou, alargando mais a nossa perspectiva, os casos de reduplicação no português culto falado seriam explicáveis pelo processo de gramaticalização? Com esta pesquisa, ratificamos que a reduplicação pode ter como foco a questão discursivo-pragmática servindo para realçar idéias, pôr em evidência a palavra, reforçar noções, etc., mas também a reduplicação tem como objetivo

evidenciar traços da palavra que já foram perdidos pelo falante atual. Nesse último caso, ficam mais evidentes as relações com a gramaticalização.

Recuperando o que foi feito neste trabalho, utilizamos alguns modelos usados para mensurar a gramaticalização de um item, tanto em termos de abstratização (HEINE, CLAUDI & HÜNEMEYER, 1991), quanto em termos de percurso de gramaticalização, quer em termos de itens já gramaticalizados (LEHMANN, 1995), quer em termos de itens em incipiente gramaticalização (HOPPER, 1991).

Nos casos de reduplicação por processamento fônico na palavra, bastante comumente relacionados historicamente a onomatopéias, percebemos que não há percurso de abstratização dos itens, não há a criação de termos mais gramaticais, nem marcas de conexão ou cristalização. Nesse caso, temos termos reduplicados tendo em vista a expressividade sonora/fonológica e até mesmo semântica. Essa tipologia serve, em última análise, à criação lexical.

Na reduplicação por processamento sintático regencial, temos o caso que mais claramente se associa aos processos de gramaticalização. Os itens sofrem abstratização, via procedimentos metafóricos, os princípios de Hopper podem ser exemplificados pelos prefixos/preposições analisados e os parâmetros de Lehmann são adequados à análise. Assim, vê-se que os prefixos-preposições sofrem mudanças metafóricas desde o latim e que, em seu uso, concorrem tanto formas diferentes de exprimir o mesmo significado quanto a especialização de uma única forma possível em um contexto de uso. Em todos os casos, há a passagem de itens mais lexicais ou menos gramaticais para itens mais gramaticais, ilustrando bem a gramaticalização de um item via *bleaching* semântico, em que há o esvaziamento do sentido e a necessidade de retomá-lo por meio da reduplicação, mas também uma

manutenção já que a mesma palavra (no caso prefixo-preposição) é recrutada nessa reduplicação.

Tanto a reduplicação por processamento sintático não regencial quanto a reduplicação sintática de orações, nos casos que estiveram sob análise, não se prestam à análise gramatical, pois são procedimentos que estão a serviço do texto, com função claramente discursivo-pragmática. Para analisar esses casos, seriam necessários outros critérios de gramaticalização, o que não foi o objetivo deste trabalho.

O resultado de toda a análise, pensada como objetivo inicial, levou-nos ao reconhecimento do diálogo entre gramaticalização e reduplicação em casos mais restritos. Também permitiu o reconhecimento de padrões distintos de reduplicação, dentre os quais alguns que não puderam ser explicados à luz da teoria da gramaticalização. Constitui-se esta dissertação, em suma, uma contribuição que se estende aos estudos lingüísticos descritivos por tratar de estruturas recorrentes e pouco estudadas no português, embora tenham já desenvolvidos funções diversas que podem ser agrupadas nos seguintes rótulos de caráter formal: reduplicação ou redobro.

Referências bibliográficas

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo, Série Princípios, Ática, 2002.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa* (37.^a ed) Rio de Janeiro: Ed. Lucerna, 2005.

BYBEE, Joan . Cognitive process in Grammaticalization. In: TOMASELLO, M. *The new psychology of language* – vol 11 – New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates Inc., 2003a, PP 145-167.

_____. *Mechanisms of change in grammaticalization: the role of frequency*. 2003b Disponível em <http://www.unm.edu/~jbybee/mechofchng.htm>, acessado em 20/06/2006.

_____. *Mechanisms of change as universals of language*. s/d. Disponível em http://www.unm.edu/~jbybee/mechs_univ.htm, acessado em 19/11/2007.

BYBEE, Joan; PERKINS, Revere; PAGLIUCA, William. *The evolution of grammar - tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

CÂMARA JR, J. Mattoso. *Dicionário de Filologia e Gramática* (5.^a ed). Rio de Janeiro, Jozon Ed, 1973.

CASTILHO, Ataliba e PRETI, Dino (org.) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo – Vol. II – Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: Ed. T.A. Queiroz/Fapesp, 1987.

CASTILHO, Ataliba T. A gramaticalização. In: *Estudos lingüísticos e literários* (19), 1997a, pp.25-64.

_____. Para uma sintaxe da repetição – língua falada e gramaticalização. *Língua e Literatura* – nº23, 1997b, pp. 293-330.

_____. Aspectos teóricos de la descripción de la lengua hablada. In: LILLO, Mario Bernales e OYARZÚN, Constantino Contreras (org.) *Por los caminos del lenguaje*, Temuco: Ediciones Universidad de la Frontera, 1998, pp.23-37.

_____. *Abordagem da língua como um sistema complexo – Contribuições para uma nova Lingüística Histórica*. 2006 inédito.

CRYSTAL, David. *Dicionário de lingüística e fonética*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2000.

CUNHA, Antonio Geraldo de. *Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

DEFENDI, Cristina Lopomo, SPAZIANI, Lídia, VICENTE, Renata Barbosa e CACCIAGUERRA, Vanessa. *Advérbios em foco: atrás, afinal, onde e fora sob a*

perspectiva da teoria multissistêmica. IN: CASTILHO, Ataliba T. (org.). História do Português Paulista – Série Estudos. Campinas: IEL/Unicamp, 2008. (V.1). No prelo.

DEFENDI, Cristina Lopomo. A Gramaticalização do item-fonte “atrás”. Comunicação oral na X Mostra de Pós-graduação - Língua e Literatura - A pesquisa em foco, Mackenzie, 2006.

DETTGES, Ulrich e WALTEREIT, Richard. *Grammaticalization vs. reanalysis: a semantic-pragmatic account of functional change in grammar*. Universität Tübingen Zeitschrift für Sprachwissenschaft, vol. 21, 2002, pp. 151-195.

DIK, Simon C. Towards a functional Grammar of discourse. In: *The theory of functional Grammar*. Part2 – Complex and derived construction. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997, pp.409-441.

DUBOIS, Jean *et alii*. *Dicionário de lingüística*. São Paulo: Cultrix, 1978.

FARIA, Ernesto. *Dicionário escolar latino-português* (6.ªed). Rio de Janeiro: FAE, 1991.

FRANCK, Dorothea. Sentenças em turnos conversacionais: um caso de “double bind” sintático. In: DASCAL, Marcelo. *Cadernos de Estudos Lingüísticos* n.º 11, Campinas: 1986, pp. 09 a 20.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização – princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, S.C.L. e CARVALHO, C.S. Critérios de gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização – princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp. 67-90.

GONÇALVES, S.C.L; LIMA-HERNANDES, M.C.; CASSEB-GALVÃO, V.C. e CARVALHO, C.S. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs.). *Introdução à gramaticalização – princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007, pp. 15-66.

HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederick. “From cognition to grammar – Evidence from African Languages.” In: TRUGOTT, E.C. e HEINE, B. (eds) *Approaches to grammaticalization. Vol.I: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, 1991, pp.149-187.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. IN: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, pp.103-127.

_____. As paráfrases na construção do texto falado: o caso das paráfrases em relação paradigmática com suas matrizes. In: KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português falado*. Vol. VI: Desenvolvimentos, Campinas, SP: Editora Unicamp/Fapesp, 1996. pp.131-147.

HOPPER, Paul J. e TRAUGOTT, Elizabeth Closs. *Grammaticalization*. Cambridge University Press, 1993.

HOPPER, Paul J. On some principles of grammaticalization. In: TRAUGOTT, Elizabeth Closs & HEINE, Bernd (eds.) *Approaches to grammaticalization. Vol. I: Focus on theoretical and methodological issues*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1991, pp.17-35.

HOUAISS, A., VILLAR, M.S; *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa – CD-Rom – São Paulo*, Ed. Objetiva, 2002.

JIMÉNEZ, Antônio Narbona. *Sintaxis española: nuevos e viejos enfoques*. Barcelona: Ed. Ariel, 1989.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Tematização e rematização no português falado no Brasil. In: GARTNER, Eberhard; HUNDT, Christine; SCHONBERGER, Axel (eds.) *Estudos de lingüística textual do português*. Frankfurt am Main: TFM, 2000, pp. 127-148.

_____. *O texto e a construção dos sentidos* (7.^a ed.) São Paulo: Contexto, 2003.

LABOV, William. *Principles of linguistic change*. Volume I: Internal factors. Oxford: Blackwell, 1994.

LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. Lisboa: Seara Nova, 1945.

LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. *A interface Sociolingüística / Gramaticalização: estratificação de usos de tipo, feito, igual e como – sincronia e diacronia*. Tese de doutoramento. Campinas: Unicamp, 2005.

LONGHIN-THOMAZI, Sanderléia Roberta. Uma proposta semântica para a combinação de orações: resgatando os critérios de Bally. In: *Revista da Anpoll*, nº 16, 2004, pp. 321-348.

MACHADO, José Pedro. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2^a ed. Lisboa - Portugal: Editora Confluência Ltda., 1967.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A repetição na língua falada como estratégia de formulação textual. In: KOCH, Ingedore G. Villaça. *Gramática do Português Falado* (v. VI – Desenvolvimentos). Campinas: Ed. Unicamp, 2002, pp.105-141.

MARTELOTTA, Mário Eduardo; VOTRE, Sebastião Josué e CEZARIO, Maria Maura. *Gramaticalização no português do Brasil – uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/Departamento de Lingüística e Filologia – UFRJ, 1996.

MAURER JR., Theodoro Henrique. *A unidade da România Ocidental*. São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, 1951.

MEILLET, Antonie. L'évolution des formes grammaticales. In: Linguistique historique et linguistique générale. Paris: Librairie Ancienne Honoré Champion, pp. 130-148.

MELO, Gladstone Chaves de. *A língua do Brasil*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, Ed. da FGV, 1975.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. *O processo de redobramento sintático no português medieval. A formação das perífrases com estar*. Tese de doutoramento. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2005.

NEVES, Maria Helena de Moura. *A gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. *Texto e Gramática*. São Paulo: Contexto, 2006.

PRETI, Dino. (org.). *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993

ROMANELLI, R.C. *Os prefixos latinos – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico*. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964.

ROMERO, Nanci. *Abordagem multissistêmica dos itens com e sem: contribuição à história do Português Brasileiro*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP. São Paulo, 2005.

SAID ALI, M. *Gramática Histórica da Língua Portuguesa*. (ed. revista e ampliada). São Paulo: Cia Melhoramentos, Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 2001.

SANDMANN, A. J. *A formação de palavras no português brasileiro contemporâneo*. Curitiba: Scientia et Labor: Ícone, 1988.

SAPIR, Edward. *A linguagem – introdução ao estudo da fala*. (2ªed.) tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1971.

SARAIVA, F. R. *Dicionário latino-português*. (11ª ed.) Rio de Janeiro, Liv. Garnier, 2000.

SARTIN (2008), Elisângela Baptista de Godoy. *Gramaticalização de combinação de orações: estruturas para + infinitivo no português*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2008.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Lingüística Geral*. (5ª ed.) São Paulo, Ed. Cultrix, 1973.

SWEETSER, Eve. *From etymology to pragmatics – metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 1988a.

_____. Gramaticalization and semantic bleaching. In: AXMAKER, S. et al. *General session and parasession on gramaticalization*. Berkely Linguistics Society, 1988b. p.389 a 405.

TADDAY, Gilberto. “Nada mau, nada mau”. *Revista Veja*. Disponível em http://veja.abril.com.br/230408/p_072.shtml [Acesso em 22/04/2008]

ULLMANN, Stephen. *Semântica: uma introdução à Ciência do Significado*. 5ª edição. Tradução de J.A Osório Mateus. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VERÍSSIMO, Luís Fernando. Pá pá pá. In: *Comédias para se ler na escola*. Projeto Democratização da Leitura: br.geocities.com/literabook/lernaescola.pdf [Acesso em 22/4/2008]

_____. O recital. In: *O Analista de Bagé*. Porto Alegre: L & PM Editores, 1981, p. 58. Releituras: http://www.releituras.com/lfverissimo_menu.asp [Acesso em 22/04/2008]

VIARO, Mário Eduardo. *Das preposições latinas às do português e do romeno: derivações semânticas*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP. São Paulo, 1994.

VIARO, Mário Eduardo. *Por trás das palavras – manual de etimologia do português*. São Paulo: Globo, 2004.

WILLIAMS, Edwin B. *Do latim ao português: fonologia e morfologia históricas da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Bibliografia complementar:

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (org.) *Análise de textos orais*. São Paulo: FFLCH/USP, 1993, pp. 129 a 156.
- BYBEE, Joan e PAGLIUCA, William. The evolution of future meaning. In GIACALONE-RAMAT, Anna, ONOFRIO, Carruba e BERNINI, Giuliano. (eds.) *Papers from the 7th International Conference on Historical Linguistics*, 1987.
- BYBEE, Joan L.; PERKINS, Revere D.; PAGLIUCA, William. *The evolution of Grammar - tense, aspect, and modality in the languages of the world*. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CAMACHO, Roberto Gomes; PEZATTI, Erolilde Goreti. Repetição e coordenação. *DELTA*, São Paulo, v. 14, 1998.
- CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. *Princípios de Lingüística geral: como introdução aos Estudos Superiores da Língua Portuguesa*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1973.
- CASTILHO, Ataliba T. "Língua falada e gramaticalização". In: *Filologia e Lingüística Portuguesa*, n.º1, 1997c, pp.107-120.
- _____. Proposta funcionalista de mudança lingüística. In: RAMOS, Jânia (org.) *Para a história do Português Brasileiro*. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2003, v. 5, pp. 45-70.
- GUIMARÃES, Elisa. *A articulação do texto*. (4ª ed.) São Paulo: Ática, 1995.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike & HÜNNEMEYER, Friederik, *Grammaticalization. A conceptual framework*. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1991.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia Pereira. *Gramaticalização de Combinação de Cláusulas: Orações de Tempo no Português do Brasil*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: USP, 1998.
- _____. Retrato sociolingüístico da variedade culta paulistana falada (segunda metade do século XX ao início do século XXI) In: CASTILHO, A. T. *Projeto temático CAIPIRA – variação e mudança do Português de São Paulo*. Submetido como projeto temático à Fapesp em julho/2006.
- MARTELOTTA, M.E.; VOTRE, Sebastião Josué; CEZÁRIO, Maria Maura (orgs.). *Gramaticalização no Português do Brasil: uma abordagem funcional*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MOLLICA, Maria Cecília (org.). *Introdução à Sociolinguística Variacionista* (3.^a ed.) Rio de Janeiro: Cadernos Didáticos., UFRJ, 1996.

MORAES DE CASTILHO, Célia Maria. Seria quatrocentista o português implantado no Brasil? Estruturas sintáticas duplicadas em textos portugueses o século XV. In: MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). *Para a História do português brasileiro*. volume II, São Paulo: Humanitas/FFLCH, 2001, pp. 57-89.

MORAES, Lygia Corrêa Dias de. *Nexos de coordenação na fala urbana culta de São Paulo*. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 1987.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: Ed. Unesp, 2000.

PEZATTI, Erotilde Goreti; CAMACHO, Roberto Gomes. *Aspectos funcionais da ordem dos constituintes*. DELTA, São Paulo, v. 13, n. 2, 1997.

RIO-TORTO, Graça Maria. *Morfologia Derivacional – teoria e aplicação ao Português*. Porto: Porto Ed, 1998.

RODRIGUES, Angélica T. C. “*Eu fui e fiz esta tese*”: as construções do tipo FOI FEZ no Português do Brasil. Tese de doutoramento, Campinas, IEL/Unicamp, 2006.

SACKS, Harvey, SCHEGLOFF, Emmanuel e JEFFERSON, Gail. Sistemática elementar para a organização da tomada de turnos para a conversa. (trad.) *Veredas. Revista de Estudos Lingüísticos* 7 (1), 2003 pp. 9-73.

SILVA, Denise Elena Garcia da. *A repetição em narrativas de adolescentes: do oral ao escrito*. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Plano Editora: Oficina Editorial / Instituto de Letras - UnB, 2001.

Anexos:

Anexo 1:

Pá, Pá, Pá

A americana estava há pouco tempo no Brasil. Queria aprender o português depressa, por isto prestava muita atenção em tudo que os outros diziam. Era daquelas americanas que prestam muita atenção.

Achava curioso, por exemplo, o "pois é". Volta e meia, quando falava com brasileiros, ouvia o "pois é". Era uma maneira tipicamente brasileira de não ficar quieto e ao mesmo tempo não dizer nada. Quando não sabia o que dizer, ou sabia mas tinha preguiça, o brasileiro dizia "pois é". Ela não agüentava mais o "pois é".

Também tinha dificuldade com o "pois sim" e o "pois não". Uma vez quis saber se podia me perguntar uma coisa.

- Pois não - disse eu, polidamente.

- É exatamente isso! O que quer dizer "pois não"?

- Bom. Você me perguntou se podia fazer uma pergunta. Eu disse "pois não".

Quer dizer, "pode, esteja à vontade, estou ouvindo, estou às suas ordens..."

- Em outras palavras, quer dizer "sim".

- É.

- Então por que não se diz "pois sim"?

- Porque "pois sim" quer dizer "não".

- O quê?!

- Se você disser alguma coisa que não é verdade, com a qual eu não concordo, ou acho difícil de acreditar, eu digo "pois sim".

- Que significa "pois não"?

- Sim. Isto é, não. Porque "pois não" significa "sim".

- Por quê?

- Porque o "pois", no caso, dá o sentido contrário, entende? Quando se diz "pois não", está-se dizendo que seria impossível, no caso, dizer "não". Seria inconcebível dizer "não". Eu dizer não? Aqui, ó.

- Onde?

- Nada. Esquece. Já "pois sim" quer dizer "ora, sim!". "Ora se aceitar isso."

"Ora, não me faça rir. Rã, rã, rã."

- "Pois" quer dizer "ora"?

- Ahn... Mais ou menos.

- Que língua!

Eu quase disse: "E vocês, que escrevem 'tough' e dizem 'tâf'?", mas me contive. Afinal, as intenções dela eram boas. Queria aprender. Ela insistiu:

- Seria mais fácil não dizer o "pois".

Eu já estava com preguiça.

- Pois é.

- Não me diz "pois é"!

Mas o que ela não entendia mesmo era o "**pá, pá, pá**".

- Qual o significado exato de "**pá, pá, pá**".

- Como é?

- "**Pá, pá, pá**".

- "Pá" é pá. "Shovel". Aquele negócio que a gente pega assim e...

- "Pá" eu sei o que é. Mas "pá" três vezes?

- Onde foi que você ouviu isso?
- É a coisa que eu mais ouço. Quando brasileiro começa a contar história, sempre entra o "**pá, pá, pá**".

Como que para ilustrar nossa conversa, chegou-se a nós, providencialmente, outro brasileiro. E um brasileiro com história:

- Eu estava ali agora mesmo, tomando um cafezinho, quando chega o Túlio. Conversa vai, conversa vem e coisa e tal e **pá, pá, pá**... Eu e a americana nos entreolhamos.

- Funciona como reticências - sugeri eu. - Significa, na verdade, três pontinhos. "Ponto, ponto, ponto."

- Mas por que "pá" e não "pó"? Ou "pi" ou "pu"? Ou "etcétera"?

Me controlei para não dizer - "E o problema dos negros nos Estados Unidos?".

Ela continuou:

- E por que tem que ser três vezes?

- Por causa do ritmo. "**Pá, pá, pá**." Só "**pá, pá**" não dá.

- E por que "pá"?

- Porque sei lá - disse, didaticamente.

O outro continuava sua história. História de brasileiro não se interrompe facilmente.

- E aí o Túlio com uma lengalenga que vou te contar. Porque **pá, pá, pá**...

- É uma expressão utilitária - intervim. - Substitui várias palavras (no caso toda a estranha história do Túlio, que levaria muito tempo para contar) por apenas três. É um símbolo de garrulice vazia, que não merece ser reproduzida. São palavras que...

- Mas não são palavras. São só barulhos. "**Pá, pá, pá**."

- Pois é - disse eu.

Ela foi embora, com a cabeça alta. Obviamente desistira dos brasileiros. Eu fui para o outro lado. Deixamos o amigo do Túlio papeando sozinho.

Luís Fernando Veríssimo

Projeto Democratização da Leitura: br.geocities.com/literabook/lernaescola.pdf
[Acesso em 22/4/2008]

Anexo 2

O Recital

Uma boa maneira de começar um conto é imaginar uma situação rigidamente formal — digamos, um recital de quarteto de cordas — e depois começar a desfiá-la, como um pulôver velho. Então vejamos. Um recital de quarteto de cordas.

O quarteto entra no palco sob educados aplausos da seleta platéia. São três homens e uma mulher. A mulher, que é jovem e bonita, toca viola. Veste um longo vestido preto. Os três homens estão de fraque. Tomam os seus lugares atrás das partituras. Da esquerda para a direita: um violino, outro violino, a viola e o violoncelo. Deixa ver se não esqueci nenhum detalhe. O violoncelista tem um grande bigode ruivo. Isto pode se revelar importante mais tarde, no conto. Ou não.

Os quatro afinam seus instrumentos. Depois, silêncio. Aquela expectativa nervosa que precede o início de qualquer concerto. As últimas tossidas da platéia. O primeiro violinista consulta seus pares com um olhar discreto. Estão todos prontos, o violinista coloca o instrumento sob o queixo e posiciona seu arco. Vai começar o recital. Nisso...

Nisso, o quê? Qual a coisa mais insólita que pode acontecer num recital de um quarteto de cordas? Passar uma manada de zebus pelo palco, por trás deles? Não. Uma manada de zebus passa, parte da platéia pula das suas poltronas e procura as saídas em pânico, outra parte fica paralisada e perplexa, mas depois tudo volta ao normal. O quarteto, que manteve-se firme em seu lugar até o último zebu — são profissionais e, mesmo, aquilo não pode estar acontecendo — começa a tocar. Nenhuma explicação é pedida ou oferecida. Segue o Mozart

Não. É preciso instalar-se no acontecimento, como a semente da confusão, uma pequena incongruência. Algo que crie apenas um mal-estar, de início e chegue lentamente, em etapas sucessivas, ao caos. Um morcego que posa na cabeça do segundo violinista durante um pizzicato. Não. Melhor ainda. Entra no palco um homem carregando uma tuba.

Há um murmúrio na platéia. O que é aquilo? O homem entra, com sua tuba, dos bastidores. Posta-se ao lado do violoncelista. O primeiro violinista, retesado como um mergulhador que subitamente descobriu que não tem água na piscina, olha para a tuba entre fascinado e horrorizado. O que é aquilo? Depois de alguns instantes em que a tensão no ar é como a corda de um violino esticada ao máximo, o primeiro violinista fala:

— Por favor...

— O quê? — diz o homem da tuba, já na defensiva. — Vai dizer que eu não posso ficar aqui?

— O que o senhor quer?

— Quero tocar, ora. Podem começar que eu acompanho.

Alguns risos na platéia. Ruídos de impaciência. Ninguém nota que o violoncelista olhou para trás e quando deu com o tocador de tuba virou o rosto em seguida, como se quisesse se esconder. O primeiro violinista continua:

— Retire-se, por favor.

— Por quê? Quero tocar também.

O primeiro violinista olha nervosamente para a platéia. Nunca em toda a sua carreira como líder do quarteto teve que enfrentar algo parecido. Uma vez um mosquito entrou na sua narina durante uma passagem de Vivaldi. Mas nunca uma tuba.

— Por favor. Isto é um recital para quarteto de cordas. Vamos tocar Mozart. Não tem nenhuma parte para a tuba.

— Eu improvisei alguma coisa. Vocês começam e eu faço o *um-pá-pá*.

Mais risos na platéia. Expressões de escândalo. De onde surgiu aquele homem com uma tuba? Ele nem está de fraque. Segundo algumas versões veste uma camisa do Vasco. Usa chinelos de dedo. A violista sente-se mal. O violinista ameaça chamar alguém dos bastidores para retirar o tocador de tuba a força. Mas ele aproxima o bocal do seu instrumento dos lábios e ameaça:

— Se alguém se aproximar de mim eu toco *pof*!

A perspectiva de se ouvir um *pof* naquele recinto paralisa a todos.

— Está bem — diz o primeiro violinista. — Vamos conversar. Você, obviamente, entrou no lugar errado. Isto é um recital de cordas. Estamos nos preparando para tocar Mozart. Mozart não tem *um-pá-pá*.

— Mozart não sabe o que está perdendo — diz o tocador de tuba, rindo para a platéia e tentando conquistar a sua simpatia.

Não consegue. O ambiente é hostil. O tocador de tuba muda de tom. Torna-se ameaçador:

— Está bem, seus elitistas. Acabou. Onde é que vocês pensam que estão, no século XVIII? Já houve 17 revoluções populares depois de Mozart. Vou confiscar estas partituras em nome do povo. Vocês todos serão interrogados. Um a um, **pá-pá**.

Torna-se suplicante:

— Por favor, só o que eu quero é tocar um pouco também. Eu sou humilde. Não pude estudar instrumento de cordas. Eu mesmo fiz esta tuba, de um Volkswagen velho. Deixa...

Num tom sedutor, para a violista:

— Eu represento os seus sonhos secretos. Sou um produto da sua imaginação lúbrica, confessa. Durante o Mozart, neste quarteto anti-séptico, é em mim que você pensa. Na minha barriga e na minha tuba fálica. Você quer ser violada por mim num *allegro assai*, confessa...

Finalmente, desafiador, para o violoncelista:

— Esse bigode ruivo. Estou reconhecendo. É o mesmo bigode que eu usava em 1968. Devolve!

O tocador de tuba e o violoncelista atacam-se. Os outros membros do quarteto entram na briga. A platéia agora grita e pula. É o caos! Simbolizando, talvez, a falência final de todo o sistema de valores que teve início com o iluminismo europeu ou o triunfo do instinto sobre a razão ou ainda, uma pane mental do autor. Sobre o palco, um dos resultados da briga é que agora quem está com o bigode ruivo é a violista. Vendo-a assim, o tocador de tuba pára de morder a perna do segundo violinista, abre os braços e grita: "Mamãe!"

Nisso, entra no palco uma manada de zebus.

Luis Fernando Veríssimo

Crônica extraída do livro "O Analista de Bagé", L & PM Editores Ltda - Porto Alegre, 1981, pág. 58.

Releituras: http://www.releituras.com/lfverissimo_menu.asp [Acesso em 22/04/2008]

Anexo 3

"NADA MAU, NADA MAU"

Gilberto Tadday



Freddy, com suas latas e garrafas para vender: 700 dólares

Os novos pobres americanos são cada vez mais numerosos, mas a grande maioria tem algo precioso: apesar da pobreza, vivem com dignidade. Alfredo Arroyo, 53 anos, 1,5 metro de altura, quatro filhos criados, mora no subsolo de um edifício no sul do Bronx, uma das regiões mais empobrecidas de Nova York. Faltam-lhe dentes na boca, sofre de ataques que lhe fazem morder a língua sempre que esquece de tomar a medicação, seu olhar é entristecido, mas sua vida é decente. "**Nada mau, nada mau**", diz ele. No subsolo onde vive com a mulher, Freddy, como é conhecido pelos amigos, obviamente não paga aluguel e ninguém o incomoda. Ele recebe uns trocados fazendo serviços esporádicos para o administrador do prédio, como recolher o lixo e consertos diversos.

A outra fonte de renda de Freddy vem da venda para reciclagem de garrafas e latas que recolhe pela rua. Cada caixa, com capacidade para 24 garrafas long neck, na cotação da semana passada valia 1,20 dólar. Em três horas, Freddy junta o suficiente para faturar 35 dólares. "**Nada mau, nada mau**", diz. Freddy só não entende por que os recicladores não aceitam latas de Red Bull. "Elas são muito finas, eles dizem. Mas qual é o problema?" Freddy não faz duas coletas por dia, o que o levaria a trabalhar diariamente cerca de seis horas. Uma vez por dia é o bastante. Folga no fim de semana e levanta 700 dólares mensais. Pode fazer assim porque sua mulher recebe o vale-alimentação do governo. São cerca de 120 dólares mensais.

Freddy tentou inscrever-se, mas não o aceitaram no programa. "**É um absurdo, é um absurdo**", protesta, sem entender as razões de sua exclusão. Comida não falta. No Bronx, há distribuição em abrigos, igrejas. Na semana passada, a Missionary Church of Christ queimava seu estoque para evitar que se estragasse. Para levar um saco plástico com alimentos frescos para casa, basta

entrar na fila, assinar o nome num caderno, como se fosse um livro de visitas, e ir embora.

Em Nova York, são raros os mendigos sentados na calçada pedindo esmolas com seus cartazes manuscritos. E nem sempre porque estão com fome. Na semana passada, enquanto Freddy vendia suas garrafas e latas, em outro ponto da cidade um mendigo estendia um pote para que lhe jogassem moedas. No cartaz, podia-se ler o seguinte: "Para que mentir? Preciso de uma cerveja". A crise não ceifou o bom humor: havia moedas no pote.

Revista Veja. Disponível em http://veja.abril.com.br/230408/p_072.shtml [Acesso em 22/04/2008]